

# **Breve História do Mundo Muçulmano**

## **Volume II**

De Rafi Ahmed Fidai

Tradução: Mônica Muniz

**BREVE HISTÓRIA DO MUNDO MUÇULMANO****Volume II**

## Índice

<b>Capítulo I – Amir Muawiya</b>	<b>6</b>
O Fundador do Califado Omíada	6
Índia	14
Turquestão	15
África do Norte	15
Choques com os Romanos	16
Marcha para Constantinopla	17
A Sucessão de Yazid	18
A Doença	21
A Morte	21
Administração e Realizações	22
<b>Capítulo II – Yazid I Bin Muawiya</b>	<b>27</b>
A Tragédia de Kerbala	28
Reação	38
Revolução no Hijaz	39
A Tragédia de Hirrah	39
Marcha para Meca	40
Conquistas	41
Os Sucessores de Yazid	41
<b>Capítulo III – Abdullah bin Zubair e Marwan bin Hakam</b>	<b>43</b>
Abdullah bin Zubair	43
Marwan bin Hakam	44
O Califado de Abdullah	45
Egito	47
<b>Capítulo IV – Abdul Malik bin Marwan</b>	<b>49</b>

Abdullah bin Zubair	49
Os Tawwabim ou os Arrepentidos	49
Mukhtar Saqafi	50
O Destino de Mukhtar	53
Os Carijitas	54
Ubaidullah bin Harja'fi	54
'Amr bin Sayid	54
A Paz com os Romanos	55
Ataque ao Iraque	55
Destino de Ibn Zubair	55
Administração	58
Qualidades Pessoais	59
<b>Capítulo V – O Novo Regime de Abdul Malik</b>	<b>60</b>
África do Norte	61
Rebelião em Sistan	62
A Questão do Herdeiro Presuntivo	63
Doença e Morte	64
Sua Política e Programas Políticos	64
Realizações	67
<b>Capítulo VI – Walid I bin Abdul Malik</b>	<b>70</b>
Turquestão e China	70
Conquista do Sind	73
Na Europa	76
As Conquistas de Musa	79
A Morte de Hajjaj	81
A Morte de Walid	82
Realizações	82
<b>Capítulo VII– Sulaiman bin Abdul Malik</b>	<b>84</b>
Qutaiba bin Muslim	85
Muhammad bin Qasim	87
Musa bin Nusair	87
Batalhas e Conquistas	89
O Sucessor	90
<b>Capítulo VIII – Omar bin Abdul Aziz</b>	<b>93</b>

Omar II	93
O Califado	94
Reformas	97
Fidak	99
Baitul Maal	100
O Fim da Opressão	103
Tratamento dos Zimmis	105
Abolição de uma Prática Ofensiva	107
Reformas Sociais	107
Obras Sociais	109
Divulgação do Islam	110
Fim dos Distúrbios	111
Conquistas	112
O Que Ele Fez e O Que Não Fez	113
Excelência e Superioridade do Saber	115
Caráter e Comportamento Pessoais	116
Doença Fatal	120
Sobre os Descendentes	120
Morte	121
<b>Capítulo IX – Yazid bin Abdul Malik</b>	<b>123</b>
Yazid II	123
A Revolta de Muhleb	123
No Turquestão	124
A Morte	124
<b>Capítulo X – Hisham bin Abdul Malik</b>	<b>126</b>
Levantes, Batalhas e Conquistas	126
Armênia e Azerbaijão	129
Conquistas na Ásia Menor	130
Sind	130
Invasões da França	132
A Quarta Invasão	132
A Última Invasão	135
Os Berberes	135
Zaid bin 'Ali	136
O Chamado Abássida	137
Suas Realizações e Personalidade	138
<b>Capítulo XI – Depois de Hisham</b>	<b>140</b>

Walid II	140
Distúrbios e Revoltas	141
Yazid III	142
Oposição a Yazid III	143
Morte de Yazid III	143
Ibrahim bin Walid bin Abdul Malik	144
Marwan II bin Muhammad bin Marwan I	144
Os Carijitas	146
Abdullah bin Muawiya	148
Os Xiitas	149
O Movimento Abássida e Abu Muslim Khurasani	150
Prisão e Assassinato de Imam Ibrahim	152
Imam Abul Abbas	153
A Queda do Corassã	154
Criado o Califado Abássida	154
Derrota e Morte de Marwan	155
Mensagem dos Omíadas	156
<b>Capítulo XII – Causas da Queda da Dinastia Omíada</b>	<b>157</b>
A Dinastia Omíada	157
<b>Capítulo XIII – Uma Revisão do Período Omíada</b>	<b>161</b>
Administração do Estado	162
Poder Militar	164
Civilização	165
Vida Cultural e Social	167
Saber, Arte e Literatura	171
Os Zimmis	179
<b>ÁRVORE GENEALÓGICA DOS OMÍADAS</b>	<b>180</b>

## **CAPÍTULO I**

### **AMIR MUAWIYA**

#### **O Fundador do Califado Omíada**

**(De 41 a 59 H – 661 a 679 d.C.)**

Amir Muawiya (r.a.a.) era filho de Abu Sufyan bin Har`b, que pertencia aos omíadas, isto é, Banu Umaiyya, um ramo, ou clã, da tribo Coraix que, por sua vez, se subdividia em dez grandes e pequenos ramos, dentre os quais Bani Hashim e Bani Omíada eram os dois maiores e mais influentes ramos. Banu Hashim, ou o clã hashemita, tinha a honra de cuidar da Caaba, o que lhe conferia supremacia sobre todas as outras tribos e Banu Omíada, ou clã omíada, era maior em número e riqueza e era responsável pela defesa da cidade de Meca, o que a tornava bastante influente também.

Embora os dois clãs fossem descendentes da mesma pessoa, Abd Munaf, no entanto, por estarem divididos em dois ramos distintos, acabou surgindo uma grande rivalidade entre eles. Mais tarde, quando os omíadas aceitaram o Islam, aquela rivalidade diminuiu bastante. Os membros do clã omíada também se mostraram muito prestativos e úteis para causa do Islam. Eles não ficaram para trás na cooperação com o Profeta (s.a.w.) e, depois de sua morte, com os três primeiros califas. Contudo, a história fornece evidências de que eles não se comprometeram com os hashemitas. Embora tivessem aceitado o Islam e sinceramente aceitado Muhammad (s.a.w.) como o Profeta de Allah, é de se notar que jamais se dispuseram a aceitar a supremacia dos hashemitas.

Embora as relações matrimoniais fossem comuns entre os dois clãs, como, por exemplo, quando o Profeta (s.a.w.) deu duas de suas filhas, primeiro Ruqqaiya, e depois

Umm Kulthum (r.a.a.), em casamento a Osman bin Affan (r.a.a.), um omíada, e uma outra filha a um outro omíada, Abul `Aas, ou quando o próprio Profeta (s.a.w.) se casou com Umm-e-Habiba (r.a.a.), a filha de Abu Sufyan e irmã de Amir Muawiya (r.a.a.), ainda assim a rivalidade entre os dois clãs nunca deixou de existir.

Após a conquista de Meca, quando o Coraix se rendeu por completo ao Profeta (s.a.w.) e em massa ingressou no Islam, Abu Sufyan e outros membros de sua família também acabaram por aceitar o Islam. Foi ainda nesta época que o jovem Muawiya teria se convertido publicamente ao Islam. No entanto, alguns historiadores sustentam que Muawiya já tinha se convertido desde o 7<sup>o</sup> ano da Hégira, logo depois do tratado de Hudaibiya, só que ele não ousava se declarar muçulmano por causa de seu pai. De acordo com a própria declaração de Muawiya<sup>1</sup>, decorrido um ano da *Umrah* realizada pelo Profeta (s.a.w.), em Meca, ele já tinha se convertido ao Islam e seu pai, Abu Sufyan, sabia do fato e, por isso, o repreendeu severamente.

Quando, após sua conquista, o Profeta (s.a.w.) entrou triunfante em Meca, Muawiya se aproximou dele e declarou sua aceitação do Islam. O Profeta (s.a.w.) ficou muito contente em saber disto e, mais tarde, o escolheu para ser seu *katib*, ou escriba. Depois de se converterem ao Islam, Abu Sufyan e outros membros de sua família foram grandemente abençoados pelo Profeta (s.a.w.).

Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), o primeiro Califa depois da morte do Profeta (s.a.w.), também dispensou uma grande atenção a esta família. Na guerra contra a Síria, Yazid, o filho mais velho de Abu Sufyan, foi nomeado comandante de um regimento do exército islâmico. Muawiya também teve a oportunidade de provar sua habilidade e nobreza na guerra. Não só os dois irmãos, mas também o pai, Abu Sufyan, e toda a família, inclusive Hinda, a esposa de Abu Sufyan,

---

<sup>1</sup> Conforme narrado por Ibn Asakar.

tiveram uma participação atuante na guerra, tentando assim, compensar os erros cometidos no passado. Era Hinda quem incitava os soldados no campo de batalha através de seus discursos e refrões.

Uma vez conquistada Damasco, Yazid, o irmão mais velho de Muawiya, foi nomeado seu governador. Porém, no 18º ano da Hégira, ele morreu em decorrência da epidemia de peste e Omar (r.a.a.), o então Califa, nomeou Muawiya em substituição ao irmão. No período do terceiro Califado, ele foi indicado governador de toda a província da Síria, permanecendo neste posto até o martírio de Osman, o Califa. Quando `Ali se tornou o quarto Califa, em substituição a Osman, ordenou que Amir Muawiya deixasse o cargo, no que não foi obedecido. Os acontecimentos que se sucederam foram descritos no primeiro volume desta obra, não havendo, portanto, necessidade de repeti-los aqui.

Em resumo, pode-se dizer que, depois da renúncia de Imam Hasan ao Califado, Muawiya se tornou o único e autocrático governante do então estado islâmico. Embora se autodenominasse califa, na verdade ele era um rei e seu regime nada mais era do que uma monarquia. É por isto que, certa vez, quando Sa`d bin Waqqas (r.a.a.), um famoso Companheiro do Profeta (s.a.w.) se dirigiu a ele de forma irônica usando a palavra *malik* (rei), ele não se ofendeu. Não há dúvida de que Amir Muawiya também foi um dos companheiros do Profeta (s.a.w.), porém, também é um fato histórico que ele conviveu com o Profeta (s.a.w.) apenas três anos como seu companheiro e não teve muita oportunidade de adquirir o conhecimento das especificidades e do espírito islâmico, como aqueles companheiros que tinham estado junto com o Profeta (s.a.w.) durante anos e tinham observado cada aspeto de sua vida. Talvez por isto, ele tenha sido tão ambicioso para alcançar poder e autoridade.

Quando Amir Muawiya chegou ao poder, as pessoas não tiveram outra alternativa que não fosse aceitá-lo como califa. Elas sabiam que, ainda que não prestassem o



juramento de fidelidade ao seu governo, ele jamais deixaria o cargo. Assim, apenas com o intuito de evitar uma guerra civil, elas o aceitaram como califa. Daí que não foi uma decisão popular que o conduziu ao poder. Foi pela força que ele fez com que as pessoas jurassem fidelidade. No entanto, no dia em que ele se tornou califa pelo uso da força, o sistema de Califado do Islam foi abolido, não tendo sido restabelecido até os dias de hoje. Embora as palavras “Califa” e “Califado” tenham permanecido correntes durante séculos, o fato é que, em seu verdadeiro sentido, o único sistema islâmico de califado que existiu foi o dos califas justos.

O regime fundado por Amir Muawiya tornou-se conhecido na história como “Califado de Banu Umaiyya”, ou Califado Omíada, e teve a duração de quase um século.

Amir Muawiya governou o mundo islâmico por cerca de vinte anos e durante seu reinado a paz e tranqüilidade predominaram por todo o território, e novas terras passaram a pertencer aos domínios muçulmanos.

Do ponto de vista político, havia três grupos, a saber:

- 1) os adeptos de `Ali, 2) os adeptos dos omíadas e 3) os carijitas.

Os adeptos de `Ali (r.a.a.), que se denominavam “*shii-aaan-e-`Al*”, não eram apenas defensores leais e determinados de `Ali, mas também opositores intransigentes de Amir Muawiya. Eles tinham transformado em artigo de fé que `Ali era o legítimo herdeiro do Profeta (s.a.w.) e somente ele e, depois dele, os membros de sua família, tinham direito ao Califado. No entanto, eles ficaram muito decepcionados quando o Imame Hasan renunciou ao Califado e Amir Muawiya se tornou Califa de todo o estado islâmico. De um modo geral, eles permaneceram como espectadores silenciosos durante o reinado de Muawiya. Jamais se viu

qualquer esforço ou conspiração por parte dos “*shi-aan-e-`Ali*”, que pudesse trazer problemas ao califado.

O segundo grupo consistia dos adeptos dos omíadas. Tendo em vista que Muawiya era um omíada, eles foram defensores do regime não havendo, portanto, qualquer dificuldade da parte deles.

Contudo, o terceiro grupo, que era composto dos carijitas, era uma fonte constante de problemas desde a época de ‘Ali, melhor dizendo, desde os últimos dias de Osman, o terceiro Califa. Eles se opuseram mortalmente a ‘Ali e a Muawiya e, como já vimos no primeiro volume, tentaram, inclusive, assassinar ‘Ali, Muawiya e Amr bin ‘Aas, alcançando o objetivo apenas com ‘Ali.

Durante o reinado de Muawiya, os carijitas reapareceram mais uma vez para criar a desordem. No 41º ano da Hégira, um dos principais carijitas, Farwa bin Naufel, se rebelou contra o regime. Amir Muawiya enviou uma unidade do exército para sufocar a revolta, que foi derrotada por Naufel. Logo em seguida, no entanto, Naufel foi morto por algumas pessoas de Kufa. Porém, os carijitas não seriam subjugados tão facilmente. Não obstante a morte de seus líderes principais, eles não perderam o fervor de lutar pelo que acreditavam. A discórdia continuou a ser disseminada e por fim, Muawiya nomeou Mughira bin Sho`ba como governador de Kufa, com o objetivo de reprimir os revoltosos. Mughira era um negociador experiente e bastante conhecido e, depois de um ano, ele conseguiu aniquilar os carijitas. Contudo, decorrido mais um ano, eles reapareceram sob a liderança de um líder de nome Masturu. Mughira mobilizou as pessoas de Kufa para combaterem Masturu e enviou um exército para enfrentá-lo, sob o comando de um chefe de Kufa, Muqal. Os combates foram violentos em vários lugares e, finalmente, Masturu e Muqal acabaram mortos. Depois dessa derrota os carijitas foram eliminados.

Amir Muawiya, sendo um grande estadista, quis pacificar e conquistar outros estadistas. Assim, ele conseguiu trazer para o seu lado vários sábios e pessoas importantes. Uma dessas pessoas foi Ziad bin *Samiah*. *Samiah* era o nome de sua mãe e ele era assim chamado por ser filho de pai desconhecido. Conta-se que nos tempos pré-islâmicos *Samiah* era uma prostituta, e que certa vez Abu Sufyan, pai de Amir Muawiya, teria passado a noite com ela e que depois disso *Samiah* passou a alardear que sua gravidez tinha acontecido por causa dessa relação sexual, embora Abu Sufyan jamais tenha reconhecido a paternidade. Assim, freqüentemente as pessoas chamavam Ziad de “*Ziad bin Abih*” ou Ziad, filho de seu pai. Ao que parece, Ziad não gostava de ser chamado assim mas não tinha muito como reagir a este respeito.

Na época do confronto entre ‘Ali e Muawiya, Ziad ficou do lado de ‘Ali, pois sempre fora um ferrenho opositor do governador da Síria. Talvez a causa psicológica dessa oposição fosse o fato de Abu Sufyan se recusar a reconhecê-lo como filho e daí ele ter desenvolvido um ódio mortal a Muawiya, de quem seria meio-irmão. Ele era muito afável e prestativo e ‘Ali gostava muito dele, tanto que o promoveu a governador da Pérsia. Ao perceber que Ziad era um negociador perspicaz e astuto, Muawiya quis trazê-lo para o seu lado e enviou uma carta a ele, por intermédio de Mughira bin Sho'ba, onde dizia que, se ele se juntasse ao seu partido, ele, Muawiya o aceitaria como seu meio-irmão e declararia isto publicamente. Este era o título pelo qual Ziad mais ansiara e assim, sem pestanejar, ele deu sua resposta positiva e prestou o juramento de fidelidade a Amir Muawiya, passando a ser chamado de Ziad bin Abu Sufyan. Isto aconteceu no 44<sup>o</sup> ano da Hégira. De um modo geral, considera-se que Amir Muawiya ter aceitado Ziad como filho de Abu Sufyan tenha sido apenas um passo político para conseguir seus objetivos, pois de outra forma a reivindicação de *Samiah*, de que Ziad era filho de Abu Sufyan, seria infundada. Qualquer que tenha sido o caso, não se pode

negar que Ziad, com sua habilidade, foi muito útil a Amir Muawiya.

Naqueles dias, o caos e a desordem campeavam por todo o Iraque. A situação em Kufa ainda permanecia sob controle de Mughira bin Sho'ba porém, em Basra estava bem pior. Abdullah bin 'Aamir, o governador de Basra – sendo um homem generoso, se sentia praticamente incapaz de controlar a situação. Assim, depois de algum tempo, o Amir o demitiu e nomeou para o seu lugar Haris bin Abdullah. Porém, também ele não conseguiu manter a ordem em Basra. Finalmente, no 45º ano da Hégira, Ziad bin Abu Sufyan foi nomeado governador de Basra, e partiu para lá com a intenção de acabar, com mãos de ferro, com os desordeiros que estavam promovendo o caos na cidade. Ele começou a agir a partir da Mesquita de Jam-e, de Basra, onde pronunciou um discurso e advertiu seriamente aqueles elementos que estavam perturbando a ordem pública. Inicialmente, ele criou uma poderosa força policial, com poderes de aniquilar os desordeiros. Foi Ziad quem primeiro impôs uma espécie de toque de recolher, segundo o qual ninguém tinha a permissão de sair de casa depois do anoitecer. As guardas policiais começaram a percorrer a cidade e aqueles que fossem encontrados nas ruas depois do anoitecer seriam implacavelmente mortos, sem qualquer consideração. Este expediente funcionou e, em pouco tempo, a situação ficou sob controle das autoridades.

No 50º ano da Hégira, depois da morte de Mughira bin Sho'ba, o cargo de governador de Kufa foi confiado a Ziad, que passou a ser o primeiro a exercer o cargo em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Ele vivia seis meses em Basra e seis meses em Kufa. Quando chegou a Kufa, encaminhou-se diretamente para a Mesquita de Jam-e, a fim de pronunciar um discurso. Porém, no meio do caminho ele foi atacado por algumas pessoas que começaram a atirar pedras nele. Ele ficou tão enfurecido que sua primeira vontade foi mandar matar todos os homens que se encontravam na mesquita. Mais tarde, no entanto, ele

ordenou que os portões da Mesquita fossem fechados e que aqueles que se encontravam dentro dela deveriam vir até ele em grupos de quatro. Quando esses grupos se apresentavam diante dele, ele os questionava sobre o ocorrido. Aqueles que juravam solenemente que não tinham nada a ver com a questão e que desconheciam quem eram os responsáveis ele liberava, porém aqueles que se recusavam a jurar eram detidos. Dessa forma, foram reunidas trinta pessoas que tiveram suas mãos cortadas por ordem de Ziad.

Uma lamentável inovação tinha sido introduzida naqueles dias, que era o uso pelos governantes em seus sermões das sextas-feiras de palavras injuriosas contra 'Ali (r.a.a.). Aqueles que amavam e respeitavam 'Ali (r.a.a.) achavam esse comportamento insuportável e assim, sempre que tais palavras eram proferidas do púlpito algumas pessoas protestavam abertamente, e Hajar bin Adi (r.a.a.) era uma dessas pessoas. Hajar era um respeitado companheiro do Profeta (S.A.W.) e, por isso, Mughira bin Sho'ba e outros governantes não se importavam muito com os seus protestos e sempre evitavam tomar qualquer atitude contra ele. Porém Ziad, não conseguindo tolerar seus protestos, mandou prendê-lo juntamente com alguns de seus companheiros e os enviou para Amir Muawiya, com a observação de que eles eram a origem dos distúrbios e que enquanto vivessem seria muito difícil estabelecer a paz. Por causa dessas observações de Ziad, Amir Muawiya os puniu com a pena de morte. Esta decisão chocou várias pessoas, inclusive Aysha, a mãe dos crentes (r.a.a.). Ao tomar conhecimento da prisão de Hajar, imediatamente ela enviou uma carta a Muawiya, onde lhe pedia que não mandasse matar Hajar. Porém, já era tarde demais porque Hajar bin Adi (r.a.a.) e seus companheiros já tinham sido executados.

Além dos distúrbios internos, houve também várias rebeliões externas acontecidas em alguns territórios conquistados. No 41<sup>o</sup> ano da Hégira, as populações de Balakh, Herat, Bushaikh e Bazgis se revoltaram. Balakh

acabou se rendendo a Qais bin Haisam, e Herat, Bushaikh e Bazgis foram dominadas por Abdullah bin Khazim.

No 43º ano da Hégira, Cabul se rebelou, porém foi subjugada por Abdur Rahman bin Samura. Ele também dominou outros lugares, inclusive o Takharistão e Ghazni. No 47º ano da Hégira, o povo de Ghaur se revoltou e também foi dominado por Hakam bin Amr Ghifari. E, assim, todas as revoltas ocorridas nas terras conquistadas foram sufocadas.

Amir Muawiya pertencia a uma família de guerreiros e ele próprio era um grande chefe militar. No período dos três primeiros califas, ele participou de várias batalhas e teve oportunidade de demonstrar sua coragem e nobreza. Assim, ao chegar ao poder, ele iniciou uma série de combates e vários novos territórios foram conquistados durante seu reinado.

## **Índia**

Durante os califados de Omar Faruq e Osman (r.a.a.), os muçulmanos já tinham posto o pé no Sind, porém nenhuma ação mais concreta tinha sido tomada até então. Foi no reinado de Amir Muawiya que a Índia foi atacada pelos dois lados, pelo Sind, de um lado, e do outro pelo desfiladeiro de Khyber.

Em primeiro lugar, no 44º ano da Hégira, um general de Amir Muawiya, de nome Muhlab bin Abi Safra, marchou do desfiladeiro de Khyber em direção à Índia. Ao chegar à fronteira, ele encontrou a resistência das pessoas mas conseguiu derrotá-las. Em seguida, ele avançou em direção a Qalat, que naquela época era conhecida pelo nome de Qiqan. Muhlab conquistou Qalat e voltou. Foi por intermédio dessa operação que as portas da Índia se abriram para os muçulmanos que, além do Afeganistão e da fronteira, conquistaram algumas regiões do Sind também. Os historiadores, no entanto, misturaram essas conquistas e se

confundiram de uma tal forma que hoje é difícil narrar cada uma delas em separado.

## **Turquestão**

Ubaidullah bin Ziad, que, no 54<sup>o</sup> ano da Hégira tinha sido nomeado governador do Corassã, pretendia conquistar o Turquestão. Com esse objetivo, ele marchou em direção a Sogdiana e, cruzando a região montanhosa, ocupou três ou quatro cidades.

No 55<sup>o</sup> ano da Hégira, Sa'id, o filho de Osman, foi nomeado governador do Corassã e prosseguiu com as aventuras de Ubaidullah bin Ziad. Depois de cruzar o rio Pyramus, Sa'id seguiu em frente e os muçulmanos conquistaram Bucara sem encontrar muita resistência.

Depois da conquista de Bucara, os muçulmanos marcharam em direção a Samarcanda e cercaram o forte. A população da cidade tentou ao máximo defendê-la. As pesadas trocas de flechas continuaram por três dias, findos os quais as pessoas começaram a desanimar, enquanto os muçulmanos continuavam cada vez mais firmes e determinados. Por fim, os turcos se renderam com a condição de pagarem ao estado islâmico um tributo anual em dirhams. Assim, o exército muçulmano, após subjugar Samarcanda, partiu para Tirmiz, que foi conquistada sem qualquer resistência.

## **África do Norte**

Embora uma grande parte da África do Norte tivesse sido conquistada durante o período dos califas justos, ainda assim, uma parte muito grande foi incorporada durante o reinado de Amir Muawiya.

'Aqba bin Nafe'y era um general conhecido pelo seu espírito corajoso. No 41<sup>o</sup> ano da Hégira, ele avançou em direção à África do Norte e, prosseguindo em sua marcha,

conquistou centenas de quilômetros de terras, mas acabou sendo impedido de continuar por causa do mar, o oceano Atlântico, também conhecido como Mar Tenebroso. Nem assim ele parou, pelo contrário, deixou que seu cavalo entrasse no oceano. Ele continuou no mar por um longo tempo, quando, então, parou e, levantando sua espada, disse: “Ó Allah, se este oceano não tivesse interrompido minha caminhada eu teria alcançado o outro lado da terra para dignificar Teu nome.”

Havia também outros generais, como Muawiya bin Khudaij, Rawifa bin Sabit Ansari, e outros, que conquistaram várias regiões da África do Norte. Alguns companheiros, como Abdullah bin Omar, Ibn Zubair, Abdul Malik etc, também participaram desses combates. Os berberes eram um povo refratário a qualquer disciplina e rebelde por natureza e só eram controlados enquanto as forças armadas ficavam vigilantes. No entanto, se houvesse um relaxamento, por menor que fosse, eles voltavam a se rebelar. Assim, Amir Muawiya resolveu mandar ‘Aqba bin Nafe’y para a África, com o objetivo de manter os berberes sob controle. Com um exército de dez mil soldados, ‘Aqba atacou os berberes rebelados e destruiu suas fortalezas. Para mantê-los sob controle no futuro, foi criada uma nova cidade, Cairuan, que passou a ser habitada majoritariamente por muçulmanos. Também foi construído um quartel nesta nova cidade de muçulmanos e, assim, o domínio do estado islâmico sobre a África do Norte foi consolidado e durante séculos Cairuan permaneceu como um centro da cultura e civilização islâmicas na África do Norte. ‘Aqba bin Nafey foi um homem muito justo e pio. Viveu e morreu em Cairuan e seu mausoléu foi construído em um lugar chamado Baskara.

## **Choques com os Romanos**

O maior oponente do estado muçulmano ainda era o império romano, com sua sede em Constantinopla. A segurança das regiões costeiras do Egito e da Síria estava



sempre sob ameaça. O Amir tinha tomado providências rigorosas para garantir a proteção daquelas regiões e para conter os romanos. A criação da marinha de guerra, juntamente com uma grande frota marítima, também fazia parte dessas providências. Apesar de todos esses cuidados, freqüentemente os romanos atacavam as áreas costeiras e não se passava um ano sem que houvesse confrontos e escaramuças entre eles. Alguns dos grandes companheiros do Profeta (s.a.w.) que ainda estavam vivos, também participaram desses combates.

### **Marcha para Constantinopla**

Por causa do perigo constante representado pelos romanos, os muçulmanos não tiveram outra alternativa se não erradicar o mal para sempre. Assim, no 49º ano da Hégira, eles atacaram Constantinopla, a capital dos romanos. Esta operação ocupa um lugar de destaque na história islâmica. O Profeta (s.a.w.) certa vez abençoou aqueles que participaram da conquista de Constantinopla. Assim, muitos de seus companheiros que ainda estavam vivos, participaram desta operação com a esperança de que, se a cidade fosse conquistada, também eles teriam direito às boas novas do Profeta. Entre os companheiros que tomaram parte nesta operação, estavam Abu Ayub Ansari (r.a.a.), Abdullah ibn Omar (r.a.a.) e Abdullah bin Abbas (r.a.a.). Quando a frota naval islâmica entrou no estreito de Bósforo, os romanos chegaram com todo o seu efetivo militar para resistir aos muçulmanos. Constantinopla também era o centro da igreja cristã no oriente, e os romanos usaram toda a sua força para defender sua capital. O exército muçulmano cercou o forte, no entanto as muralhas de pedra eram muito altas e os soldados tiveram muita dificuldade para conquistar o forte em pouco tempo. Os romanos lançavam fogo sobre os soldados que estavam na parte baixa do chão. O cerco se prolongou e enquanto isso irrompeu uma epidemia de cólera no exército muçulmano e eles tiveram que suspender o cerco e retornarem sem obter qualquer resultado.

Abu Ayub Ansari (r.a.a.), que nessa época estava com mais de oitenta anos, morreu durante o cerco. Quando exalava o último suspiro, Yazid bin Muawiya perguntou-lhe se queria expressar seus desejos. Em resposta, Abu Ayub Ansari (r.a.a.) disse que deveria ser enterrado bem no centro do território inimigo. Sua vontade foi satisfeita pois, quando finalmente morreu, seu corpo foi enterrado bem debaixo da parede do forte de Constantinopla.

No momento em que o corpo de Abu Ayub estava sendo enterrado, do alto das muralhas os romanos viram e ameaçaram dizendo que cavariam a sepultura e destruiriam o corpo depois que os muçulmanos retornassem. Em resposta, os muçulmanos disseram aos romanos que se eles desrespeitassem o corpo nunca mais se ouviria tocar os sinos em todas as igrejas localizadas em território islâmico. Embora isso pudesse ser apenas mais uma ameaça, tendo em vista que o Islam não permite um tratamento como esse aos não-muçulmanos, o expediente funcionou e os romanos não violaram a sepultura de Abu Ayub (r.a.a.). Mais tarde, quando Constantinopla foi conquistada pelos turcos otomanos, eles construíram um mausoléu sobre sua sepultura e uma mesquita nas proximidades. Até hoje, as pessoas podem visitar este mausoléu.

No 42º ano da Hégira, Jandab bin Umaiya conquistou Rodes, uma ilha no mar Mediterrâneo. A Sicília também foi atacada nesta mesma época, porém ele não conseguiu ocupá-la. No 54º. ano da Hégira, uma outra ilha mais adiante foi atacada e capturada. A ilha de Creta também foi atacada por Jandab, contudo ela só foi dominada durante o período abássida.

## **A Sucessão de Yazid**

Já lemos antes que Amir Muawiya não foi eleito ou escolhido para o cargo de califa e sim que chegou ao poder por conta de sua habilidade pessoal e pela força. Agora, se

ele tivesse deixado a questão de seu sucessor para ser decidida pela *Ummah*, ou pelo menos se ele tivesse dado a *Ummah* o direito e a liberdade de eleger ou não seu filho como califa, então muitos acontecimentos indesejáveis da história islâmica poderiam ter sido evitados. Algumas pessoas o aconselharam a deixar a critério da *Ummah* a escolha do próximo califa. Outros sugeriram que ele deveria adotar a solução de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) e nomear como seu sucessor uma pessoa que não tivesse qualquer relação com ele ou, então, que agisse como Omar (r.a.a.) e constituísse um Conselho que livremente elegeria o próximo califa. No entanto, Amir Muawiya não aceitou qualquer das sugestões apresentadas a ele.

Segundo os historiadores, no começo Amir Muawiya queria apenas que o problema de sua sucessão fosse resolvido enquanto ele ainda estivesse vivo. Naquela época ele não pensava que Yazid devesse ser seu sucessor. Porém, foi Mughira bin Sho'ba quem sugeriu a ele o nome do filho, Yazid, e Muawiya gostou da idéia. Mughira também apresentou a mesma sugestão a Yazid e os dois incentivaram Amir Muawiya a pensar no assunto.

Basra e Kufa não teriam qualquer problema a este respeito. Amir Muawiya e os adeptos de Yazid sabiam que as pessoas desses lugares facilmente aceitariam o nome do filho do Amir. O principal obstáculo estava no Hijaz, ou seja, em Meca e Medina.

Conforme esperado, as pessoas da Síria e do Iraque aceitaram facilmente a sugestão e prestaram o juramento de fidelidade a Yazid. Depois disto, Amir Muawiya, que já tinha orientado Marwan bin Hakam a preparar o terreno para Yazid no Hijaz, partiu para Medina e Meca. Havia cinco grandes personalidades no Hijaz que eram muito respeitadas pela população e que eram Abdullah bin Omar, Abdullah bin Abbas, Abdullah bin Zubair, Husain bin 'Ali e Abdur Rahman bin Abu Bakr (r.a.a.).

De acordo com At-Tabari, Amir Muawiya conversou com cada um deles em separado e de cada um obteve a resposta de que se os outros aceitassem então eles também não fariam objeção ao nome de Yazid. Contudo, Abdur Rahman bin Abu Bakr (r.a.a.) não conseguiu assimilar aquela proposta e foi irreduzível e houve troca de palavras ofensivas entre eles.

Segundo Ibn Asir, quando Amir Muawiya chegou a Medina, aqueles cinco líderes tinham partido para Meca para cumprir a obrigação religiosa do *Hajj* e Muawiya foi atrás deles. Assim que os encontrou, propôs a discussão do assunto e eles indicaram Abdullah bin Zubair (r.a.a.) como representante do grupo. Quando, durante as conversações, Amir Muawiya sugeriu o nome de seu filho Yazid como seu sucessor, em resposta Zubair (r.a.a.) disse que só havia três saídas para ele, Muawiya, que eram: 1) seguir o caminho do Profeta (s.a.w.) e não indicar ninguém; 2) seguir o exemplo de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) e escolher uma pessoa que não tivesse qualquer relação com ele; 3) ou, então, adotar a mesma providência de Omar (r.a.a.) e criar um conselho consultivo que elegeria o califa.

Obviamente que Amir Muawiya não gostou de qualquer daquelas sugestões e, de forma categórica e definitiva, disse que se eles não aceitassem o nome de Yazid como seu sucessor, a espada seria usada. (At-Tabari e Ibn Asir). Dizendo isto, levantou-se, saiu e declarou publicamente que os cinco líderes dos muçulmanos tinham aceitado prestar o juramento de fidelidade a Yazid e que, assim, as pessoas deveriam segui-los. E desta forma, todos vieram prestar o juramento de fidelidade. Somente depois do *Hajj*, quando Amir Muawiya já tinha retornado para a Síria, é que as pessoas vieram a saber da verdade, porém já não podiam fazer mais nada senão ficarem caladas (Ibn Asir).

## A Doença

Amir Muawiya ficou doente no 60º ano da Hégira, quando já estava com a idade de setenta e oito anos. Ele sentia que sua hora estava chegando e Yazid não se encontrava na cidade para estar com ele. Por isso, escreveu uma carta onde deu vários conselhos e sugestões. Um deles era que Yazid tinha apenas cinco opositores, que eram: Husain Ibn 'Ali, Abdullah Ibn Omar, Abdullah Ibn Abbas, Abdur Rahman bin Abi Bakr e Abdullah bin Zubair. Dentre eles, Abdullah bin Omar e Abdur Rahman bin Abi Bakr não eram muito perigosos e não seriam prejudiciais a ele. No entanto, Husain Ibn 'Ali poderia representar um perigo em potencial, contudo se ele, Yazid, o vencesse, deveria tratá-lo com magnanimidade porque, afinal de contas, Husain era o neto do Profeta (s.a.w.). Porém, quanto a Abdullah bin Zubair, ele era um indivíduo muito perigoso e, por isso, se fosse derrotado, deveria ser feito em pedaços.

Além de Yazid, Muawiya também aconselhou seus companheiros a temerem Allah. Em seu testamento, determinou que metade de sua fortuna pessoal deveria ser depositada em *Baitul Maal* (Erário Público).

## A Morte

Amir Muawiya faleceu no mês de Rajab, do 60º ano da Hégira, com a idade de setenta e oito anos. Zahak bin Qais conduziu o cerimonial fúnebre e o seu corpo foi enterrado na cidade de Damasco. Muawiya governou o mundo muçulmano por dezenove anos e alguns meses.

Amir Muawiya se casou diversas vezes porém só teve filhos apenas com duas esposas. Yazid e uma filha nasceram de Maisun bint-Bahdal e de uma outra esposa ele teve mais dois filhos.

## Administração e Realizações

Embora Amir Muawiya tivesse modificado o Califado islâmico para um reinado e o espírito do verdadeiro sistema islâmico de Califado já não mais existisse e tivesse se transformado em monarquia, a administração pública permaneceu praticamente da mesma forma como era na época dos califas justos e até se desenvolveu de várias maneiras. Os contínuos distúrbios e desordens internos tinham criado uma situação caótica no estado, que acabou sendo controlada por Muawiya. A paz foi restabelecida, as rebeliões foram sufocadas e o estado passou a ser governado sob o império da lei e da ordem. Novos territórios foram conquistados e incorporados ao estado muçulmano e novos departamentos foram criados segundo as necessidades civis. E assim, ao morrer, seu legado foi um extenso estado poderoso e uma administração renovada.

O reinado de Amir Muawiya foi o de um indivíduo e por isso não houve o recurso da *shura* (consulta) como era comum na época dos califas justos. Contudo, ele tinha alguns conselheiros próximos que o orientavam em várias questões de estado, cabendo notar que esses conselheiros, no exercício de sua função, cuidavam muito mais dos interesses pessoais de Muawiya e de seu regime do que do povo propriamente dito.

A administração das províncias também permaneceu quase que a mesma da época de Omar Faruq (r.a.a.). Os territórios recém-conquistados do ocidente ficaram sob administração do Egito e os do oriente ficaram sob a administração do Corassã.

No tocante ao efetivo militar, não se julgou necessário qualquer mudança na organização do exército. Na verdade, as alterações promovidas na época do segundo califa tinham sido consideradas perfeitas, não havendo necessidade de outras mudanças. No entanto, no que se refere à marinha, foram feitas várias modificações e

progressos. Como vimos no volume I, foi Amir Muawiya quem aconselhou Osman (r.a.a.), o terceiro califa, a criar uma força naval para os combates em alto-mar e quando se tornou governante do mundo islâmico, ele a tornou tão eficiente e forte que até a frota naval dos romanos, a mais poderosa até então conhecida, ficou muito aquém.

Foi criado um cargo separado de Comandante-em-Chefe da Marinha e seu ocupante era chamado de *Amirul Bahr*, ou Chefe da Marinha. A palavra “almirante” é derivada deste termo árabe. Jandab bin Abi Umaiyya e Abdullah bin Qais Harsi foram os primeiros almirantes das forças navais islâmicas. Em toda a região costeira foram construídos estaleiros e o primeiro país a ter o seu foi o Egito.

Os soldados foram divididos em duas categorias, de acordo com suas capacidades física e psíquica. Aqueles que combatiam no inverno e nos países frios eram separados dos que lutavam no verão e nos países quentes.

Também foram construídos novos fortes e fortalezas, os antigos foram reformados ou reconstruídos e ainda foram criados novos quartéis por todo estado islâmico. Os muçulmanos foram os primeiros a usarem o *minjenique*. *Minjenique* é um termo árabe que significa máquina e que provavelmente entrou para o vernáculo ocidental depois do contato dos europeus com os árabes. Na verdade, *minjenique* era uma espécie de canhão enorme, um aríete, que atirava pedras sobre o inimigo, e os árabes o usaram com o objetivo de quebrar e demolir as muralhas dos fortes inimigos.

Para o cumprimento da lei e da ordem, o departamento de polícia recebeu uma atenção maior por parte do governo. Uma grande força policial se espalhou por todo o país, principalmente no Iraque. O efetivo policial em Kufa era composto de cerca de quarenta mil policiais, o que serviu para criar um sentimento de confiança plena entre as pessoas. Ninguém ousava pegar um objeto no chão, por

mais precioso que fosse, porque seria punido. As mulheres se sentiam mais confiantes e mesmo durante a noite, elas dormiam em suas casas sozinhas sem receio de nada. Havia também um departamento na polícia que era encarregado de vigiar os suspeitos e malfeitores.

Omar (r.a.a) tinha iniciado uma espécie de sistema postal mas que basicamente atendia às necessidades do exército. Amir Muawiya o ampliou e o capacitou para atender ao público também. Para o pleno funcionamento deste sistema havia mensageiros espalhados por todo o país em postos determinados que, montados em seus cavalos, levavam a correspondência de um lugar para outro.

Havia um departamento chamado *Diwan-e-Khatam* e sua função era manter atualizados todos os registros oficiais, bem como produzi-los sempre que fosse exigido. Todos os atos burocráticos e normas baixados pelo Amir eram copiados e preservados em envelopes com selos oficiais.

Foram cavados novos canais e os antigos foram reformados e/ou ampliados. O canal “Moqal”, que ficava em Basra, tinha sido construído durante o califado de Omar e, mais tarde, ampliado por Abdullah bin Ziad. Vários tanques e açudes também foram cavados e ajudaram bastante a aumentar as receitas do estado.

Também foram estabelecidas novas cidades e colônias durante o reinado de Amir Muawiya. Já lemos anteriormente que a cidade de Cairuan, na África do Norte, foi habitada majoritariamente por muçulmanos. Da mesma forma, cidades da Antioquia, Rodes e Arwad foram habitadas e cidades que estavam desertas foram repovoadas. Antigas ou novas, os muçulmanos foram assentados em todas essas cidades.

Os filhos dos soldados continuaram a receber pensões da mesma forma como era na época do califado justo.



Os *zimmis*, ou não-muçulmanos, gozavam de total segurança e estabilidade e não era permitida a interferência em suas questões religiosas. Além disso, eles tinham plena liberdade de praticar sua religião e vários não-muçulmanos foram nomeados para cargos de responsabilidade do estado.

Tendo em vista que Amir Muawiya também tinha sido um companheiro do Profeta (s.a.w.), ele tinha um cuidado muito especial em relação à prática e divulgação da religião muçulmana, daí o Islam ter ultrapassado as fronteiras da Arábia. Pode-se dizer que na África do Norte o Islam se firmou durante o reinado dele.

Na época de Abu Bakr Siddiq e Omar (r.a.a.) a cobertura da Caaba era feita de tecido comum. Quando Osman assumiu o Califado ele mandou vir do Egito um tecido caríssimo para cobrir a Caaba e Muawiya o substituiu por um brocado de seda.

Inúmeras mesquitas foram construídas em diversas localidades do califado. A Mesquita Jam-e, de Basra, foi reconstruída, ampliada e embelezada. Antes, as mesquitas do Egito não possuíam minaretes, porém, durante o reinado de Amir Muawiya, elas passaram a ser decoradas com minaretes.

Não há como negar que Amir Muawiya como negociador e governante tinham alguns pontos fracos. Contudo, quando estudamos outros aspectos de sua vida, percebemos que ele era um muçulmano piedoso e um perfeito cavaleiro. A política que ele adotou na vida era, segundo suas próprias palavras: “Eu não uso minha espada onde meu chicote funciona, e não uso meu chicote onde minha língua funciona. Não rompo relações com ninguém mesmo que sejam tão fracas quanto uma linha, quando as pessoas a puxam eu a solto porém, se elas a soltam, eu a puxo.”

Ele era um homem generoso e por isso os adutores sempre reprovavam sua natureza gentil. Nessas ocasiões ele dizia: “Não tentarei silenciar as pessoas enquanto elas não resistirem ao meu poder e autoridade.”

Os coraixitas, em geral, e os hashemitas, em particular, costumavam ir à Síria e, sentados diante dele como seus convidados, falavam mal dele, mas Muawiya não se importava. Pelo contrário, ele tentava agradá-los, oferecendo presentes valiosos e recompensas monetárias.

Parece que se Amir Muawiya tivesse vindo a este mundo só para se tornar um rei, ele teria fundado um novo tipo de reinado que levaria os muçulmanos a uma nova civilização e cultura. Desde o início havia nele sinais e modos de príncipes e reis. Por isto, o Profeta (s.a.w.) certa vez lhe disse: “Muawiya, se você se tornar rei então tente ser um rei justo e mostre-se um homem de bom caráter.”

De acordo com At-Tabari, durante o califado de Omar, sempre que as pessoas comentavam o comportamento pomposo do romano César ou do persa Chosroes, o Califa lhes dizia: “Por que falar deles quando há um Muawiya entre vocês?”

Em resumo, pode-se dizer que Amir Muawiya gostava muito de pompa e esplendor. Ele viveu seus dias como rei mas nunca bebeu uma gota sequer de vinho e nem manteve qualquer relação ilícita. No tocante a este ponto, ele era um homem pio. Não há dúvida de que ele se tornou um rei, porém ele foi gentil e sábio. Seu conhecimento, sabedoria, gentileza e generosidade fizeram dele um grande governante.

## CAPÍTULO II

### YAZID I BIN MUAWIYA

(De 60 a 64 H – 680 a 683 d.C.)

Como Amir Muawiya tivesse prestado o juramento de fidelidade em favor de seu filho, depois de sua morte Yazid ascendeu ao trono e, como o pai, adotou o título de Califa. Por uma ironia do destino, Yazid, por quem Amir Muawiya tanto havia se esforçado para que fosse seu substituto, não viveu mais do que três anos e sete ou oito meses. E, mesmo neste curto período, seus atos e feitos foram tão desastrosos que ele acabou se transformando em uma personalidade mal-afamada, condenada pela história islâmica e toda espécie de acusações possíveis foram levantadas contra ele. Na opinião do grande historiador Masudi, Yazid foi pior do que o faraó do Egito.

Deixando de lado qualquer controvérsia em relação a Yazid, é consenso que ele não gozava de boa reputação e que não se podia esperar de um homem com tal caráter qualquer virtude ou boas ações. Como vimos anteriormente, Imam Husain, Abdullah bin Zubair, Abdullah bin Omar, Abdur Rahman bin Abu Bakr e Abdullah bin Abbas (r.a.a.), não tinham concordado com Muawiya na questão da sucessão do califado depois de sua morte. Em Meca, durante o *Hajj*, quando Amir Muawiya se reuniu com o grupo para discutir a sucessão, eles desaprovaram a idéia de Yazid vir a ser o sucessor. Não obstante isto, Muawiya declarou de público que aqueles líderes da *Ummah* tinham aceitado o nome de Yazid para ser o califa depois dele. Naquela ocasião, os cinco líderes não se manifestaram porque Muawiya os havia ameaçado dizendo que teriam as cabeças arrancadas dos corpos se tentassem se opor publicamente àquela decisão.

Após assumir o poder, a primeira questão a ocupar a atenção de Yazid foi tomar o juramento de fidelidade

daqueles cinco líderes. Yazid não tinha muito medo de Abdullah bin Omar, Abdur Rahman bin Abu Bakr e Abdullah bin Abbas (r.a.a.). Porém, no tocante a Husain e Abdullah bin Zubair (r.a.a.), ele os considerava uma grande ameaça ao seu poder e autoridade. Se essas duas grandes personalidades não o aceitassem como califa, isto poderia significar uma tempestade violenta sobre o mundo islâmico, principalmente no Hijaz e no Iraque. Portanto, logo após ascender ao trono, ele enviou instruções expressas a Walid bin Utba, o governador de Medina, para que tomasse o juramento deles e que, se eles não cumprissem, suas cabeças deveriam ser cortadas de imediato. Desta forma, Walid bin Utba mandou chamar os dois líderes e quando eles chegaram, comunicou a morte de Muawiya e pediu que eles prestassem o juramento de fidelidade a Yazid. Husain disse que um homem como ele não poderia assumir um compromisso tão importante como aquele sozinho, e que era melhor dar conhecimento do fato às pessoas e ver como elas reagiriam. Se todos concordassem, ele não faria qualquer objeção. Abdullah bin Zubair também pediu o prazo de um dia para pensar sobre o assunto. Walid concordou, porém, naquela mesma noite, Abdullah partiu de Medina e chegou a Meca, procurando abrigo na Caaba, onde ninguém poderia fazer mal a ele.

Ao saber que Husain tinha obtido a permissão de continuar sem o juramento Marwan começou a censurar Walid, que respondeu que não lhe parecia justo que suas mãos fossem manchadas com o sangue de Husain (r.a.a.).

### **A Tragédia de Kerbala**

Imam Husain (r.a.a.) não estava disposto a aceitar a monarquia ilegal de Yazid, porém ele também sabia que prestar o juramento de fidelidade em favor de Yazid era só uma questão de tempo. Os iraquianos estavam do seu lado e começaram a mandar cartas a ele chamando-o para vir para o Iraque, onde eles o aceitariam como califa, prestando

o juramento de fidelidade a ele. Husain começou a pensar no que fazer naquela situação crítica. No entanto, também não era mais possível viver em Medina sem aceitar Yazid como “califa”. Assim, ele se aconselhou com bin Hanafia, um filho de ‘Ali e seu meio-irmão. Seguindo o conselho dele, Husain partiu de Medina para Meca com toda sua família, no mês de Sha’ban do 60º ano da Hégira. No meio do caminho, ele se encontrou com Abdullah bin Moti, que era um amigo fiel da família do Profeta. Abdullah achou melhor que Husain permanecesse em Meca em vez de partir para Kufa, tendo em vista que aquelas pessoas não eram confiáveis e que poderiam enganá-lo a qualquer tempo. Chegando a Meca, Husain ficou em She’b-e-Abu Talib.

Os líderes de Kufa, que continuavam mandando cartas a Husain sem parar, chamando-o insistentemente, começaram a chegar a Meca, com o objetivo de reiterar o convite a Husain. Sentindo-se obrigado pela insistência deles, Husain mandou a Kufa um primo seu, Muslim bin Aqil, para avaliar a situação por lá e informá-lo de tudo que visse. Ele também escreveu uma carta à população de Kufa onde ele dizia:

”Por intermédio das cartas a mim enviadas, tomei conhecimento do que vocês pretendem. Portanto, estou enviando meu primo, Muslim bin Aqil, com a missão de dar o seu parecer. Conforme vocês me escreveram, que realmente aceitam o meu califado, se Muslim sentir assim e me informar disto, então partirei daqui.”

Muslim chegou a Kufa com a carta de Husain e ficou hospedado na casa de Mukhtar bin Abu Obaid. Os seguidores de ‘Ali e Husain começaram a acorrer em massa para lá. No’man bin Bashir, o governador de Kufa, que era um homem justo e virtuoso, de natureza pacífica, foi informado de todas essas atividades porém não tomou uma atitude mais concreta. Simplesmente chamou algumas pessoas e lhes pediu que ficassem quietas. No entanto, a

informação sobre a chegada de Muslim e a movimentação em torno dele chegou a Yazid, em Damasco, que mandou Ubaidullah bin Ziyad, o governador de Basra, a Kufa com o objetivo de acabar com aquela agitação ou matar Muslim bin Aqil.

Ao chegar em Kufa, Ibn Ziyad fez um discurso ameaçador e decretou que os chefes de cada quarteirão seriam responsabilizados se não acabassem com as atividades subversivas contra o governo de Yazid e não o informassem sobre as pessoas suspeitas. Essas medidas de Ubaidullah bin Ziad obrigaram Muslim bin Aqil a se mudar da casa de Mukhtar para a casa de Hani bin Urwah. Os adeptos de Husain ainda continuaram a visitar a casa de Hani, o que fez com que Muslim ficasse convencido do apoio efetivo deles a Husain. Assim, estando plenamente convencido, Muslim enviou uma carta a Husain onde informava que ele deveria vir para Kufa porque as pessoas eram leais a ele.

Enquanto isso, Ubaidullah bin Ziyad soube da presença de Muslim na casa de Hani, a quem mandou prender. Porém, os rumores espalhados em Kufa, davam conta de que Hani tinha sido condenado à morte. Ao tomar conhecimento da notícia, Muslim saiu com seus dezoito mil adeptos e cercou o lugar onde se encontrava Ubaidullah. Como naquele momento só houvesse cinqüenta pessoas para protegê-lo, e entre eles alguns nobres de Kufa, Ubaidullah ordenou que saíssem e fossem pedir às suas respectivas tribos que deixassem de apoiar Muslim. E também declarou que, aqueles que fossem leais ao Amir, seriam generosamente recompensados e, os que se opusessem a ele, seriam punidos severamente. Esta declaração de Obaidullah mudou por completo a situação, e os gananciosos e covardes de Kufa, que ainda estavam apoiando Husain e seu representante, Muslim, deram as costas a ele e se bandearam para o lado de Yazid e Ibn Ziyad. Das dezoito mil pessoas que estavam do lado de Muslim só restaram trinta. Em tal situação crítica, não vendo outra saída, Muslim acabou se escondendo na casa de uma

senhora e Ibn Ziyad decretou que aquele que ajudasse a prender Muslim seria regamente recompensado, mas aquele que o escondesse seria punido. Esta declaração fez o filho da senhora ficar com medo e, por isso, ele informou Ibn Ziyad da presença de Muslim em sua casa. Bin Ash'as foi mandado com alguns soldados para prender Muslim, que não viu outra saída senão enfrentar o inimigo. Ele lutou bravamente e não parecia disposto a se render. Muhammad bin Ash'as, então, propôs poupar sua vida se ele parasse de lutar e o acompanhasse até Ibn Ziyad. Muslim concordou, porém Ziyad não fez caso da promessa de bin Ash'as e ordenou que Muslim fosse morto. Antes de morrer, Muslim pediu a bin Ash'as que informasse Husain (r.a.a.) do seu triste destino (dele, Muslim), e o aconselhasse a jamais confiar nas pessoas de Kufa. Se Husain já tivesse partido para Kufa, que voltasse imediatamente. Ele também fez alguns pedidos de cunho pessoal a Amr bin Sa'd, que era um de seus parentes mais próximos e funcionário do regime omíada. Depois disto, ele foi executado.

Como Muslim já tinha despachado a carta onde expressava toda a sua confiança na população de Kufa, Husain, que naquele momento se encontrava em Meca, começou a fazer os preparativos para sua viagem para Kufa. No entanto, seus amigos em Meca, que conheciam muito bem o caráter dos cidadãos de Kufa, aconselharam Husain a não confiar neles e nem partir de Meca. Pessoas como Abdullah bin Zubair, Abdullah bin Abbas, Amr bin Abdur Rahman, e outros, insistiram repetidas vezes que ele não deveria confiar naquelas pessoas e que não partisse para Kufa. Mas, foram inúteis os esforços daqueles companheiros, pois Husain já tinha tomado sua decisão e não mudaria de idéia. A questão para Husain era que, como as pessoas de Kufa o tinham convocado para se rebelar contra um governante tirano e sem legitimidade, era seu dever sagrado atender àquela convocação. Então, Ibn Abbas, vendo que ele estava intransigente em sua decisão, disse-lhe que fosse sozinho ou, pelo menos, que não

levasse mulheres e crianças com ele. Husain, porém, também não aceitou esta sugestão.

Conta-se que, como a Vontade do Todo-Poderoso era outra completamente diferente, Husain não deu muita atenção aos conselhos de seus amigos bem-intencionados e partiu de Meca para Kufa, no mês de Zilhijja, do 60º ano da Hégira.

Mesmo depois da partida de Husain para Kufa, seu primo Abdullah bin Ja`far conseguiu enviar uma carta para Husain, assinada por Amr bin Sayid, o governante omíada de Meca, onde prometia que se Husain retornasse, poderia viver em Meca em completa paz e que ele, Amr, tomaria a seu cargo a responsabilidade de garantir sua segurança e uma vida tranqüila. Em resposta, Husain agradeceu a ele, mas não voltou para Meca.

A fim de deter Husain (r.a.a.) e impedir que mantivesse qualquer contato com as pessoas em Kufa, Ibn Ziyad colocou guardas em vários pontos da estrada de Meca até Kufa. Assim, quando Husain despachou para Kufa um de seus homens, Qais bin Mashar Saidavi, com o objetivo de obter informações com antecedência, ele foi assassinado no caminho. E quando Husain chegou a um lugar chamado Salabia, recebeu a informação do martírio de Muslim. Ao tomar conhecimento dessa trágica notícia, sua intenção ficou abalada e ele quis retornar. No entanto, os irmãos de Muslim bin Aqil não aceitaram e disseram que ou vingavam o sangue de Muslim ou eles morreriam. Vendo essa determinação, Husain também desistiu de voltar e continuou sua viagem para Kufa. Após caminharem mais um pouco, os mensageiros de Muhammad bin Ash`as e Amr bin Sa`d cruzaram com a comitiva de Husain e lhe entregaram a mensagem de Muslim, onde dizia que Husain deveria retornar. Contudo, por causa do compromisso assumido com os irmãos de Muslim, Husain não tinha mais condições de voltar. No entanto, ele fez com que seus companheiros soubessem de tudo o que tinha acontecido em Kufa e disse



que seus defensores em Kufa tinham desertado, que Muslim bin Aqil, Hani bin Urwah e Abdullah bin Baqar tinham sido assassinados e que, apesar de tudo, ele não estava disposto a voltar, mas que não obrigaria ninguém a permanecer com ele. Assim, aqueles que quisessem desistir podiam fazê-lo. Ao ouvirem isto, aquelas pessoas que tinham acompanhado Husain voltaram. Apenas seus mais devotados e fiéis seguidores permaneceram com ele e o acompanharam até o fim, sem qualquer esperança de algum ganho material.

Quando a caravana de Husain chegou a um local chamado Zi-Hasam, Hur bin Yazid Tamimi, à frente de mil soldados, o encontrou. Ele tinha sido enviado por Ibn Ziyad para cercar a caravana de Husain e levá-lo a Kufa. Dirigindo-se a Hur e seus companheiros, Husain disse que não tinha vindo por sua livre vontade e sim porque o povo de Kufa, por intermédio de centenas de cartas, o tinha convocado, e mostrou a Hur um pacote de cartas enviadas a ele pelo povo de Kufa. Hur, no entanto, disse que não estava disposto a discutir aquela questão e que só tinha vindo para levá-lo a Kufa, em cumprimento às ordens de Ibn Ziyad. Husain (r.a.a.) quis retornar para o Hijaz, porém Hur se opôs, embora não tenha feito nada de mal a ele. Pelo contrário, olhou para Husain por inteiro e respeitosamente propôs que se ele (Husain) não quisesse seguir com ele, deveria seguir um caminho diferente do Hijaz ou do Iraque. Enquanto isso, Hur escreveu a Ibn Ziyad e a Yazid e tudo indicava que poderia surgir um resultado pacífico. Husain aceitou sua proposta.

Quando chegou a um lugar chamado Baida, Husain (r.a.a.) falou para as pessoas que se encontravam ali:

“Ó gentes! O Profeta (s.a.w.) disse que ele, que viu esse rei que legitimou o que era ilegítimo, quebrou todos os cânones de Allah, governou os servos de Allah com vícios e tirania contra a Sua Vontade e a de Seu Profeta (s.a.w.) e, apesar disto, ficou indolente e calmo; então uma pessoa assim deve ir para o inferno com o Rei. Ó gentes! Vocês

devem saber que eles (os governantes) escolheram obedecer a Satanás e abandonaram a obediência a Allah. Eles criaram o caos no país e puseram de lado as leis penais da *Shariah*. Eles ficam com a parte do leão nos espólios de guerra e tornaram legítimo o que Allah decretou ser ilegítimo. Da mesma forma, declararam ilegítimo o que Allah declarou ser legítimo. Portanto, acho esses atos mais indignos do que os outros.”

Ao alcançar Azibul Hejanat, Husain tomou conhecimento dos preparativos de guerra que estavam sendo feitos em Kufa e do assassinato de Qais bin Mashar, que ele tinha despachado na frente para obter informações.

Em Nainwa, Hur recebeu uma ordem de Ibn Ziyad para que a caravana de Husain ficasse em um lugar onde não havia pasto e água. Hur mostrou esta ordem a Husain porém não a cumpriu.

No dia 2, do mês de Muharram, do 60º ano da Hégira, Husain estacionou no campo de Kerbala e no terceiro dia de Muharram, ‘Amr bin Sa’d chegou ao campo com um exército de quatro mil soldados. ‘Amr era um parente bem próximo de Husain mas, apesar disto, tinha uma enorme ambição e cobiça pelo poder e por essa razão, foi ele quem chegou para enfrentar Husain no campo de batalha. Porém, ao que parece, sua consciência estava sempre o advertindo e, ao chegar a Kerbala, ‘Amr primeiro tentou tratar da questão de forma pacífica. Ele escreveu a Ibn Ziyad dizendo que Husain (r.a.a.) estava pronto a retornar. Em resposta, Ibn Ziyad disse que a primeira providência era ele prestar o juramento de fidelidade a Yazid e depois, qualquer coisa poderia ser levada em consideração. Além disso, Ziyad também ordenou que a caravana de Husain não tivesse permissão de pegar água no rio Eufrates. A partir do dia 7 de Muharram, ‘Amr bin Sa’d cumpriu com o que tinha sido ordenado. Porém, Abbas bin ‘Ali (r.a.a.), um meio-irmão de Husain, que era um bravo guerreiro, conseguiu trazer alguma água do rio entre os dias 7 e 10, após um confronto com o inimigo.

Embora o ambicioso 'Amr bin Sa'd tivesse vindo para o campo de batalha disposto a tudo, ele ainda hesitava em pegar em armas contra Husain (r.a.a.) e tentava impedir um banho de sangue, esperando estabelecer um acordo pacífico. Ibn Ziyad, adivinhando que isto poderia ocorrer, mandou Shimr Zil Joshan a 'Amr bin Sa'd, com uma carta em que dizia que se ele não se sentisse capaz de tomar o juramento de fidelidade de Husain (r.a.a.) e depois mandá-lo a ele, Ibn Ziyad, então que passasse o encargo para Shimr. Para 'Amr era difícil largar o posto burocrático em Ray que lhe tinha sido prometido como prêmio pela rendição de Husain. Portanto, agora ele não tinha mais alternativa se não executar a ordem de Ibn Ziyad. Ele se encontrou com Husain (r.a.a.) no dia 9 de Muharram, para discutir a questão com ele. Este último encontro também fracassou porque Husain não estava disposto a ser render a um governante tirano que não se preocupava com os cânones do Islam.

Após o fracasso das conversações com 'Amr bin Sa'd, Husain (r.a.a.) compreendeu muito bem o que aconteceria e, chamando seus companheiros, declarou:

“Ó meu povo! A hora prometida chegou e, assim, é com alegria que permito que vocês voltem, levando os membros de minha família com vocês.”

Aqueles seguidores menos determinados já tinham partido e os que tinham ficado ao seu lado eram os mais leais e fiéis devotados a ele, e não estavam preparados para deixá-lo sozinho. Naquela noite, Husain tomou algumas providências para defender as barracas das mulheres e crianças. De manhã cedo, no 10º dia do mês de Muharram, do 61º ano da Hégira, ele organizou seus setenta e dois companheiros sob a forma de um batalhão. A bandeira foi entregue a Abbas bin 'Ali e, em seguida, ele suplicou a Allah por Sua Misericórdia e, então, dirigindo-se aos cidadãos de Kufa, proferiu suas últimas palavras, dizendo que eles eram responsáveis por sua vinda a Kufa, que eles tinham enviado

centenas de cartas pedindo insistentemente que ele viesse para Kufa para libertar a *Ummah* das garras de um governante tirano mas, que quando lá chegara, eles o tinham abandonado e se bandeado para o lado daquele governante tirano contra quem diziam estar prontos para combater. No entanto, ele não se importaria se o deixassem retornar. Em resposta, aquelas pessoas disseram que, sem prestar o juramento de fidelidade ao califado de Yazid, ele não poderia ir a lugar algum. Ao ouvir isto, Husain (r.a.a.) disse: “Por Allah, não posso ser tão abjeto a ponto de aceitar o califado de Yazid. Não posso aceitar isto como um escravo.”

Depois de Husain, alguns de seus companheiros também fizeram pequenos discursos porém, inutilmente. Os iraquianos não prestavam atenção ao que diziam, com exceção de Hur bin Yazid Tamimi que, deixando os iraquianos, veio para o lado de Husain.

Começaram os combates. No princípio do enfrentamento, um homem de cada lado chegava para enfrentar o outro porém, não demorou muito e o confronto total teve início. Na verdade, não era uma batalha ou um combate, porque não havia comparação entre os dois lados, a desigualdade era flagrante. Eram quatro mil soldados bem armados do lado de Kufa, contra setenta e duas pessoas do lado de Husain. No entanto, o confronto continuou até o meio-dia e, finalmente, Husain ficou sozinho, ferido da cabeça aos pés e sentindo muita sede. Ele se encaminhou para a margem do Eufrates para aplacar a sede mas não conseguiu. Um inimigo atirou uma seta que o acertou no rosto e ele voltou da beirada do rio sem conseguir beber água. Os soldados o atacaram por todos os lados e ele acabou caindo. Husain tinha perdido toda a sua força física e, nesse estado deplorável, teve a cabeça arrancada do corpo. Ao que tudo indica, este feito teria sido executado por Shimr Zil Jowshan, porém alguns historiadores sustentam que teria sido Sanan bin Anas e outros, ainda, afirmam que teria sido um homem de nome Khuli quem praticou a

decapitação de Husain. Quem quer que tenha sido, o fato é que este trágico acontecimento da história islâmica ocorreu no dia 10 do mês de Muharram, do 61<sup>o</sup> ano da Hégira, que corresponde ao mês de setembro do ano de 681 d.C. Era uma sexta-feira.

*Inna Lillah-e-Wa-Inna Ilaih-e-Raje-un*

Neste enfrentamento, os setenta e dois companheiros de Husain foram martirizados, inclusive vinte pertencentes a Bani Hashim. Os corpos dos mártires foram enterrados no dia seguinte, contudo a cabeça de Husain foi mandada para Ibn Ziyad, em Kufa.

Depois do martírio de Husain (r.a.a.), a caravana de *Ahl-e bait* (membros de sua família) foi encaminhada primeiro a Ziyad, em Kufa, e depois a Damasco, para se apresentar a Yazid. Segundo relatos, Yazid teria ficado muito triste ao tomar conhecimento do trágico fim de Husain (r.a.a.) e teria dito que desconhecia o fato e que apenas teria ordenado que se tomasse o juramento de fidelidade de Husain ao califado, e não que fosse combatido e muito menos martirizado. Alguns historiadores afirmam que, quando ele soube do terrível acontecimento, as lágrimas começaram a rolar pelo rosto e que teria dito: “Que a maldição de Allah caia sobre Ibn Samia (Ibn Ziyad). Se eu estivesse no local naquele momento, certamente teria perdoado Husain. Que Allah o abençoe.”

Em resumo, Yazid quis colocar sobre os ombros de Ibn Ziyad a responsabilidade pelo trágico fim de Husain. Se isto é verdade ou não, hoje não se tem mais como avaliar. Quem quer que tenha sido o responsável pela tragédia de Kerbala, ou Yazid ou Ibn Ziyad, é forçoso admitir que aquele episódio representou o mais terrível capítulo da história islâmica. Jamais se poderia esperar que muçulmanos tratassem desta forma o amado neto do Profeta deles.

Depois de alguns dias, a caravana da família de Husain retornou para Medina, sob a guarda e proteção de alguns homens bons e honestos. As senhoras da família ficaram tão impressionadas e satisfeitas com o tratamento gentil recebido que quiseram oferecer seus adereços como forma de agradecimento. No entanto, eles não aceitaram dizendo que não tinham feito os serviços com o intuito de receber qualquer remuneração material. Tudo o que tinham feito era por conta de Allah e Seu Profeta (s.a.w.).

## **Reação**

A notícia do martírio de Husain provocou uma grande comoção no mundo islâmico, principalmente no Hijaz, onde as pessoas não gostavam de Yazid desde o início. Várias personalidades influentes, que tinham prestado o juramento de fidelidade em favor do califado, estavam profundamente mortificadas e romperam aquele compromisso, depositando um novo juramento de fidelidade nas mãos de Abdullah bin Zubair (r.a.a.). Desde que assumira o poder, Yazid tinha medo dele e assim, um pouco depois da tragédia de Kerbala, ele mandou alguns de seus homens para Meca, com o objetivo de tomar o juramento de Zubair. Yazid orientou seus homens no sentido de que, no caso de Abdullah bin Zubair se recusar a prestar o juramento, deveria ser preso. Porém, quando os homens de Yazid o encontraram em Meca e lhe entregaram a mensagem de califa, ele se recusou terminantemente a jurar fidelidade ao califado.

Enquanto isso, Yazid se esforçava para conquistar as pessoas do Hijaz, por intermédio do pagamento de gordas recompensas. Entre essas pessoas estavam Abdullah bin Hanzala Ansari e seus oito filhos, que receberam vultosas quantias em dinheiro. Não obstante essas recompensas, Yazid não conseguiu o objetivo de conquistar aquelas pessoas. Abdullah bin Hanzala voltou de Damasco para Medina e iniciou uma campanha contra o califa.

Yazid também enviou No'man bin Bashir Ansari, juntamente com outras personalidades influentes a Abdullah bin Zubair e demais líderes de Medina, com a missão de persuadi-los e obter o favor e apoio deles para a causa do califado. Porém, os líderes de Medina não estavam dispostos a ouvir o que quer que fosse em favor de Yazid e acabaram ficando contra No'man também. Então, No'man encaminhou-se para Meca para encontrar-se com Abdullah bin Zubair (r.a.a.) na tentativa de obter o apoio dele, sem, no entanto, conseguir qualquer resultado positivo. Antes, pelo contrário, No'man acabou sendo convencido pelos argumentos de Zubair (r.a.a.) e prometeu que, no futuro, não mais o aconselharia a aceitar o califado de Yazid.

### **Revolução no Hijaz**

Depois do retorno de No'man bin Bashir, houve uma revolução no Hijaz (Meca e Medina). Todas as pessoas da região depositaram, publicamente, o juramento de fidelidade nas mãos de Abdullah bin Zubair (r.a.a.) e o aceitaram como califa. Os funcionários da administração, pertencentes ao clã omíada, foram todos expulsos do Hijaz. Os omíadas foram para Damasco e relataram o que estava acontecendo no Hijaz. Ao ouvir esses relatos, Yazid decidiu enviar um exército de dez mil soldados, sob o comando de Muslim bin 'Aqba Mari, com a orientação de que primeiro fosse para Medina e pedisse ao povo que fosse leal ao seu regime. Se eles aceitassem, então estava tudo certo, no entanto se eles se recusassem, Medina deveria ser invadida e após sua captura um reinado de terror deveria ser posto em prática pelo prazo de três dias.

### **A Tragédia de Hirrah**

Com esta orientação de Yazid e à frente de um exército de dez mil homens, Muslim bin Aqba chegou a Medina, que, por sua vez, também tinha feito os seus preparativos para enfrentar o exército de Yazid. Porém, nesse momento crítico, os medianitas cometeram um erro

fatal, que foi o de libertar todos os omíadas que ainda estavam sob seu controle e que tinham conhecimento de toda a estratégia que seria usada. Os omíadas, uma vez libertos, foram direto a Muslim bin Aqba e o informaram de todos os preparativos e táticas dos medianitas, o que foi de grande valia para Muslim capturar a cidade. Primeiro, ele perguntou ao povo se queria a guerra ou a paz e, quando obteve como resposta que não aceitariam o governo de Yazid, ele atacou a cidade.

Os combates prosseguiram por três dias. Medina enfrentou o inimigo com grande bravura e coragem. No entanto, tendo em vista que Muslim conhecia de antemão as estratégias e planos dos medianitas, no final eles acabaram sendo derrotados. O exército sírio entrou na cidade de Medina com o orgulho da vitória e, conforme Yazid tinha instruído, o terror se espalhou por toda a cidade do Profeta (s.a.w.). Neste reinado de medo e horror, muitos *muhajirin* e *ansar* foram mortos, até mesmo alguns companheiros do Profeta (s.a.w.). Segundo estimativas, cerca de quatro mil pessoas foram mortas em Medina, inclusive noventa e quatro membros da tribo Bani Hashim. A carnificina continuou por três dias e no quarto dia foi interrompida, porém com a declaração de que aquele que não prestasse o juramento de fidelidade a Yazid deveria ser morto. Medina ficou inteiramente destruída e não havia em toda a cidade quem ousasse não reconhecer o poder de Yazid. Depois da tragédia de Kerbala, certamente a destruição de Medina foi um dos mais negros feitos de Yazid. Este ato ficou conhecido na história como a Tragédia de *Hirrah*, ou a Tragédia dos liberais.

## **Marcha para Meca**

Depois de destruir Medina, Muslim bin Aqba avançou em direção a Meca. No entanto, no meio do caminho, ele ficou doente e antes de chegar àquela cidade veio a falecer. Ele foi substituído por Hesin bin Numeir que chegou a Meca



à frente do seu exército, no mês de Muharram, do 64º ano da Hégira.

Abdullah bin Zubair tinha se refugiado na Caaba e Hesin, sem qualquer preocupação ou reverência pela santidade do lugar, ordenou que os soldados usassem os *minjeniques* para lançar pedras no lugar mais sagrado do Islam. Abdullah bin Zubair ainda tentou defender a Caaba mas o prédio ficou seriamente danificado. Enquanto o cerco a Meca ainda prosseguia, Yazid morreu e o exército que cercava Meca teve que retornar a Damasco.

O califado de Yazid durou apenas três anos e sete ou oito meses. Porém, os atos por ele praticados neste curto período de seu reinado permanecerão impressos para sempre nas páginas da história.

## **Conquistas**

No reinado de Yazid foram registradas algumas conquistas externas. Dentre elas, algumas aconteceram no Turquestão e outras na África do Norte. Com exceção dessas conquistas, não são encontradas grandes realizações durante o período de Yazid.

Yazid morreu com a idade de trinta e oito anos. Ele teve várias esposas e dez filhos com elas. Seus filhos foram: Muawiya, Khalid, Abu Sufiyan, Abdullah, Abdullah Alasghar, Umer, Abu Bakr, Utba, Har'b e Abdur Rahman.

## **Os Sucessores de Yazid**

Com a morte de Yazid, seu filho mais velho, Muawiya, ascendeu ao trono com o nome de Muawiya II. Ele tinha apenas vinte e um anos e sentia um grande desgosto por tudo o que tinha acontecido durante o governo de seu pai, Yazid. Ele era um muçulmano nobre e piedoso que não gostava de se envolver na política suja e não tinha ambição

pelo poder. Ele abdicou ao trono após três meses depois de tê-lo assumido. Quando abdicou, declarou aos muçulmanos:

“Não tenho forças para suportar o peso do poder sobre meus ombros. Eu queria, como Abu Barkr, fazer de alguém meu sucessor ou, então, como Omar, indicar um conselho de seis membros para escolher um califa. Porém, não encontrei uma personalidade como Omar e nem seis pessoas como as selecionadas por ele para comporem este conselho. Portanto, eu abdicó e deixo a critério de vocês a escolha do novo Califa.”

Após abdicar, Muawiya preferiu passar a vida em solidão, contudo não viveu por muito mais tempo. Ele morreu alguns meses depois e suspeita-se que a causa de sua morte tenha sido veneno. No entanto, ele foi o segundo governante, depois de Hasan (r.a.a.), a abandonar o poder por livre e espontânea vontade.

Com a abdicação e morte de Muawiya II, embora a monarquia, ou o assim chamado califado, não obstante ter permanecido em mãos dos omíadas por mais algumas décadas, saiu definitivamente da casa de Amir Muawiya I, o fundador da dinastia. Conforme a história mostra, depois de Amir Muawiya, o poder permaneceu em sua família por cerca de quatro anos, apenas. Quando se observa, de um lado, os esforços dele para manter o poder para sempre em sua família, e de outro, o curto período de exercício desse poder, somos obrigados a pensar que foi uma grande ironia do destino.

## CAPÍTULO III

### ABDULLAH BIN ZUBAIR

(De 64 a 74 H – 695 d.C.)

e

### MARWAN BIN HAKAM

(De 64 a 65 H – 685 d. C.)

Depois de Muawiya II, mais uma vez a *Millat* ficou dividida em duas facções e a situação era quase que a mesma do período que se seguiu ao martírio de Osman (r.a.a.), o terceiro califa. Eram dois os grupos que reivindicavam o direito ao Califado, sendo um deles, o de Abdullah bin Zubair. Ele contava com total apoio do Hijaz, do Iraque, do Iêmen e do Egito. Por outro lado, havia Marwan bin Hakam que era apoiado pela Síria. Antes de seguirmos adiante, cabe fazer aqui uma pequena introdução.

#### **Abdullah bin Zubair**

Abdullah era o filho de Zubair (r.a.a.), um Companheiro famoso do Profeta (s.a.w.) e marido de Asma (r.a.a.), filha de Abu Bakr (r.a.a.) e irmã de Aysha (r.a.a.), a mãe dos crentes.

Abdullah (r.a.a.) nasceu em Medina, no 2º ano da Hégira, e, desde a infância, mostrou-se forte, ousado e corajoso e, sobretudo, profundamente devotado ao Profeta (s.a.w.). No período do Califado Justo, ele participou de várias guerras pela causa do Islam, sendo de ressaltar que Trípoli foi conquistada graças aos seus esforços.

Na Batalha do Camelo, ele ficou do lado de sua tia, Aysha (r.a.a.), e foi ferido gravemente.

Quando Amir Muawiya, ainda em vida e preocupado com a sua sucessão, quis tomar o juramento de fidelidade da *Ummah* em favor de Yazid, seu filho, foi Abdullah quem se opôs abertamente à idéia e aconselhou Amir Muawiya a adotar o exemplo do Profeta (s.a.w.) ou o dos dois primeiros califas.

### **Marwan bin Hakam**

Marwan bin Hakam pertencia à tribo de Bani Al-aas, um ramo do clã omíada. Hakam, seu pai, era tio de Osman Ghani, o terceiro Califa, e aceitou o Islam depois da conquista de Meca. No entanto, ele nunca chegou a ser um muçulmano sincero. Pelo contrário, no fundo era um inimigo dos muçulmanos e por diversas vezes chegou a divulgar os segredos mais guardados aos quais ele tinha acesso. Por este motivo o Profeta (s.a.w.) o mandou para o exílio, em Ta'if. Naquela época, Marwan era uma criança de tenra idade e teve que viver com o pai naquela cidade. Quando o Profeta (s.a.w.) estava perto de morrer, graças aos esforços de Osman (r.a.a.), a ordem de banimento de Hakam foi suspensa e ele voltou para Medina.

Osman nutria um grande afeto pelos dois e, depois da morte de Hakam, trouxe Marwan para o seu lado e passou a cuidar dele. Quando Osman se tornou Califa, ele nomeou Marwan como seu secretário particular e todos os documentos do Califa, inclusive o seu selo, ficaram sob a sua guarda. Como vimos anteriormente, Marwan fez mau uso do selo do Califa e, por conseqüência, Osman foi martirizado pelos revoltosos. Quando Amir Muawiya chegou ao poder, ele nomeou Marwan governador de Medina e ali ele permaneceu até Abdullah bin Zubair reivindicar o direito ao califado. Embora Marwan não fosse um homem muito brilhante ou dotado de qualidades mentais incomuns, no entanto ele era um indivíduo muito astuto e ardiloso.

Segundo alguns historiadores, foi Marwan o responsável pela morte de Muawiya II, o filho de Yazid. Muawiya II recebeu veneno graças à conspiração de Marwan, que queria limpar o caminho do califado de qualquer obstáculo que pudesse impedi-lo de assumir o poder, daí ele ter surgido como pretendente ao califado logo em seguida à morte de Muawiya II.

## **O Califado de Abdullah**

A população do Hijaz tinha ficado profundamente chocada com o martírio de Husain e, por isso, recusou-se a aceitar a autoridade de Yazid, depositando o juramento de fidelidade nas mãos de Abdullah bin Zubair. No entanto, depois da tragédia de *Hirrah*, eles foram tão barbaramente torturados por Muslim bin Aqaba e seus soldados que, sem outra alternativa, tiveram que prestar o juramento de fidelidade a Yazid. Porém, quando este morreu, o Hijaz inteiro retirou aquele compromisso e começou a apoiar Abdullah bin Zubair (r.a.a.) de novo.

Abdullah bin Zubair era superior a Marwan, ou a qualquer outro omíada, em todos os aspectos e assim, depois do Hijaz, as populações do Iraque, Egito e Síria também se juntaram a ele e se tornaram seus adeptos. Dessa maneira, Abdullah enviou seus governadores e representantes para todos aqueles lugares. Na Síria, com exceção de Hasan, o governador da Jordânia, todos aceitaram o seu califado e se tornaram leais a ele.

Contudo, em Basra, Ibn Ziyad tentou modificar a situação, através do convencimento das pessoas para que o escolhessem como seu governante. Imediatamente, todos prestaram juramento de fidelidade a ele, mas apenas como encenação. Ao saírem do local da reunião, aqueles que tinham jurado fidelidade a ele começaram a lavar as mãos, como se suas mãos tivessem ficado sujas.

Ibn Ziyad tentou trazer para o seu lado a população de Kufa, porém seus esforços foram em vão. Eles se recusaram terminantemente e disseram que Allah lhes tinha concedido a libertação das garras de Ibn Samia (Ibn Ziyad), e que, por isso, não iriam permitir que ele se impusesse a eles de novo. Ao tomar conhecimento desta atitude por parte dos cidadãos de Kufa, Basra também começou a se opor abertamente a ele. A oposição assumiu uma tal proporção que Ibn Ziyad teve que fugir do Iraque para a Síria. E Basra e Kufa finalmente aceitaram Ibn Zubair (r.a.a.) como Califa.

Depois da morte de Yazid, os omíadas ficaram bastante desmoralizados e, segundo Ibn Asir, Marwan bin Hakam também. Marwan, que tinha sido governador de Medina por tanto tempo, tinha perdido o ânimo e estava pensando em prestar juramento de fidelidade a Abdullah bin Zubair. Porém, nesse meio tempo, Abdullah já tinha ordenado que ele abandonasse Medina de imediato. Seu filho, Abdul Malik, tinha pegado varíola, porém Marwan teve que partir porque tinha sido ordenado a fazê-lo. Quando ele já tinha saído de Medina, juntamente com seu filho doente, Ibn Zubair se condeou daquela situação e mandou que seus homens os encontrassem e os trouxessem de volta, mas não foi encontrado o menor vestígio dos dois.

Marwan conseguiu chegar à Síria e lá também não encontrou um ambiente mais favorável do que em Medina. A maioria dos sírios estava a favor de Abdullah bin Zubair e o estava apoiando. Vendo que não tinha condição de reverter aquela situação, Marwan se preparou para aceitar Abdullah bin Zubair como califa e prestar o juramento de fidelidade a ele. No entanto, enquanto isso, chegava à Síria Ubaidullah bin Ziyad que o aconselhou a não perder o ânimo e lutar.

Na verdade, a chegada de Marwan e Ibn Ziyad à Síria, um depois do outro, mudou a situação por completo. Os omíadas, que estavam desunidos e cada um para o seu lado, mais uma vez se juntaram e, de comum acordo, nomearam Marwan como califa deles. Era o mês de Ziqá'da,

do 64º ano da Hégira, quando Marwan foi escolhido califa, na conferência de Jabia. Foi esta conferência que, uma vez mais, reacendeu a coragem e unidade entre os omíadas para enfrentar a situação adversa e salvar o poder, que estava preste a se perder para sempre.

Zahak bin Qais, o chefe da tribo Qais, era o maior adepto de Abdullah bin Zubair em Damasco. No entanto, ao ver que a situação estava se modificando, ele decidiu partir com sua tribo para um lugar chamado Marj Rahat e ali começou a se preparar para a guerra. Os governadores de outros lugares da Síria, que apoiavam Abdullah bin Zubair, acorreram em massa para ajudar Zahak.

Depois da partida de Zahak de Damasco, os omíadas ocuparam o tesouro e o depósito de armas, que se mostraram de grande utilidade para Marwan. Agora, ele também começava a se preparar para atacar Marj Rahat e a batalha aconteceu no mês de Muharram, do 65º ano da Hégira. Nesta batalha, Zahak foi derrotado e morto e Marwan alcançou a vitória. Em seguida, todas as outras cidades e localidades da Síria foram sendo capturadas pelos omíadas e, em pouco tempo, todo o país estava sob o controle deles.

## **Egito**

Depois da Síria, Marwan quis conquistar o Egito e, então, resolveu atacar o país pelos dois lados. Ele iria por um lado e seu exército, sob o comando de 'Amr bin Sayid, atacaria pelo outro. Abdur Rahman bin Hajdam, que era o governador do Egito e apoiava Abdullah bin Zubair, saiu para enfrentar Marwan, sem saber que do outro lado se encontrava o exército de 'Amr bin Sayid. Assim, quando ele marchou para enfrentar Marwan, 'Amr bin Sayid entrou na cidade pelo outro lado e, diante desse quadro, Abdur Rahman avaliou que seria inútil lutar contra Marwan e

acabou se rendendo. E, assim, o Egito também foi conquistado pelos omíadas.

Marwan morreu de repente, sem uma causa aparente, no mês de Ramadã, do 65º ano da Hégira. Segundo relatos, ele teria sido envenenado por sua esposa, Umm Khalid, que vinha a ser viúva de Yazid. Marwan, por questões políticas, tinha se casado com ela depois da morte de Yazid, porém ele não gostava do filho dela, Khalid, e o tinha insultado mais de uma vez. Não obstante isso, Umm Khalid o obrigou a declarar Khalid seu sucessor, e assim ele fez. Ele também indicou 'Amr bin Sayid como seu sucessor, mas, em pouco tempo, cancelou as indicações de Khalid e de 'Amr. Além do mais, em certa ocasião Marwan tinha ofendido mãe e filho, o que teria deixado os dois bastante furiosos, levando Umm Khalid a lhe dar veneno. Segundo outros relatos, ela o teria estrangulado enquanto dormia profundamente.

Marwan morreu com a idade de sessenta e três anos e o período de seu assim chamado califado foi de apenas nove meses. Não há registro de realizações ou obras dignas de nota durante esse período. Após anular as nomeações de Khalid e 'Amr, ele indicou seu filho, Abdul Malik, como seu sucessor.



## CAPÍTULO IV

### ABDUL MALIK BIN MARWAN

(De 65 a 86 H - 686 a 707 d.C.)

e

### ABDULLAH BIN ZUBAIR MUAWIYA

Depois da morte de Marwan, seu filho, Abdul Malik, ascendeu ao trono no mês de Ramadã, do 65º ano da Hégira, por força de um ato de vontade de seu pai. Ele nasceu no 26º ano da Hégira e, portanto, estava com trinta e nove anos quando assumiu o poder. Qualquer outra pessoa no lugar de Abdul Malik teria desistido da idéia de governar um estado às voltas com o caos e a desordem, como se encontrava o estado islâmico naquele momento. Porém, ele era um homem muito ambicioso e bastante corajoso. Ele enfrentou todo o tipo de oposição e se defrontou com as situações mais adversas, mas conseguiu sair-se bem e, finalmente, estabeleceu sua autoridade e soberania por todo o estado.

#### **Os Tawwabin ou os Arrependidos**

Conforme vimos antes, naquela época o caos e a desordem de vários tipos estavam disseminados por todo o mundo muçulmano. No meio de toda aquela confusão, surgiram os *tawwabin*, ou os “arrependidos”. Eram homens que se lamentavam e estavam arrependidos por não terem ajudado e salvado Imam Husain no episódio de Kerbala. Na verdade, esse movimento tinha começado durante o califado de Marwan, com um venerando companheiro do Profeta (s.a.w.), de nome Sulaiman bin Swarve. Ele também tinha sido um fervoroso seguidor de ‘Ali (r.a.a.) e, depois de sua

morte, tornou-se o representante de Imam Husain, em Kufa, e sua casa transformou-se em um centro de apoio a ele. A maior parte das cartas enviadas a Husain pedindo que ele fosse para Kufa para acabar com a tirania de Yazid, na verdade tinham sido escritas em sua casa. Porém, quando Husain chegou a Kufa, atendendo à convocação deles, Sulaiman e alguns companheiros seus não puderam fazer nada para ajudá-lo e apoiá-lo, e Husain foi martirizado no campo de Kerbala. Porém, decorrido algum tempo, eles começaram a se sentir envergonhados por não terem agido de forma eficaz para evitar aquela tragédia. Este sentimento de arrependimento os encorajou a buscarem a vingança pelo martírio de Husain. Eles sentiam que era seu dever mais sagrado vingarem-se dos omíadas, e passaram a se denominar de “*tawwabin*”, ou os arrependidos. Na verdade, os preparativos secretos do movimento tinham começado quando Yazid ainda estava vivo, porém só saiu da clandestinidade durante o califado de Marwan e coube a Abdul Malik enfrentá-los.

No 65º ano da Hégira, quando ficaram mais poderosos, cerca de seis mil *tawwabin* se reuniram primeiro no túmulo de Imam Husain e de lá marcharam em direção à Síria. Ubaidullah bin Ziyad, naquela ocasião, encontrava-se no Iraque e, assim, houve um enfrentamento entre os *tawwabin* e o exército de Ibn Ziyad. Após um violento combate, os *tawwabin* foram derrotados e Sulaiman e quase todos os seus companheiros foram mortos durante os combates. Dos seis mil *tawwabin* apenas uns poucos sobreviveram, que não tiveram condição de prosseguir com o movimento.

### **Mukhtar Saqafi**

No 66º ano da Hégira, irrompeu uma nova agitação, iniciada por um indivíduo traiçoeiro, de nome Mukhtar bin Abi Ubaid Saqafi. Ele dizia que seu movimento tinha por objetivo vingar o martírio de Husain, no entanto, o que realmente pretendia era tomar o poder. Ele era um descrente, porém

ambicioso e corajoso, que vendo o caos e a desordem disseminados por toda a parte, também tentou se aproveitar da situação e resolveu pescar em águas turvas. Embora não acreditasse na religião e nem nos personagens religiosos, ele passou explorar a religião e os sentimentos religiosos das pessoas. Ele dizia que queria vingar o martírio de Husain e também tentou espalhar algumas inovações entre as pessoas, com o objetivo de desviá-las do caminho reto.

Para tornar seu movimento mais eficiente e poderoso, em primeiro lugar ele entrou em contato com Imam Zainul Abedin, filho de Husain, e o convidou a entrar para o seu movimento. Porém, Zainul Abedin se recusou terminantemente a aceitar seu convite, uma vez que ele conhecia muito bem o sujeito que Mukhtar Saqafi era. Por isso, Zainul não só rejeitou seu movimento como também pronunciou um discurso contra ele na mesquita do Profeta, onde, entre outras coisas, disse que o homem estava se colocando falsamente como um amigo do *Ahl-e-Bait*, mas que, na verdade, ele não tinha qualquer preocupação com a família do Profeta.

Desapontado com Zainul Abedin, Mukhtar voltou-se para Muhammad bin Hanafia, filho de 'Ali, que, naquela época, estava sendo pressionado por Abdullah bin Zubair a prestar o juramento de fidelidade a ele, Zubair. Muhammad bin Hanafia e Abdullah bin Abbas eram as duas únicas pessoas de prestígio no Hijaz que ainda não tinham prestado o juramento e também não se sentiam inclinados a fazê-lo. Assim, seguindo a orientação de Abdullah bin Abbas, Muhammad bin Hanafia concordou em se passar para o lado de Mukhtar, que o declarou sucessor de 'Ali (r.a.a.) e *Mahdi* (líder) daquela época.

Tendo em vista que Abdullah bin Zubair estava no poder, Mukhtar não quis criar qualquer desavença com ele e, por isso sugeriu a Ibn Zubair que queria ir para o Iraque para instigar os iraquianos contra os omíadas. Ibn Zubair deu sua permissão e para Muhammad bin Hanafia também.

Ao chegar ao Iraque, Mukhtar tornou-se líder dos *tawwab*in, os arrependidos. Como Kufa fosse o centro de maior concentração de adeptos de 'Ali, ele teve alguma dificuldade em fazer com que a população local aderisse ao seu movimento, muito embora se apresentasse sob o disfarce de um amigo da *Ahl-e-bait*.

Havia um nobre e líder importante em Kufa, de nome Ibrahim bin Ashtar, que tinha sido um grande defensor de 'Ali e de sua *ahl-e-bait*, e que, não obstante, se passou para o lado de Mukhtar, que conseguiu convencê-lo, mostrando-lhe uma carta falsificada de Muhammad bin Hanafia. Abdullah bin Motie, governador de Kufa, e seu oficial de polícia, Ayas, seriamente preocupados com toda aquela movimentação e temendo as possíveis conseqüências, advertiram Mukhtar e Ibrahim da ilegalidade de suas atividades, mas Ayas foi morto e Abdullah bin Motie teve que se render. E assim, o Iraque foi capturado por Mukhtar, restando apenas Basra sob o controle de Abdullah bin Zubair.

Enquanto isso, Abdullah bin Zubair tomava conhecimento de que Muhammad bin Hanafia e Abdullah bin Abbas tinham alguma ligação secreta com Mukhtar e por isso exigiu que eles prestassem o juramento de fidelidade a seu favor pois, do contrário, seriam punidos. Como eles se recusassem a assumir aquele compromisso, acabaram sendo presos. Porém, por essa ocasião, Mukhtar já era um homem forte e mandou um exército e uma grande quantia em dirhams para o pagamento do resgate e Muhammad bin Hanafia foi libertado.

Em seguida, Mukhtar iniciou uma campanha para vingar o martírio de Husain. Ele começou matando todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos naqueles acontecimentos, e confiscando todos os seus bens. Ubaidullah bin Ziyad, Shimr Zil Jowshan, Khuli Asbahi e 'Amr bin Sa'd, todos foram mortos. A cabeça de Ubaidullah bin Ziyad foi enviada para o filho de Husain em Medina, Imam Zainul Abedin.

Os adeptos de Mukhtar eram, em sua maioria, não-árabes. Eles o tinham ajudado bastante a alcançar força e poder e por esta razão Mukhtar os tratava com grande deferência, o que já não acontecia no tocante aos árabes. Os nobres e líderes árabes ficaram enfurecidos e formaram uma frente unida contra ele. Mukhtar os enfrentou com seus adeptos não-árabes porém, sendo ele próprio um hipócrita, conseguiu trazer para o seu lado algumas tribos árabes. Desta forma, os árabes foram derrotados e todos os prisioneiros de origem árabe foram mortos impiedosamente. Não satisfeito com isso, ele também começou a mandar matar todos os árabes residentes em Kufa, que aterrorizados fugiram para Basra, cujo governador era Musa`b bin Zubair, irmão de Abdullah bin Zubair.

## **O Destino de Mukhtar**

Tendo em vista que Mukhtar era o mais ferrenho inimigo do regime de Abdullah, e que agora vinha conseguindo o apoio dos árabes de Kufa, Mus'ab decidiu empreender uma ação definitiva contra ele. Muhlib bin Abi Safra, um renomado comandante, foi convocado e começaram os preparativos para a guerra. Sabendo disto, Mukhtar também mandou um exército de sessenta mil soldados, sob o comando de Ahmad bin Sabet. Do outro lado, o próprio Mus'ab saiu para enfrentar o efetivo de Mukhtar. As duas forças se enfrentaram no campo de batalha de Madar e, após violentos combates, o exército de Mukhtar foi derrotado. Uma grande parte do exército ficou destruída e o resto dos soldados fugiu em direção a Kufa, onde foi caçado por Mus'ab. O próprio Mukhtar partiu para enfrentar o exército de Mus'ab, mas foi derrotado mais uma vez. Ele se refugiou no forte de Kufa, porém Mus'ab não estava disposto a perdoá-lo e cercou o forte. O cerco se prolongou por algum tempo e, finalmente, Mukhtar, estando desgostoso, certo dia declarou que sua hora tinha chegado e que ele deveria lutar a sua última batalha para obter ganhos materiais. Naquele dia, ele admitiu abertamente que sua luta

não era pela causa da religião ou da *ahl-e-bait* e sim por seu próprio interesse. Então, acompanhado de um contingente leal, saiu do forte para enfrentar Mus'ab e combateu com bravura e audácia. Passado algum tempo, seus homens fugiram e Mukhtar foi morto em combate. Sua cabeça foi cortada e enviada a Abdullah bin Zubair (r.a.a.), em Medina.

## **Os Carijitas**

Os carijitas, que tinham surgido na época de 'Ali e Muawiya, tinham tomado partido de Abdullah bin Zubair enquanto ele se opôs aos omíadas. Mais tarde, contudo, quando souberam que Abdullah bin Zubair não gostava de suas crenças religiosas e que não se opunha a Osman e 'Ali (r.a.a.), voltaram-se contra ele também. A fim de acabar com os carijitas, Mus'ab teve que enviar o exército mais de uma vez e, até os últimos dias de Abdullah bin Zubair, não obteve qualquer resultado. Os carijitas não se submetiam a qualquer controle e era muito difícil dominá-los. Eles eram derrotados e, depois de algum tempo, ressurgiam no cenário islâmico com toda a força.

## **Ubaidullah bin Harja'fi**

Ubaidullah bin Harja'fi era um homem justo e piedoso, que tinha presenciado o período dos califas justos. No 68º ano da Hégira, ele se rebelou no Iraque contra Mus'ab bin Zubair e uniu forças com Abdul Malik, o califa omíada, mas acabou sendo derrotado por Mus'ab. Depois da derrota, quando tentava fugir, morreu afogado no rio.

## **'Amr bin Sayid**

Conforme vimos anteriormente, Marwan tinha nomeado Khalid bin Yazid e 'Amr bin Sayid como seus sucessores, porém, mais tarde, revogou as nomeações para indicar seu filho, Abdul Malik, seu sucessor. Khalid não tinha coragem de fazer qualquer coisa contra Abdul Malik, porém

‘Amr bin Sayid representava um perigo constante para ele. Assim, um certo dia do 69º ano da Hégira, ele foi traiçoeiramente assassinado por Abdul Malik.

### **A Paz com os Romanos**

No 70º ano da Hégira, os romanos começaram os preparativos para atacar a Síria. Naquela época, Abdul Malik pensava não ser conveniente enfrentar os romanos porque seu objetivo maior era acabar com Abdullah bin Zubair. Assim, ele firmou um acordo de paz com os romanos e prometeu o pagamento de mil dinares por semana.

### **Ataque ao Iraque**

Depois de se desvencilhar de ‘Amr bin Sayid e dos romanos, Abdul Malik decidiu, então, atacar o Iraque, e começou a se preparar para isto. No 71º ano da Hégira, ele invadiu o Iraque e encontrou pela frente a resistência de Mus’ab bin Zubair, que chegou com seus soldados para enfrentá-lo. No entanto, vários de seus líderes tinham sido subornados por Abdul Malik e o abandonaram justo na hora da necessidade. Abdul Malik também tentou, sem sucesso, subornar Ibrahim bin Ashtar e trazê-lo para o seu lado. Após violentos combates em Dir Jasliq, o exército de Mus’ab foi derrotado e ele foi morto. Abdul Malik, na verdade, não queria que Mus’ab morresse e assim, quando a cabeça dele foi arrancada do corpo e colocada à sua frente, Abdul Malik lamentou e disse : “O Coraix nunca mais produzirá um homem tão valoroso.” Depois da derrota de Mus’ab, Abdul Malik ocupou o Iraque.

### **Destino de Ibn Zubair (r.a.a.)**

Mus’ab bin Zubair era, na verdade, o braço direito de seu irmão Abdullah bin Zubair (r.a.a.). Quando este recebeu a notícia de que Mus’ab tinha sido morto durante os combates, ficou bastante chocado. Ele tinha sido privado de seu irmão e a queda do Iraque representava uma perda

irreparável para ele. Aquele era o momento oportuno para Abdul Malik atacar o Hijaz e se livrar de Abdullah bin Zubair (r.a.a.).

Então, no 71º da Hégira, Abdul Malik enviou um grande exército, sob o comando de Hajjaj bin Yusuf Saqafi, com o objetivo de atacar Meca. A cidade foi cercada e o exército de Hajjaj começou a lançar pedras com os *minjeniques* (aríetes). Era a época do *Hajj* e, dentre os inúmeros peregrinos, Abdullah bin Omar também se encontrava na cidade para realizar o *Hajj*. Ele mandou uma mensagem a Hajjaj, onde dizia: “Tenha receio de Allah, as pessoas estão vindo para o *Hajj* na Caaba e você atira pedras nelas!” Assim que recebeu a mensagem, Hajjaj parou de apedrejar durante os dias do *Hajj*. No entanto, uma vez terminado o período daquela obrigação religiosa, ele voltou a lançar pedras, as quais provocaram um grande estrago no prédio da Caaba também.

Abdullah bin Zubair defendeu a cidade com grande firmeza e coragem, mas todos os recursos que pudessem vir em seu auxílio tinham sido interrompidos. O bloqueio impedia que chegasse qualquer ajuda de fora. Além do mais, não havia mais ninguém que viesse resgatá-lo ou que mandasse forças auxiliares.

O bloqueio continuou por meses e, em pouco tempo, os estoques de comida acabaram e, por conseqüência, a cidade foi tomada pela fome e obrigada a pôr em prática um racionamento de bens de consumo. Vendo esta situação, cerca de dez mil homens de Abdullah bin Zubair o abandonaram e se passaram para o lado de Hajjaj. Porém, sua firmeza e determinação não diminuíram. Mesmo nesta situação tão adversa, ele prosseguiu lutando. Por fim, chegou o dia em que seus próprios filhos o abandonaram e, nem assim, sua coragem ficou abalada.

Passado algum tempo, ele recebeu uma mensagem de Abdul Malik oferecendo alguns benefícios. Ele agora



tinha certeza de que não era mais possível continuar a luta e foi ter com sua mãe, Asma bint Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), para se aconselhar com ela sobre o que fazer naquela situação. Ele perguntou: “Mãe, se eu me render, meu inimigo está pronto a me conceder alguns favores. Então, o que você me aconselha a fazer a esse respeito?” E a resposta que Asma (r.a.a.), a grande filha de um grande pai, deu ao filho, está inscrita nas páginas da história islâmica com letras de ouro:

“Meu filho, só você pode avaliar a situação melhor do que eu. Se você estiver na senda reta e lutando por uma causa justa, então continue na sua luta. Vários de seus companheiros já deram suas vidas por esta causa, assim por que você haveria de hesitar? Porém, se sua luta for para alcançar bens e favores materiais, então você é a pior das criaturas de Allah, porque colocou em risco não só a sua vida mas, também, sacrificou a vida de tantos outros. Agora, se você disser que está na senda reta mas que ficou desamparado por falta de assistência, então se lembre de que esta não é a melhor forma de homens honrados e justos perderem o ânimo numa situação como esta. Quanto tempo mais você viverá neste mundo? Vá, morrer por uma causa justa é mil vezes melhor do viver uma vida assim.”

Então, Abdullah bin Zubair (r.a.a.) disse: “Mas mãe, eu estou com medo, eles podem me empalar e violar o meu corpo.”

“Mas isto não tem importância”, respondeu a corajosa mãe, “a cabra não sente dor alguma depois de ser abatida. Vá, suplique por socorro a Allah e cumpra com o seu dever.”

“Mas, o que será de você depois que eu me for?”, perguntou o filho.

“Não se preocupe comigo”, respondeu Asma (r.a.a.). “Se você se for deste mundo antes de mim, eu me

submeterei a Allah e serei paciente, mas, se você for vitorioso, agradecerei a Allah e me sentirei feliz com o seu sucesso.” Em seguida, ela pediu a Allah que desse a ele um bom destino e lhe disse que fosse cumprir com o seu dever.

Ao ouvir as corajosas palavras de sua mãe, Abdullah bin Zubair voltou para combater o inimigo. Os sírios também usaram de toda a sua força. Zubair contava apenas alguns homens, que também não ficaram muito tempo com ele, e acabou tendo que lutar sozinho. Era evidente a desproporção de forças, porém ele não abandonou o campo de batalha até ser martirizado. Isto aconteceu no mês de Jamadi-as-sani e ele estava com setenta e dois anos de idade. O seu califado durou sete anos.

Conforme era de se esperar de um homem cruel como Hajjaj, o corpo de Ibn Zubair (r.a.a.) foi pendurado e, depois de alguns dias, quando Asma (r.a.a.) passou pelo local, vendo a condição do corpo do filho, observou: “Ó, este cavaleiro ainda não apeou do seu cavalo!”

Quando Abdul Malik soube do que tinha sido feito a Zubair, ordenou que seu corpo fosse devolvido à sua mãe.

## **Administração**

Abdullah bin Zubair (r.a.a.) governou todo o mundo islâmico por uns poucos anos e o Hijaz e o Iraque por cerca de sete anos. No entanto, durante todo esse período, por causa do caos e das constantes guerras, ele não teve um único dia sequer em que pudesse realizar obras construtivas tranqüilamente. Apesar disto, ele realizou algumas obras públicas e uma delas foi a reconstrução do prédio da Caaba, que foi reconstruída de acordo com o projeto que tinha sido idealizado pelo Profeta (s.a.w.).

## Qualidades Pessoais

Tendo convivido no seio da casa de sua tia, Aysha Siddiqa (r.a.a.), Abdullah bin Zubair (r.a.a.) gozava de uma posição diferenciada entre seus contemporâneos. Ele conhecia muito bem o Alcorão e era um bom *qari* (recitador) do Livro Sagrado e também conhecia a *Sunnah* (Tradições do Profeta) e o *Fiqh* (Jurisprudência Islâmica). Apesar de o árabe ser sua língua mãe, ele também conhecia outras línguas e era um bom orador. Alguns de seus discursos são considerados obras-primas da oratória árabe. Em relação ao seu caráter e conduta, foi um exemplo para os outros, pois era um retrato vivo de como ser um bom muçulmano na adoração divina, na misericórdia e na abstinência. Quando orava ficava tão absorto em suas orações que se assemelhava ao Profeta (s.a.w.). Ele tinha como objetivo principal de sua vida observar fielmente a *Sunnah* do Profeta (s.a.w.) e era conhecido como um dos mais bravos personagens do Coraix. Sua vida foi repleta de atos de nobreza e era tão ousado e corajoso que jamais se curvou diante dos poderosos governantes omíadas, e se opôs abertamente à sucessão de Amir Muawiya pelo filho Yazid.

Sua situação financeira sempre foi boa. Seu pai, Zubair bin Awwam (r.a.a.), era um mercador coraixita muito rico e ele recebeu um grande quinhão da fortuna de seu pai, o que lhe garantiu uma vida de prosperidade. Ele era bastante respeitado e cuidou das mães dos crentes, principalmente de Aysha, sua tia.

Depois de Abdullah Ibn Zubair (r.a.a.), foi perdida, para sempre, a última esperança de se ter de volta o verdadeiro espírito do califado islâmico.

## CAPÍTULO V

### O NOVO REGIME DE ABDUL MALIK

Após a derrota e o martírio de Abdullah bin Zubair (r.a.a.), não surgiu mais ninguém no cenário político para se opor ao poder de Abdul Malik. Corria o 73º ano da Hégira e ele era o único governante do mundo islâmico.

No início de seu novo regime, Abdul Malik teve que enfrentar os carijitas, que tinham suas fortalezas no Iraque e na Pérsia, de onde semeavam a discórdia. Na verdade, o movimento e atividades deles eram muito perigosos e representavam um grande perigo à lei e à ordem.

Como vimos no capítulo anterior, durante o período de Ibn Zubair (r.a.a.), Muhlab bin Abi Safra tinha sido encarregado da tarefa de agir contra os carijitas. Naquele momento ele poderia ter aniquilado com todos eles por completo, no entanto, tendo em vista a situação política incerta do estado, não foi possível. Quando o reinado de Ibn Zubair chegou ao fim e Abdul Malik se tornou o único governante, Muhlab e seu exército foram convocados e, mais uma vez, foi-lhes confiada a responsabilidade de destruir os carijitas. No entanto, depois de algum tempo, o governador de Kufa transferiu Muhlab para o departamento de receitas, e colocou em seu lugar Abdul Aziz, o irmão do governador, que continuou a luta contra os carijitas. Porém, Abdul Aziz foi morto durante os combates e, mais uma vez, Muhlab foi chamado para comandar a luta contra os carijitas. As campanhas contra eles continuaram por mais alguns anos ainda. A última expedição foi a do Tabaristão, onde, em uma região montanhosa, o exército sírio impôs uma derrota esmagadora a eles. Qatri, o comandante dos carijitas, foi morto pelos sírios e seus homens correram em debandada, terminando, assim, o poder carijita.

## África do Norte

Embora a África do Norte tivesse sido conquistada durante o reinado de Amir Muawiya, os berberes eram um povo incontrolável, difícil de governar e, freqüentemente, pegavam em armas e se rebelavam contra o governo muçulmano. Esta situação vinha acontecendo desde o período de Yazid e continuou durante o reinado de Abdul Malik, quando, por causa de distúrbios internos, não houve ninguém em condições de acabar com os insurgentes. Porém, depois que seu regime se estabilizou, Abdul Malik voltou sua atenção para aquela região também.

No 69º ano da Hégira, Zubair bin Qais tinha sido mandado para lá com um grande exército. Ele era um general famoso e que tinha uma grande experiência em África. O líder dos berberes insurgentes, Kaseela, encontrava-se em Cairuan e, ao tomar conhecimento de que Zubair bin Qais estava se dirigindo para lá, tentou fugir mas acabou sendo alcançado. No exército de Kaseela, além dos berberes, havia também uma grande quantidade de soldados romanos. No local chamado Mawash, aconteceu uma violenta batalha e Kaseela foi derrotado. Seus soldados, tanto berberes como romanos, foram presos e Zubair retornou a Barqa via Cairuan. Em Barqa, havia um grande número de romanos e os muçulmanos residentes na cidade foram impiedosamente mortos. O exército de Zubair era pequeno porém, ao ver a condição de desamparo dos muçulmanos, ele decidiu atacar assim mesmo. Nesse ataque, contudo, ele foi derrotado e morto. E, dessa forma, mais uma vez a África do Norte fugiu do controle dos muçulmanos.

No 74º ano da Hégira, Abdul Malik, mais uma vez, enviou um exército sob o comando de Hasan bin No'man Ghassani, que atacou Cartagena, às margens do Mediterrâneo, e derrotou um grande contingente de romanos. Depois de Cartagena, ele se dirigiu para Jabal,

que era governada pela rainha Damia. Ali, Hasan foi derrotado e teve que voltar para Barqa. No 78º ano da Hégira, Abdul Malik tornou a mandar um grande exército sob o comando do mesmo Hasan, para mais uma expedição à África. Desta vez, a rainha Damia foi derrotada e morta e depois disto, os berberes aceitaram o Islam em grande número.

### **Rebelião em Sistan**

Durante o reinado de Abdullah bin Zubair (r.a.a.), Rutbil, um governante turco da região do Sistan, tinha se revoltado contra o estado islâmico. No 74º da Hégira, Umaiyya bin Abdullah, o governador do Corassã, tinha enviado um exército sob o comando de seu filho, Abdullah, para fazer com que o líder turco insurgente voltasse a se submeter ao governo islâmico. Porém, em razão de um erro de estratégia, Abdullah fracassou completamente e quando Abul Malik soube de seu fracasso, demitiu-o de imediato.

No 78º. ano da Hégira, Abdul Malik, de novo, despachou um exército para o Sistan, agora sob o comando de Ubaidullah bin Abi Bakrah, que também encontrou o mesmo destino, no 79º ano da Hégira. Contudo, no ano seguinte, Hajjaj enviou um outro poderoso exército, sob o comando de um experiente general, Abdur Rahman bin Muhammad bin Ash'as, que obteve um grande sucesso, e Rutbil perdeu várias áreas do Sistan. Mas ao chegar à região das montanhas, Muhammad bin Ash'as não achou conveniente prosseguir e informou Hajjaj dessa sua decisão. Hajjaj não gostou dessa interrupção e escreveu a ele reprovando-o e ordenando-lhe que continuasse a avançar. Ibn Ash'as não era contra prosseguir a marcha, apenas queria que seus soldados pudessem descansar por alguns dias. Hajjaj não tolerou essa desobediência a uma ordem sua e escreveu a Ash'as que, ou ele avançava ou, então, que confiasse o comando do exército a seu irmão, Ishaq bin Muhammad bin Ash'as.

A partir daí, surgiu uma grande inimizade entre Hajjaj e Ibn Ash'as e por conseqüência, um confronto aberto entre eles. Ibn Ash'as procurou a cooperação de todos, até mesmo de Rutbil, obtendo êxito com facilidade. Os soldados de seu exército também eram contra Hajjaj por causa da forma cruel e violenta com que ele tratava as pessoas e, por isso, também cooperaram com Ibn Ash'as. Quando Abdul Malik tomou conhecimento de toda essa movimentação, mandou dizer a Ibn Ash'as que estava disposto a substituir Hajjaj por Muhammad bin Marwan, no Iraque, a aumentar os salários dos soldados iraquianos, que seriam iguados aos salários dos soldados sírios, e que ele receberia o governo de qualquer província que fosse de sua preferência. Em troca de tudo isto, Abdul Malik queria que ele pusesse um fim à rebelião e que a paz fosse restabelecida. Ibn Ash'as estava a ponto de aceitar mas, por causa da obstinação e teimosia dos iraquianos, não foi possível. Como resultado, Hajjaj continuou no poder e por fim ele conseguiu por as mãos em seu inimigo. Quando Ibn Ash'as procurou refúgio com Rutbil, de alguma forma Hajjaj conseguiu chegar lá e prendê-lo. Finalmente, Ibn Ash'as foi morto. Depois da morte de Ibn Ash'as, a paz voltou a prevalecer no Iraque. Hajjaj concedeu anistia a todos, inclusive aos líderes dos *taba'in* [sucessores ou contemporâneos dos companheiros do Profeta (s.a.w.)]. Sayid bin Jubeir (r.a.a), no entanto, não obteve anistia por ser um dos líderes que tinham apoiado abertamente Abdur Rahman bin Muhammad bin Ash'as. Ele foi martirizado.

### **A Questão do Herdeiro Presuntivo**

No 85º ano da Hégira, Abdul Malik levantou a questão de sua sucessão. Marwan tinha declarado Abdul Malik e Abdul Aziz, respectivamente, como seus primeiro e segundo herdeiros presuntivos. Portanto, de acordo com essa disposição, Abdul Aziz deveria ascender ao trono após Abdul Malik. No entanto, Abdul Malik quis modificar a decisão de seu pai e declarar seu filho, Walid, como seu

sucessor. Ele ainda estava considerando essa alteração quando Abdul Aziz morreu e o caminho para Walid ficou desimpedido. Abdul Malik quis tomar o juramento de fidelidade para os seus dois filhos, primeiro para Walid e depois para Sulaiman. Os muçulmanos, de um modo geral, concordaram e firmaram o compromisso de fidelidade a favor dos dois irmãos. No entanto, um famoso *taba'ín*, Sayid bin Musayyib, foi contra, esclarecendo que, de acordo com a *shariah*, não era correto tomar o juramento de fidelidade das pessoas enquanto o califa ainda estivesse vivo. Hisham bin Abdul Malik, que era o governador de Medina, tratou Sayid com extrema crueldade por causa daquela objeção. Ibin Musayyib foi agarrado, chicoteado e mandado para a prisão. Apesar de todos os maus tratos, Sayid bin Musayyib permaneceu firme em sua opinião. Abdul Malik, então, condenando o tratamento dispensado a ele por parte de Hisham, escreveu uma carta de elogio a Sayid bin Musayyib.

## **Doença e Morte**

No mês de Shawwal, do 86º ano da Hégira, Abdul Malik ficou gravemente doente e antes de morrer, deu algumas instruções e conselhos aos filhos no tocante ao tratamento a ser dispensado ao povo.

Abdul Malik morreu no dia 16 do mês de Shawwal, do 86º ano da Hégira, e seu corpo foi enterrado em Damasco. Ao morrer, ele estava com sessenta anos. Depois de Zubair, ele governou todo o mundo islâmico por treze anos e quatro meses porém, desde sua posse, a duração de seu governo foi de vinte e um anos. Abdul Malik deixou uma família grande, que incluía dezesseis filhos.

## **Sua Política e Programas Políticos**

Conforme dissemos anteriormente, com o martírio de Abdullah bin Zubair (r.a.a.), a última esperança de



renascimento do verdadeiro califado islâmico havia sido perdida para sempre e, portanto, não se esperava que Abdul Malik governasse em conformidade com os verdadeiros padrões islâmicos. Do ponto de vista pessoal, ele até que tentou ser um bom muçulmano – um seguidor do Islam em suas ações pessoais – mas na política e nas questões de estado ele não foi diferente de qualquer outro governante secular, embora não fosse um secularista no sentido moderno, aquele que se preocupa (ou que, pelo menos, espera-se que se preocupe) com o bem-estar coletivo. Ele só pensava em si próprio, em seus filhos e parentes, e, quando muito, em sua dinastia e sua tribo. Se for encontrada alguma realização, alguma obra, alguma coisa qualquer que tenha sido realizada durante o seu reinado com vistas ao bem público, certamente que não houve a menor preocupação com a felicidade coletiva, pois não passavam de medidas que tinham por objetivo acalmar o povo para que continuasse satisfeito com o seu regime.

Antes de alcançar poder e autoridade, Abdul Malik vivia uma vida de estudos e aprendizado. Ele era muito bem versado no conhecimento islâmico e se não tivesse se tornado rei, por certo que teria sido um grande sábio. Porém, ele deixou de ser um estudioso para se tornar um político – um político que não se preocupava com a religião. A política que ele adotou em seu governo pode ser compreendida do seguinte exemplo: ele estava lendo o Alcorão quando soube de sua nomeação como califa. Assim que recebeu a notícia, ele fechou imediatamente o Livro Sagrado, proferindo as seguintes palavras: “Adeus, agora eu e você nos afastamos.” Ele não proferiu essas palavras apenas com os lábios, da boca para fora, mas, na verdade, cumpriu com o que disse. Ele costumava expressar, através de seus discursos, a política adotada por seu governo. Ele dizia: “Não sou fraco como Osman para permitir que o povo chegue e me ataque, não sou astuto como Muawiya, ou excêntrico como Yazid. Se as pessoas questionarem meu comando, usarei minha espada. Minha espada é a minha língua.”

Conforme se depreende dessas palavras, é claro que ele não tinha se apresentado para estabelecer um estado como aquele procurado pelo Profeta (s.a.w.) e seus fiéis Companheiros (r.a.a.). Ele só queria fortalecer a monarquia ou o reinado dos omíadas, fundado por Amir Muawiya. E, neste sentido, foi bem sucedido. Ele pode ser chamado corretamente de “o segundo fundador da dinastia omíada”. Embora não pertencesse à família de Muawiya, ainda assim, ele era um membro de Bani Omíada.

É fato que ele era um homem de natureza firme, que não se abalava muito facilmente, e que superava todas as dificuldades e obstáculos que apareciam em seu caminho. Conta-se que, certa noite, ele recebeu, uma depois da outra, oito notícias sobre dificuldades intransponíveis, mas que não perdeu o ânimo. Ele ficou tranqüilo e firme e acabou resolvendo todos os problemas com coragem e paciência.

Alguns seguidores e funcionários de Abdul Malik também foram responsáveis por alguns dos mais negros aspectos em sua carreira. Hajjaj bin Yusuf Saqafi, por exemplo, era um grande tirano, de natureza violenta e cruel e que foi responsável por vários feitos terríveis durante o reinado de Abdul Malik. Ele matou milhares de pessoas inocentes. Algumas delas, realmente chegaram a cometer faltas ou erros mas, por certo, não mereciam a pena de morte por causa daquelas faltas. No entanto, Hajjaj as matou sem dó nem piedade. Além do mais, ele não tinha o menor respeito pela vida humana. Abdul Malik sabia disto mas não tomava qualquer providência, exceto ocasionalmente, quando, então, o advertia suavemente. Foi Hajjaj quem ordenou que o local mais sagrado para os muçulmanos fosse alvo das pedras lançadas pelos *minjeniques* (aríetes). A Caaba teve a sua santidade violada, desprezada e escarnecida e seu prédio foi seriamente danificado pelas pedras. É claro que, embora este ato tivesse sido praticado por ordem de Hajjaj, não há como isentar Abdul Malik dessa responsabilidade também.

Por outro lado, não pode ser ignorado o tratamento dispensado aos companheiros mais próximos do Profeta (s.a.w.), como Anas bin Malik e Sayid bin Musayyib (r.a.a.) e vários outros sábios e estudiosos da religião. Na política, Abdul Malik tentou seguir o caminho de Amir Muawiya mas, tendo em vista que não era tão perspicaz quanto Muawiya, jamais chegou a alcançar a posição do Amir.

## **Realizações**

Quanto às realizações, o período de Abdul Malik não foi passado em branco, pelo contrário, ele teve algumas grandes realizações apesar das condições incertas e caóticas do estado islâmico quando assumiu o poder.

Até então, o estado muçulmano não tinha seu próprio padrão monetário e as moedas romana, iraniana e copta eram de curso corrente entre os muçulmanos. Foi na administração de Abdul Malik que o mundo islâmico passou a ter a sua própria moeda. No ano 75<sup>o</sup>. ou 76<sup>o</sup> da Hégira, foi introduzido o papel- moeda muçulmano, que passou a ter curso forçado. Desta forma, a economia do estado livrou-se dos fatores externos e casas de cunhagem de moeda foram construídas em Damasco e Kufa.

Uma outra realização de grande importância de Abdul Malik foi a adoção da língua árabe como a língua oficial do estado. Até então, o persa e o romano eram indistintamente usados na administração o que, quase sempre, criava muita confusão entre as pessoas. Ao sentir essa dificuldade, Abdul Malik ordenou que o árabe fosse adotado como a língua oficial do estado, o que, além de acabar com aquelas confusões, também ajudou a divulgar o árabe por toda a parte.

Durante o governo de Abdullah bin Zubair (r.a.a.) o prédio da Caaba tinha sido reconstruído de acordo com projeto e planejamento do Profeta (s.a.w.). No entanto, quando Abdul Malik chegou ao poder, ele modificou tudo

mais uma vez e a Caaba voltou a ser como era antes. Ele também mandou construir algumas cidades novas e várias mesquitas e as antigas ou foram reformadas ou foram reconstruídas.

Como se sabe, Jerusalém tinha sido fixada como a primeira *Qibla*<sup>1</sup> dos muçulmanos e foi de lá que o Profeta (s.a.w.) ascendeu aos céus por ocasião do *Mi'raj*<sup>2</sup> (Ascensão). O local de onde o Profeta (s.a.w.) ascendeu era uma pedra, situada dentro dos limites da Mesquita de Al-Aqsa<sup>3</sup>. Abdul Malik ordenou que fosse construída uma cúpula sobre a pedra e essa cúpula existe até hoje, representando um exemplo vivo da arquitetura islâmica. É conhecida como "*Qub-batus-Sakhra*", a Cúpula do Rochedo.

A Mesquita Jam-e, de Damasco, também foi construída durante o seu Califado.

Abdul Malik foi um grande estudioso de sua época e, se não tivesse se envolvido em política, por certo que teria ocupado um lugar de destaque no tocante ao conhecimento islâmico.

Quando a paz foi estabelecida no país, ele começou a procurar e passar algum tempo na companhia de sábios e homens de conhecimento. Ele era versado no Alcorão, *tafsir*, *ahadith* e *Fiqh*. Conta-se que antes de se tornar califa, ele era um muçulmano piedoso e um adorador devotado de Allah. Porém, quando assumiu o califado, não mais conseguiu continuar com aquela vida. Imam Sha'bi diz que

---

<sup>1</sup> *Qibla*: Local para onde os muçulmanos se voltam durante as orações. A primeira *Qibla* foi fixada em Jerusalém e, mais tarde, passou a ser a Caaba. (N.T.)

<sup>2</sup> *Mi'raj*: a tradução literal é ascensão, porém há diferentes versões. Alguns exegetas dizem tratar-se da ascensão do Profeta aos céus e de sua volta, e outros dizem que teria sido uma visão que ele teve. (N.T.)

<sup>3</sup> *Masjid-ul-Acsa*: Mesquita Longínqua, foi completada por Abdul Malik e tinha esse nome por se tratar do mais distante local de adoração conhecido pelos árabes na época do Profeta. (N.T.)

ele conheceu vários homens instruídos e cultos em sua vida mas que jamais encontrou alguém superior a ele mesmo, exceto Abdul Malik.

Assim foi Abdul Malik.

## CAPÍTULO VI

### WALID I BIN ABDUL MALIK

(De 86 a 96 d.H. – 705 a 713 d.C.)

Depois da morte de Abdul Malik, ascendeu ao trono seu filho mais velho, Walid. Conforme vimos anteriormente, embora os governantes omíadas na prática fossem reis, eles preferiam serem chamados de “califa” e as pessoas se dirigiam a eles como “*Amirul Mu`minin*”, ou Chefe dos Crentes. Portanto, Walid I, foi o sexto califa da dinastia omíada. Apesar de todos os esforços de Abdul Malik, Walid não era inclinado aos estudos e ao conhecimento acadêmico e, por conseqüência, não possuía muito conhecimento teórico. Não obstante isso, ele aprendeu a ciência da administração e da arte de governar e, por isto, mostrou-se o califa mais bem sucedido da dinastia omíada. Abdul Malik tinha se encarregado de afastar todos os possíveis opositores e adversários e tinha organizado todo o califado, daí ter governado o estado islâmico de forma pacífica e ter ampliado as conquistas por toda a parte.

#### **Turquestão e China**

Naquela época, a fronteira do estado muçulmano, pelo lado da Pérsia, era limitada pelo rio Pyramus. Embora os muçulmanos tivessem conquistado uma parte considerável do Turquestão e houvesse alguns pequenos estados que pagavam tributo ao califado, no entanto eles não eram confiáveis. Frequentemente se revoltavam, trazendo prejuízos aos muçulmanos.

Hajjaj, que naquela época atuava como governador geral, nomeou Qutaiba bin Muslim como governador do Corassã. Assim que assumiu o cargo, Qutaiba encontrou Samarcanda e Bucara às voltas com distúrbios. Por outro lado, alguns estados pequenos tinham se declarado

independentes, o que irritou bastante Qutaiba. Então, ele decidiu marchar para o Turquestão, a fim de submetê-los ao califado muçulmano. Para sorte dele, os governantes turcos das diferentes regiões não eram unidos e essa desunião acabou ajudando bastante Qutaiba que, cruzando o rio, atacou e conquistou aqueles estados um após outro. Antes do 91º ano da Hégira, Qutaiba recebeu uma mensagem secreta do xá do Khawarzam, onde dizia que, se ele (Qutaiba) o ajudasse a se livrar de seu irmão Khanzada, ele se renderia a Qutaiba e se tornaria leal ao califado. Khanzada tinha destituído o xá do poder e, assumindo o controle de tudo, estava agindo contra a vontade do xá. Qutaiba aceitou o convite, atacou Khanzada e, após matá-lo, conquistou o estado e o devolveu para o xá que, em troca, se submeteu a Qutaiba e lhe ofereceu valiosos presentes. Porém, decorridos alguns dias, o xá foi morto pelo seu povo e Qutaiba nomeou seu próprio irmão, Ubaidullah, como governador do Khawarzam.

Ao presenciarem as sucessivas vitórias de Qutaiba no Turquestão, as populações dos outros estados, inclusive a de Samarcanda, ficaram alarmadas e resolveram se unir para enfrentar Qutaiba. No entanto não conseguiram e, por fim, tiveram que se render a Qutaiba e aceitar as seguintes condições:

- 1) A população de Samarcanda pagaria ao estado muçulmano uma quantia anual em dinares, a título de tributo;
- 2) No primeiro ano, Samarcanda também forneceria um contingente de trinta mil cavaleiros;
- 3) Os muçulmanos entrariam na cidade vitoriosamente e as pessoas do lugar que estivessem armadas deveriam deixar a cidade; e
- 4) Os muçulmanos construiriam uma mesquita na cidade, fariam as orações e fariam *Khutbas* (sermão).

Os habitantes de Samarcanda eram adoradores de ídolos e acreditavam que, se alguém tocasse em suas

divindades, morreria. Ao tomar conhecimento disto, Qutaiba mandou atear fogo nos ídolos, a fim de mostrar a falsidade da crença deles. Vendo que os muçulmanos ainda estavam vivos e que não tinha acontecido nada a eles, os adoradores de ídolos abandonaram sua religião e aceitaram o Islam. E, assim, Samarcanda se transformou na cidade dos muçulmanos.

Depois de Samarcanda, Qutaiba prosseguiu e conquistou Farghana e, sempre seguindo em frente, alcançou as fronteiras da China.

Agora, tinha chegado a vez da China, tendo em vista que na guerra de Samarcanda o imperador da China (*Khaqan*) tinha ajudado a população contra os muçulmanos, e seu filho era o comandante das forças auxiliares. Qutaiba deu início aos preparativos para atacar a China, despachou para Samarcanda as mulheres e crianças para que ficassem em segurança e limpou o caminho, desde Farghana até Kashghar. Após conquistar Kashghar, Qutaiba partiu para o continente chinês.

O *khaqan* mandou chamar uma delegação do exército muçulmano para iniciar conversações. Qutaiba enviou um contingente, tendo à frente Habira bin Mushreh como seu líder. O *khaqan* queria intimidar os delegados mostrando como seu exército era numeroso, mas Habira disse que os muçulmanos jamais temiam a morte. Em resposta a uma pergunta do *khaqan*, os muçulmanos informaram que o exército muçulmano só retornaria quando o *khaqan* aceitasse o Islam ou concordasse em pagar a *jizya* (imposto incidente sobre o não-muçulmano).

O *khaqan* conhecia muito bem o poderio dos muçulmanos e por isso decidiu aceitar a última das condições e concordou em pagar quantias vultosas a título de *jizya*. Os muçulmanos também não queriam prolongar por mais tempo a guerra e, assim, acabaram fazendo a paz com o imperador e deixaram a China. Conta-se que o *Khaqan*,



além dos presentes valiosos e grandes tesouros, também deu algumas terras e seus quatro príncipes a Qutaiba, e os muçulmanos ficaram muito satisfeitos.

## **Conquista do Sind**

Desde a época dos Califas Justos que a marcha em direção ao Sind já tinha começado, porém as áreas conquistadas tinham ficado restritas à fronteira apenas. Antes de Walid, não havia a intenção, por parte dos muçulmanos, de conquistar o Sind, e, até mesmo durante o califado de Walid, os muçulmanos talvez não tivessem atacado o Sind se não tivessem sido obrigados por causa de um acontecimento desagradável.

De acordo com detalhes narrados por historiadores, alguns comerciantes árabes tinham se estabelecido no Ceilão. O rajá do Ceilão era uma pessoa de natureza boa e também era influenciado pelo Islam. Ele era cortês e tolerante com os árabes residentes no país, e queria manter boas relações com o califado muçulmano. Assim, para alcançar esse objetivo, ele enviou alguns presentes para o Califa e despachou um navio que navegou pelo mar da Arábia levando aqueles presentes e os parentes de um comerciante árabe que tinha morrido no Ceilão. Além dos familiares do morto, o navio também levava algumas mulheres e crianças, assim como alguns peregrinos que estavam se dirigindo para Meca. Quando o navio estava navegando ao longo da costa do Sind, foi atacado e saqueado por piratas que também levaram as mulheres e crianças como cativas. Conforme relatos, uma das mulheres teria gritado: “Salve-nos, ó Hajjaj, salve-nos!” Quando soube desse pedido de socorro das mulheres oprimidas, ele teria respondido: “Estou chegando! Estou chegando!” O ato de pirataria tinha ocorrido próximo à costa de Deval, e por isso Hajjaj escreveu a Dahir, o rajá de Deval, exigindo que ele mandasse de volta as crianças e mulheres cativas e que punisse os responsáveis por aquele ato. No entanto, Dahir recusou-se terminantemente a se submeter, com o

argumento de que aquilo era uma questão de piratas sobre quem ele não exercia qualquer controle. Esta resposta categórica do rajá obrigou Hajjaj a tomar uma atitude para libertar os cativos muçulmanos. Primeiro, ele mandou um exército sob o comando de Ubaidullah bin Binhan que, no entanto, não obteve sucesso e acabou morrendo durante os combates. Estava claro para Hajjaj que não adiantaria uma ação mais simples para atingir aquele objetivo, e então nomeou seu primo Muhammad bin Qasim Saqafi como comandante de uma expedição ao Sind. Qasim, que era um jovem de apenas dezessete anos, pôs-se a caminho do Sind com um exército de seis mil homens. Os armamentos pesados e os estoques militares foram enviados por mar e ele e seus soldados seguiram por terra, via Makran.

Naquela época, Baluquistão e Multan também faziam parte do reino do Sind e o rajá Dahir era o governante de toda a região. Muhammad bin Qasim chegou ao Baluquistão e primeiro seguiu para Panjgore. Depois da conquista de Panjgore, ele atacou e conquistou Armabel, ou Armanbela. Em seguida, ele se encaminhou para Deval, que era um porto próximo ao atual porto de Karachi. Muhammad bin Qasim sitiou o forte de Deval e o cerco continuou por um longo tempo. Finalmente, foram trazidos os *minjeniques* (aríetes) e as pedras choveram sobre o forte, que acabou sendo conquistado. O rajá Dahir, governador de Deval, fugiu e a cidade foi ocupada pelo exército muçulmano. Muhammad bin Qasim providenciou a construção de uma mesquita e cerca de quatro mil muçulmanos, inclusive novos muçulmanos, foram assentados na cidade. De acordo com alguns relatos, as mulheres e crianças que haviam sido capturadas pelos piratas do Sind foram encontradas em Deval e libertadas. Porém, segundo outros relatos, elas foram mantidas em Dahlila e depois de sua conquista, Sisakar, ministro do rajá Dahir, que tinha se rendido a Qasim, libertou os cativos.

Muhammad bin Qasim conquistou todos os locais importantes do Sind e do Baluquistão, inclusive Siustan, ou

Sehwan Nairun, Bahraj, Seem, Kutch, Surta, Arore e Jior. O rajá Dahir foi morto na batalha de Jior e um de seus dois filhos, Jaisingh, se apresentou para enfrentar Muhammad bin Qasim. Porém, também ele foi derrotado na batalha de Brahmanabad. Jaisingh teve que fugir, e a população de Brahmanabad se rendeu.

Rani Ladi, uma das rainhas do rajá Dahir, foi capturada pelo exército muçulmano, porém Muhammad bin Qasim tratou-a gentilmente. Ela não foi levada por estar observando o *purdah* e foi inteiramente respeitada. Vendo o tratamento generoso dispensado a ela pelos muçulmanos, Rani Ladi abraçou o Islam e se casou com Muhammad bin Qasim por sua livre e espontânea vontade.

Depois da queda de Brahmanabad, Gopi, um outro filho do rajá Dahir, fugiu para Arore. Portanto, Muhammad bin Qasim, após conseguir o controle total sobre Brahmanabad, marchou para Arore, ocupou a cidade e Gopi fugiu para Kairej. O rajá de Babia também se rendeu aos muçulmanos sem oferecer resistência, porém o governante de Iskalanda resistiu bravamente. Apesar disso, ele não foi bem sucedido no enfrentamento com os muçulmanos e, finalmente, teve que fugir para Multan.

Em seguida a Iskalanda, Muhammad bin Qasim cruzou o Chenab e avançou para Multan. Naquela época, Gour Singh era o rajá de Multan e se uniu aos rajás das áreas vizinhas e formou uma grande frente para combater os muçulmanos. No entanto, eles não ousaram enfrentar o exército muçulmano em uma luta aberta e por isso os muçulmanos tiveram que cercar a cidade. Os habitantes de Multan resistiram por um longo tempo mas os muçulmanos, usando seus *minjeniques*, finalmente os obrigaram a se render.

Após Multan, Muhammad bin Qasim planejou seguir adiante mas foi impedido porque a situação em Damasco,

em decorrência da morte de Walid, tinha se modificado por completo e ele foi chamado de volta subitamente.

Os muçulmanos, que tinham conquistado o Sind, o Baluquistão e Multan, trataram a população local com benevolência. Ninguém foi obrigado a se converter ao Islam à força, e todos tiveram a liberdade de exercer e professar a sua religião. Ninguém foi morto, ou oprimido, ou perseguido, exceto aqueles que tentaram combater os muçulmanos. A vida e os bens dos povos conquistados foram mantidos a salvo e em segurança pelos muçulmanos.

## **Na Europa**

Durante o período de Walid, dois países europeus, Portugal e Espanha, também foram atacados e conquistados pelos muçulmanos. Os dois países estavam sob domínio de um reino cristão e os árabes tinham denominado esse reino de Andaluzia, ou “Undlus”. Na verdade, todo o país da Andaluzia era um imenso campo verde e ocupava uma posição diferenciada na Europa por causa de sua produção e riquezas. Os reis da Andaluzia pertenciam à dinastia gótica e, por causa de seus dias de esplendor, cultura e civilização, eles eram considerados, muito corretamente, os sucessores dos imperadores romanos. Porém, no começo do século VIII d.C., isto é, um pouco depois do advento do Islam, apesar da sua aparente pompa, na verdade eles tinham perdido as glórias e o poder do passado. O rei tinha se transformado em um boneco nas mãos da nobreza religiosa, que detinha plena autoridade sobre a administração e governo do país. A população estava sendo aniquilada sob o tacão de um governo despótico, de um lado, e de outro, pelos clérigos. Os judeus que viviam no país eram submetidos a um tratamento desumano, tratados como se fossem animais e não seres humanos. O último rei da dinastia gótica, Vietza, tinha outorgado alguns direitos humanos aos judeus, porém os clérigos ficaram tão enfurecidos que ele acabou sendo destronado e substituído por um oficial do exército, Roderic,

que foi coroado rei da Andaluzia. Roderic também tiranizou o povo e era bastante submisso à igreja.

Havia um líder grego, Conde Julian, que era oriundo da corte de Constantinopla que mais tarde ligou-se ao governo gótico. O conde tinha uma bela filha que tinha sido violentada por Roderic e, por conseqüência, o conde grego tornou-se um inimigo ferrenho de Roderic e de seu reino, e quis se vingar daquele insulto. Com esse objetivo, ele se aproximou de Musa bin Nusair, o governador e comandante do exército islâmico na África do Norte, e suplicou a ele que punisse Roderic.

No 92º ano da Hégira, Musa, depois de obter a permissão de Walid, enviou à Andaluzia um exército de sete mil soldados, sob o comando de seu escravo berbere, Tariq bin Ziad. O conde Julian também acompanhou Tariq como seu conselheiro. O exército vinha com quatro navios e quando alcançou Gibraltar, Tariq ordenou que todos os navios fossem incendiados. Quando alguém lhe perguntou a razão daquilo, ele respondeu que se eles fossem vitoriosos não haveria barcos suficientes para eles voltarem, porém se eles fossem derrotados ninguém recuará e assim os barcos não teriam qualquer utilidade. Segundo suas palavras, isto queria dizer que “Ou seremos vitoriosos nestas terras ou morreremos.”

Theodor Mier, um vassalo gótico que era governador de Murcia e que tinha presenciado tudo, ao ver aqueles estrangeiros desconhecidos, apresentou-se para enfrentar os muçulmanos. Houve uma batalha nas proximidades de Gibraltar e o vassalo gótico foi derrotado. Ele ficou tão assustado que foi direto a Roderic e disse:

“Nosso país foi atacado por um povo desconhecido, de uma terra desconhecida. Não sabemos de onde eles vêm. Sequer podemos dizer se vieram do céu ou se saíram da terra.”

Naquele momento Roderic estava em Pamplona, e ao receber essa informação começou a se preparar para combater os muçulmanos. Em curtíssimo tempo ele conseguiu mobilizar um exército de cerca de cem mil soldados, pois todos os exércitos dos grandes vassalos e líderes locais se juntaram ao exército real. Enquanto isso, Tariq tinha avançado até Cadiz e quando soube do tamanho do efetivo militar de Roderic, solicitou uma força auxiliar a Musa bin Nusair, que enviou mais cinco mil soldados. Com isto, Tariq passou a contar com doze mil homens para enfrentar os cem mil de Roderic

Roderic chegou a Cadiz para enfrentar Tariq e os dois exércitos se defrontaram no campo de Guadalete. Antes de a batalha começar, Tariq dirigiu-se a seus soldados com as seguintes palavras:

“Ó soldados, não temos outra saída a não ser a luta. À nossa frente, encontra-se o inimigo e atrás de nós está o oceano. Portanto, por Allah, o único caminho para a nossa salvação está na firmeza e determinação. Na verdade, essas são as armas da vitória. Se agarrarmos essas duas coisas com vontade não teremos medo de nada, qualquer que seja o tamanho do inimigo ... Ó soldados, sigam-me quando eu avançar e ataquem. Jamais se contentem com a derrota e a humilhação. Se vocês forem determinados e cheios de esperança, então estejam certos de que Allah lhes destinou a vitória, neste mundo e no outro.”

Este discurso repleto de energia e esperança levou o moral dos muçulmanos às alturas, e os cem mil soldados de Roderic foram derrotados por apenas doze mil muçulmanos *mujahidin*. Não se sabe ao certo o que aconteceu a Roderic depois da derrota, no entanto, ao que consta, ele teria se afogado no rio.

Após a vitória de Guadalete, o derrotado exército de Roderic procurou refúgio em Astaja, porém Tariq foi atrás deles e os derrotou. De Astaja, o que tinha restado do

inimigo seguiu para Toledo. O conde Julian aconselhou Tariq a se dirigir para aquela cidade também. Então, Tariq dividiu seu exército em quatro regimentos. Um deles, sob o comando de um experimentado escravo de nome Mughis Rumi, foi mandado para Córdoba, uma importante província da Andaluzia. Ele derrotou o governador da província e ocupou Córdoba.

Um outro regimento marchou para Murcia, cujo governador era Theodor Mier, que foi derrotado mas que diplomaticamente obteve sucesso em estabelecer a paz.

Quanto a Tariq, seguindo o conselho do conde Julian, partiu em direção a Toledo, que era a capital da Andaluzia. No entanto, antes da chegada do exército muçulmano, a cidade foi abandonada pela população, que levou seus tesouros e riquezas, e os muçulmanos ocuparam Toledo sem encontrar qualquer resistência.

Depois de tomar as providências para a defesa de Toledo, Tariq se encaminhou para Guadalajar. No meio do caminho, os muçulmanos viram algumas pessoas tirando uma mesa de uma igreja de Toledo e levando-a para um lugar desconhecido. A mesa era toda de ouro, ornamentada com diamantes e pérolas e possuía trezentas e sessenta e cinco pernas. Ao que consta, a mesa teria pertencido a Salomão.

Os muçulmanos pegaram a mesa e aquele lugar foi rebatizado de *Madinatul Ma'yda*, ou Cidade da Mesa.

## **As Conquistas de Musa**

No início de suas campanhas na Andaluzia, Tariq tinha pedido o auxílio de uma força complementar a Musa bin Nusair que, além de mandar mais cinco mil soldados, também havia pedido que esperasse por ele, mas a situação encontrada por Tariq o obrigara a agir imediatamente. Mesmo assim, Musa partiu para a Andaluzia e chegou lá no

exato momento em que Tariq havia derrotado Roderic e ocupado uma grande parte do país.

Musa também quis conquistar algumas províncias além daquelas conquistadas por Tariq. Com esse objetivo, ele atacou Carmona e, com a ajuda do conde Julian e as táticas de seus companheiros, conquistou a cidade sem encontrar qualquer resistência.

Uma vez conquistada a cidade de Carmona, Musa partiu para Sevilha, que foi ocupada após o cerco de um mês. Depois de Sevilha, foi a vez de Madri, que foi atacada e conquistada. Porém, nesse meio tempo, a população de Sevilha se revoltava e Musa voltou para lá, reconquistando-a.

Depois da conquista de Madri, Musa partiu para Toledo de onde vinha chegando Tariq. Assim, eles se encontraram no meio do caminho e como Tariq não tivesse esperado por ele, conforme pedido, Musa tinha ficado muito descontente. Contudo, Tariq explicou que a situação encontrada por ele não lhe tinha permitido esperar por Musa e que, diante disso, não lhe restara outra alternativa senão iniciar as campanhas. Musa aceitou as explicações e os dois voltaram às boas.

Os dois generais, juntos ou em separado, conquistaram quase que todo o resto da Andaluzia, inclusive Saragossa, e o exército muçulmano alcançou as fronteiras da França.

Os muçulmanos seguiram para o forte de Lion, na França, mas não conseguiram ter acesso a ele devido à falta de homens.

Musa também conquistou a parte ocidental da Andaluzia. Ele planejava seguir em frente quando, nesse meio tempo, recebeu uma mensagem de Damasco, ordenando-lhe que retornasse imediatamente. Para o seu



lugar ele nomeou seu filho e, no 94º da Hégira, ele voltou para Damasco.

As campanhas muçulmanas na Andaluzia proporcionaram abundantes espólios de guerra. Os muçulmanos trataram com tanta misericórdia e benevolência os povos conquistados que, no caso dos cristãos, eles preferiam os governantes muçulmanos aos seus próprios governantes.

Além das mencionadas conquistas durante os dez anos do regime de Walid, os muçulmanos também conquistaram alguns locais da Ásia Menor. Nessas regiões, Muslema bin Abdul Mali, um irmão de Walid, comandou o exército e teve alguns sucessos. Houve, também, algumas batalhas navais.

É fato que o governo de Walid foi um governo de generais. Se o reinado dele tivesse se prolongado por mais tempo e os generais tivessem tido a oportunidade de seguir adiante de acordo com seus planos e estratégias, talvez o mapa do mundo tivesse ficado bem diferente do que é hoje.

### **A Morte de Hajjaj**

Hajjaj bin Yusuf Saqafi morreu no 96º ano da Hégira. Ele foi, de fato, uma arma poderosa dos omíadas e trabalhou muito para fortalecer e tornar mais poderoso o reinado dos omíadas. Foi Hajjaj quem derrotou e aniquilou todos os opositores dos governantes omíadas. Sem dúvida que ele foi um grande tirano e uma pessoa muito violenta que matou milhares de pessoas inocentes durante sua existência, contudo, é preciso admitir que ele possuía algumas qualidades boas. Uma de suas boas medidas, foi conseguir inserir no Alcorão os controles representativos das vogais para que os não-árabes pudessem ler o Livro Sagrado com mais facilidade. Ele era um recitador erudito do Alcorão e era considerado um bom orador. Algumas de suas palestras e discursos ocupam lugar de destaque na literatura

árabe. A conquista do Sind também foi uma de suas realizações que, não obstante ter sido realizada praticamente por Muhammad bin Qasim, no entanto, foi Hajjaj quem o indicou e todas as etapas da expedição foram cuidadosamente acompanhadas por ele desde o início.

## **A Morte de Walid**

Walid morreu no mês de Jamadiul Ukhra, do 96º ano da Hégira e, de acordo com alguns registros, estava com quarenta e dois anos, porém, para outros estaria com quarenta e seis anos. Ele governou o mundo islâmico durante nove anos e alguns meses.

Omar bin Abdul Aziz conduziu o cerimonial fúnebre. O corpo de Walid foi enterrado em Bab-e-Saghir, em Damasco. Ele deixou dezenove filhos, dentre os quais Sulaiman, que era o mais velho. Contudo, não foi seu filho quem o sucedeu e sim seu irmão, cujo nome também era Sulaiman.

## **Realizações**

Já conhecemos as conquistas de Walid. Agora, passamos a conhecer suas outras realizações. Seu reinado foi pródigo em desenvolvimento e progresso. Ele gostava muito de edificações e várias delas foram construídas sob sua orientação. A mesquita do Profeta (s.a.w.), em Medina, foi ampliada. Na verdade, ela foi construída de novo e ganhou uma nova aparência.

Em Damasco, foi construída uma grande Mesquita Jam-e, que existe até hoje. Esta mesquita é conhecida pelo nome de “Mesquita Jam-e dos Omíadas”.

Durante o reinado de Walid, também foram realizadas obras destinadas ao conforto e bem-estar públicos. Foram reconstruídas as estradas, que receberam sinalizações de quilometragem. Foram cavados poços ao longo das estradas

e construídas estalagens para os viajantes, assim como clínicas por todo o califado. O próprio Walid saía para inspecionar as obras públicas na capital.

Walid tinha proibido a mendicância e ninguém tinha permissão para mendigar sob qualquer circunstância. Os pobres e inválidos tinham o seu sustento garantido pelo estado, através do pagamento de pensões. Da mesma forma, a manutenção e educação dos órfãos também foram garantidas pelo estado. Os intelectuais, os sábios e os juristas recebiam ordenados para que continuassem ocupados com a educação das pessoas. Walid também ajudou os necessitados e virtuosos de muitas maneiras.

Walid era um homem virtuoso. Ele completava a recitação de todo o Alcorão em três dias. Como califa, ele realizou a peregrinação à Caaba duas vezes. Durante o mês de Ramadã, ele providenciava o suprimento de comida ao entardecer, para que todos se alimentassem durante a noite. Aqueles que conheciam o Alcorão de cor recebiam bolsas do estado.

Como se pode ver, Walid era um homem piedoso, muito embora não tivesse inclinação para os estudos e nem fosse um homem instruído. No entanto, ele respeitava, amparava e ajudava as pessoas letradas.

Os não-muçulmanos também receberam um tratamento justo e gozavam de plena liberdade para a prática de sua religião. Não havia interferência do estado nas questões religiosas.

## CAPÍTULO VII

### SULAIMAN BIN ABUDLMALIK

(De 96 a 99 H – 714 a 717 d.C.)

Depois da morte de Walid bin Abdul Malik, seu irmão, Sulaiman bin Abdul Malik, ascendeu ao trono, no mês de Jamadius-sani, do 96º ano da Hégira. Por temperamento, Sulaiman era um homem virtuoso e de bom coração. Dizem que Sulaiman mostrou-se um bom governante porque seu conselheiro mais confiável era Umer bin Abdul Aziz, que, por sua vez, era um dos homens mais piedosos e virtuosos de seu tempo.

Quando estava perto de morrer Abdul Malik tinha indicado duas pessoas para sucedê-lo, o primeiro, Walid bin Abdul Malik, e Sulaiman, o segundo. Embora a duração de seu governo tenha sido de apenas dois anos e meio, Sulaiman se mostrou melhor do que seu predecessor. Logo após receber o juramento de fidelidade ao califado, ele fez seu primeiro discurso, onde disse:

“Ó gentes, este mundo nada mais é do que o domicílio da decepção e da desilusão ... Portanto, servos de Allah, tomem o Livro de Allah como guia e submetam-se aos seus mandamentos e decisões. Procurem a orientação do Livro Sagrado porque ele revogou todos os livros anteriores mas não foi revogado por nenhum deles. Ó gentes, o Alcorão expõe os males do demônio da mesma forma como o romper do dia expõe a escuridão da noite.”<sup>1</sup>

Todos os prisioneiros políticos que tinham sido detidos e encarcerados durante o reinado de Walid, foram postos em liberdade e as prisões ficaram vazias. Desta

---

<sup>1</sup> Mas'udi, Vol. II, pág. 660, e *Kitabul Bayan Watabin*, de Jahiz, Vol I, pág.166.

forma, a orientação política do governo omíada se modificou bastante durante o reinado de Sulaiman.

Porém, não obstante todas essas suas boas qualidades, consta que Sulaiman era um indivíduo vingativo e que intimidava e perseguia algumas pessoas em razão de atitudes e comportamentos do passado. Dentre as pessoas que tinham sido transformadas em alvo de sua vingança, estavam os três grandes generais que haviam prestado enormes serviços ao Islam no exterior. Eram eles: Qutaiba bin Muslim, Muhammad bin Qasim e Musa bin Nusair. No entanto, uma coisa deve-se ter em mente quando analisamos o comportamento de Sulaiman, que é o fato de ele ter nutrido um grande ódio a Hajjaj bin Yusuf Saqafi, por causa de suas crueldades e opressão do povo. Antes de se tornar califa, ele pretendeu punir Hajjaj, mas não foi possível porque ele tinha morrido antes que qualquer coisa pudesse ser feita. Portanto, é possível que o ódio e o desejo de vingança contra Hajjaj tivesse sido direcionado para os parentes e seguidores dele, daí eles terem sido perseguidos e intimidados. Embora não haja justificativa para atos dessa natureza, principalmente quando dirigidos a pessoas inocentes, no entanto pode-se inferir que a raiz das ações vingativas de Sulaiman estivesse nas crueldades de Hajjaj. Para amparar esta opinião, encontramos a declaração de Yaqubi, abaixo:

“Sulaiman deu muita importância aos erros de Hajjaj.”  
(Yaqubi, Vol. II, pág. 254).

### **Qutaiba bin Muslim**

Qutaiba bin Muslim foi um grande general que conquistou uma grande parte do Turquestão durante o reinado de Walid e, não obstante isso, teve que enfrentar sua ruína durante o califado de Sulaiman. Porém, no que se refere à sua queda, ela se deu por causa de uma interpretação errada ou um mal-entendido de sua parte.

Qutaiba sabia que Sulaiman não gostava das pessoas que, de alguma forma, tinham sido adeptas de Hajjaj. Além do mais, quando Walid ainda estava vivo, Qutaiba e Hajjaj tinham tentado, em vão, fazer com que Walid concordasse em revogar a sucessão de Sulaiman. Portanto, quando Sulaiman se tornou califa, Qutaiba ficou com medo de ser executado por causa de suas atividades passadas. Ainda que Sulaiman não o responsabilizasse por aquela trama, no entanto Qutaiba não se sentia a salvo e em segurança. Naquela época, ele era o governador do Corassã e sentia que, a qualquer momento, ele poderia ser contestado e destituído do cargo. Ele achava que Yazid bin Muhlib era seu rival e que poderia tomar seu lugar e posição.

Depois de pesar os prós e os contras, Qutaiba escreveu uma carta a Sulaiman, onde lembrava dos serviços prestados ao califado e mostrava que somente ele tinha capacidade de controlar os *ajamis* (não-árabes). Além do mais, deixou clara a ameaça de que se ele fosse destituído do cargo de governador do Corassã e Yazid bin Muhlib fosse nomeado para o seu lugar, ele se revoltaria. Apesar da ameaça, Sulaiman não fez muito caso e respondeu a Qutaiba, confirmando, mais uma vez, a sua permanência no cargo de governador do Corassã. No entanto, esta atitude e tratamento de Sulaiman não tranquilizaram Qutaiba e, superestimando sua força e influências, revoltou-se contra o califado conforme tinha ameaçado. Ele pediu aos seus generais subordinados que revogassem o juramento de lealdade ao califado e que se juntassem a ele na rebelião. Porém, nenhum de seus subordinados deu atenção ao que ele pedia, antes pelo contrário, acabaram se rebelando contra ele e depois de violentos combates, mataram Qutaiba. Sua cabeça foi cortada e enviada ao califa. Em seguida, Yazid bin Muhlib foi nomeado governador do Corassã. Além de Qutaiba, seu irmão e filhos também morreram durante a luta.

## **Muhammad bin Qasim**

Naqueles dias, Muhammad bin Qasim estava ocupado com sua expedição ao Sind e ia conquistando cada região uma após a outra. Ele tinha submetido o rajá de Surat e derrotado o rajá de Jaipur também.

Muhammad bin Qasim era sobrinho de Hajjaj, mas ele, diferentemente do tio, era um jovem de boa índole e muito virtuoso. Ele granjeou fama e reputação no Sind. As pessoas das regiões conquistadas não só gostavam muito dele mas o amavam por sua amabilidade e bom temperamento. Porém, nenhuma de suas virtudes e boas qualidades puderam salvá-lo. Por causa de seu parentesco com Hajjaj, Qasim foi destituído por Sulaiman e Yazid bin Abi Kahish foi indicado como governador do Sind, em substituição a ele. O novo governador prendeu Muhammad bin Qasim e o mandou para o Iraque. Por sua vez, o governador do Iraque, Saleh bin Abdur Rahman, foi muito hostil com ele porque Hajjaj tinha matado seu irmão Adam, que era um carijita e, por isso, quis vingar-se no inocente Qasim. Ele foi mandado para a prisão, onde foi torturado e morto. E, assim, a carreira de um promissor general encontrou um trágico fim. A população do Sind ficou profundamente chocada ao saber da notícia e algumas pessoas de Jaipur ficaram tão comovidas que colocaram em suas casas quadros representando Qasim, como sinal de respeito. Este ato de Sulaiman contra Muhammad bin Qasim nunca foi justificado por qualquer historiador e representa uma mancha negra na biografia de Sulaiman.

## **Musa bin Nusair**

A situação de Musa bin Nusair, o conquistador da Espanha, foi mais trágica e patética. Os historiadores em geral são de opinião que Musa foi vitimado por Sulaiman por causa de um ressentimento pessoal contra ele. Conta-se que quando Musa partiu da Andaluzia para Damasco a condição física do califa Walid era bastante séria, e ele

estava quase morrendo. Assim, Sulaiman quis que a fortuna que Musa estava levando com ele só chegasse à capital depois da morte de Walid. Então, ele escreveu a Musa, que já estava a caminho, aconselhando-o a não apressar sua chegada a Damasco e sim que atrasasse a viagem, a fim de chegar à capital depois da morte do califa. Musa, no entanto, queria chegar a Damasco o mais rápido possível, para que o califa moribundo pudesse tomar conhecimento de suas conquistas e boas realizações. Então Musa, em lugar de seguir as instruções de Sulaiman, chegou a Damasco ainda em tempo de encontrar Walid com vida. Embora Walid tivesse ficado muito satisfeito com Musa, Sulaiman, no entanto, tornou-se seu inimigo e passou a persegui-lo assim que alcançou o poder. Segundo os historiadores, Musa foi humilhado e insultado publicamente. O grande general, de grandes conquistas e de tantas realizações, foi colocado ao sol como um criminoso comum e apanhou. Foi-lhe imposta uma pena pecuniária elevada a qual ele não teve como pagar e, por esta razão, todos os seus bens foram confiscados e ele passou o resto de seus dias como um mendigo, morrendo na mais lamentável condição. Musa bin Nusair foi o general que, graças às suas iniciativas e estratégias, permitiu aos exércitos muçulmanos entrarem na Europa e conquistarem a Espanha, o que torna mais deplorável ainda o tratamento imposto a ele pelo governo muçulmano.

De acordo com alguns relatos, Sulaiman pediu a Musa que apresentasse as contas dos gastos que ele tinha feito como Comandante-em-Chefe, o que ele não conseguiu fazer de modo satisfatório. Então, Sulaiman, que já sentia por ele uma grande inimizade, repreendeu-o severamente.

Naquela época, Abdul Aziz, o filho de Musa, era o governador da Andaluzia. Como seu pai, ele também era um bravo general. Obviamente sua lealdade a Sulaiman estava além das expectativas, no entanto, antes que qualquer ação pudesse ser tomada contra ele pelo califa, alguém do exército de Abdul Aziz o matou. Diz-se que Abdul Aziz tinha



se casado com a viúva de Roderic, o antigo rei da Andaluzia e, a fim de agradá-la, teve algumas atitudes condenáveis que desagradaram alguns dos soldados e, então, eles o mataram.

## **Batalhas e Conquistas**

Yazid bin Muhlib, que tinha sido nomeado governador do Corassã depois de Qutaiba, no 98<sup>o</sup> ano da Hégira, se encaminhou para Jurjan, à frente de um exército de cem mil soldados. Depois de alguns confrontos e batalhas, ele conquistou não só Jurjan e o Tabaristão como, também, outros lugares que tinham sua importância estratégica.

Constantinopla era a capital do império bizantino e naquela época era a maior potência rival dos muçulmanos. Os dois impérios tinham fronteiras comuns em vários locais. Além disso, os muçulmanos possuíam grandes extensões de terra às margens do mar Mediterrâneo que eram freqüentemente atacadas pelos bizantinos. Assim, desde a época de Amir Muawiya, os muçulmanos queriam tomar Constantinopla para que suas fronteiras e territórios pudessem ficar a salvo das constantes invasões. No 49<sup>o</sup> ano da Hégira, os muçulmanos tinham realizado um assalto a Constantinopla, porém sem obterem qualquer resultado. Depois deste, nenhum outro ataque foi realizado até o período de Sulaiman.

A situação interna de Constantinopla vinha se deteriorando a cada dia. A guerra civil iniciada durante o reinado de Anastácio II, continuou até os dias de Theodoro III. Sulaiman, vendo a situação interna de Constantinopla, achou que talvez aquela fosse a oportunidade de tomar a cidade. Assim, um grande exército, sob o comando do irmão de Sulaiman, Muslima, partiu para Constantinopla e cercou o forte. Os muçulmanos se esforçaram ao máximo e de tempos em tempos os bizantinos saíam para propor a paz, mas eles não aceitavam. Assim, o cerco se prolongou por meses. Enquanto isso, Leon, um cristão da Anatólia,

desempenhando um duplo papel, ocupou o império em seu próprio interesse. Ele era uma pessoa comum porém muito ambicioso e astuto. Por um lado, ele instigava os muçulmanos a atacarem Constantinopla e de outro, vendo os bizantinos deprimidos, propôs a eles que, se o fizessem rei, ele os salvaria dos muçulmanos. Os bizantinos concordaram e ele ascendeu ao trono de Constantinopla, como o rei Leon III. Talvez a natureza estivesse a favor de Leon porque, logo depois mudou o tempo e o clima ficou bastante adverso para os muçulmanos. Começaram as nevascas e a temperatura caiu muito, fazendo um frio intenso. Os muçulmanos, além de ficarem enregelados, perderam todos os seus estoques de alimentos e tudo o mais. Em conseqüência, veio a fome e milhares de soldados morreram de frio, doenças e inanição.

Enquanto isso, uma grande mudança estava acontecendo em Damasco. Corria o mês de Safar, do 96º ano da Hégira (719 d.C.), quando faleceu Sulaiman bin Abdul Malik e Omar bin Abdul Aziz tornou-se o novo califa. Tendo conhecimento da situação do exército muçulmano, ele ordenou o fim do cerco e o imediato retorno a Damasco.

## **O Sucessor**

Quando se encontrava em viagem às regiões de fronteira da Ásia Menor, Sulaiman sentiu-se indisposto e quando suas condições físicas pioraram, ele voltou à capital e quis declarar seu filho menor como seu sucessor. Porém, um de seus companheiros, Rajaa bin Hayat, que era um estudioso das tradições do Profeta (s.a.w.), aconselhou-o: “Você deve nomear um homem justo e piedoso para sucedê-lo, a fim de que você tenha paz no túmulo.” Sulaiman ficou muito impressionado ao ouvir essas palavras e, depois de algumas discussões, ele escolheu Omar bin Abdul Aziz para sucedê-lo no califado. Ele também deixou um testamento a este respeito, onde determinava que seu sucessor seria Omar bin Abdul Aziz e o sucessor de Omar deveria ser Yazid bin Abdul Malik.

Quando morreu, Sulaiman estava com quarenta e cinco anos e o seu califado foi de dois anos e oito meses apenas. Ele deixou dez filhos.

Como califa, ele não teve muita ambição por conquistas ou por expandir o território islâmico mas foi muito atento no que se refere às reformas. Ele achava, e com razão, que a burocracia precisava ser reformada e que alguns aspectos da administração necessitavam ser corrigidos e, até onde foi possível, ele conseguiu alguns resultados. Logo após ascender ao trono, ele começou uma rigorosa investigação dos funcionários que tinham praticado injustiça e tirania com pessoas inocentes, para que fossem responsabilizados. Como vimos, ele sentia uma profunda aversão a Hajjaj, que era o grande tirano da época. Hajjaj já estava morto quando Sulaiman tornou-se califa e por isso, todos os seus seguidores, adeptos, correligionários e parentes sofreram por causa de suas atividades no passado. No entanto, em alguns casos, como no de Muhammad bin Qasim, considera-se que Sulaiman não tenha agido com moderação.

Antes de Sulaiman, os califas omíadas geralmente se atrasavam em suas orações e por isso, ele providenciou para que fossem feitas nas horas determinadas. Ele também tomou várias medidas em benefício e bem-estar das pessoas. Como houvesse escassez de água potável em Meca, ele mandou fazer uma fonte. Ramla era uma cidade desabitada durante o governo de Sulaiman. No entanto, achando o clima do local adequado e bastante agradável, ele ordenou a construção de alguns prédios na cidade. Com isso, as pessoas passaram a freqüentar a cidade e ela passou a ser habitada, tornando-se uma espécie de segunda capital do califado. Ele também foi muito generoso com os coraixitas e com a cidade do Profeta (s.a.w.), Medina, e tudo o que solicitavam, ele lhes concedia.

Como homem, Sulaiman é considerado uma pessoa de boa índole e passou para a história como “A Chave da Bondade”. Ele era mais eloqüente e fluente do que seus predecessores e costumava usar uma linguagem persuasiva.

## **CAPÍTULO VIII**

### **OMAR BIN ABDUL AZIZ**

**(99 a 101 H – 717 a 719 d.C.)**

**(Omar II)**

Depois da morte de Sulaiman, Omar bin Abdul Aziz (r.a.a.) ascendeu ao trono como califa. Embora também ele, como os outros califas omíadas, tivesse sido nomeado, no entanto, por causa de sua natureza boa, misericórdia, adesão aos princípios islâmicos e espírito de justiça, ele é conhecido na história islâmica como Omar II. Ele era neto de Marwan bin Hakam e seu pai era Abdul Aziz bin Marwan. Sua mãe, Umm-e-Aasim, era neta de Omar bin al-Khattab, o segundo califa justo.

Pertencendo à família real omíada, Abdul Aziz era uma pessoa abastada. Ele trabalhou para o governador do Egito por cerca de vinte e dois anos. Omar foi criado e educado nos moldes principescos da nobreza e sua educação recebeu a orientação e supervisão do afamado Muhaddis Salih bin Kaisan. A boa educação e os ensinamentos fizeram dele uma pessoa destacada entre os omíadas. Como estudioso, pode-se dizer, com justiça, que foi um eminente líder de seu tempo. Os serviços prestados ao Islam permanecerão como exemplos brilhantes da história islâmica.

Omar bin Abdul Aziz, sendo um homem de caráter e qualidades, foi nomeado para o exercício de cargos de responsabilidade, mesmo antes de ser califa. E, durante esse período, ele ofereceu exemplos magníficos de seu caráter elevado, habilidade e boas ações. Quando Walid quis indicá-lo governador de Medina, ele disse que aceitaria a oferta desde que seu governo não fosse despótico ou que perseguisse o povo. Walid aceitou a condição e ele aceitou o

cargo de governador. Certa vez, quando ainda não era califa e nem governador, ele disse:

“Hajjaj governa o Iraque, Walid a Síria, Qurrah bin Sharik o Egito, Osman bin Haiyan Medina e Khalid bin Abdullah Qasri Meca. Ó Allah! Seu mundo está cheio de tirania, conceda, pois, conforto às pessoas.”

Como governador de Medina, ele procurou os conselhos e a cooperação de pessoas instruídas e dos sábios, para que as leis islâmicas fossem respeitadas e cumpridas na letra e no espírito.

Antes de se tornar califa, Omar bin Abdul Aziz levava uma vida principesca, em que não lhe faltava absolutamente nada. Quando ele partiu para Medina para assumir o cargo de governador, seus pertences foram carregados por trinta camelos. Ele era muito exigente em relação às suas roupas e quanto à sua forma de viver. Ele se vestia sempre com muito apuro e suas roupas eram elegantes e finas, adorava perfumes e os aplicava na barba e em suas vestimentas. Rajaa bin Hayat conta que jamais conheceu alguém mais exigente com as roupas e mais amante de perfumes do que Omar bin Abdul Aziz. No entanto, após aceitar as responsabilidades do califado ele se modificou por completo. Como califa, adotou um estilo de vida humilde, nos moldes de Omar Faruq, o segundo Califa justo, de Abdu Zar Ghifari e de Abu Hurairah (r.a.a.).

## **O Califado**

Sulaiman tinha nomeado Omar bin Abdul Aziz como seu primeiro sucessor (o segundo era Yazid bin Abdul Malik). No entanto, ao tomar conhecimento do fato, Omar ficou muito perturbado e ansioso, porque ele sabia que suportar as responsabilidades do califado não seria uma tarefa fácil. Além do mais, de acordo com seu ponto de vista, ele jamais poderia se tornar califa sem o consentimento das pessoas. Assim, depois de meditar bastante sobre o que

fazer, ele achou melhor não aceitar aquela indicação. Uma vez tomada a decisão, ele declarou diante de uma reunião de muçulmanos: “Ó gentes, contra minha vontade e contra o consentimento de vocês, foi-me confiada a responsabilidade de conduzir o califado. Porém, quero tirar de mim a lealdade que foi colocada sobre seus pescoços. Eu me afasto e vocês são livres para escolher o califa de sua preferência.”

Ao ouvirem esse pronunciamento, as pessoas gritaram: “Ó, não, nós o aceitamos como califa. Assuma suas responsabilidades em nome de Allah, o Misericordioso.”

Quando ele se certificou do consentimento e da vontade das pessoas e que não havia qualquer questionamento ou oposição quanto ao seu califado, ele aceitou e, em seguida, fez um outro discurso, onde em primeiro lugar deu ênfase à piedade e a vida depois da morte. Depois, ele explicou a verdadeira posição do califado no Islam, o qual tinha se transformado em uma monarquia pelos omíadas. A esse respeito ele disse:

“Nenhum novo profeta virá depois do nosso Profeta (s.a.w.) e nenhum novo livro será revelado depois do Livro que foi revelado ao nosso Profeta (s.a.w.). Portanto, tudo o que foi tornado lícito por Allah será lícito até o Dia do Julgamento; da mesma forma, o que Ele tornou ilícito permanecerá ilícito até o Dia do Julgamento. Não sou ninguém para tomar qualquer nova decisão, de acordo com os meus próprios desejos. Estou aqui apenas para fazer cumprir com os mandamentos de Allah. Não tenho o direito de introduzir qualquer novo mandamento. Estou aqui somente para seguir Seus mandamentos. Ninguém merece ser obedecido se não obedecer aos mandamentos de Allah. De forma alguma sou superior a vocês, pois nada mais sou do que uma pessoa comum. A única diferença é que Allah

colocou mais responsabilidades sobre os meus ombros do que sobre os de vocês.”<sup>1</sup>

As palavras acima mostram que, em relação ao califado, ele tinha pontos de vista e comportamento inteiramente diferentes de seus predecessores. Na verdade, sua forma de pensar e suas atitudes lembravam os primeiros califas justos. É por isto que ele, mais uma vez, quis trazer o califado para a mesma linha adotada pelos quatro primeiros califas e, na verdade, ele o colocou dentro dos mesmos padrões.

Os governantes omíadas tinham mudado o califado islâmico e o transformado em uma monarquia e em realza hereditária. Como consequência, o espírito religioso enfraqueceu-se e sua estrutura se partiu. Todos os males de um governo despótico tinham-se insinuado furtivamente e agora faziam parte integrante do califado. No nome ainda era o califado islâmico porém, de fato, tinha se transformado em uma monarquia opressiva como a de muitos outros países. As pessoas foram privadas dos direitos civis e da liberdade de expressão. Não participavam das questões de estado e a elas cabia unicamente obedecer aos governantes e viverem como meros espectadores. A *Baitul Maal* (Tesouro Público) transformou-se na bolsa pessoal dos governantes e eles utilizavam os recursos de acordo com seus interesses pessoais. Os membros da família real e os nobres –adeptos da família real – transformaram-se em proprietários de terras que valiam milhões de dinares. Os governadores e os burocratas eram livres para fazer o que bem entendessem e, praticamente, não eram responsabilizados pelos seus atos. Estes eram alguns dos males que tinham sido introduzidos nos governos omíadas. Não havia qualquer espírito islâmico no califado, no entanto, ainda assim, era chamado de Califado Islâmico.

---

<sup>1</sup> *Sirat Umar bin Abdul Aziz*, pág. 108



Esta era a situação do estado quando Omar bin Abdul Aziz (r.a.a.) assumiu o califado e quis promover o seu renascimento, para que se tornasse o Califado Islâmico no verdadeiro sentido do termo. Porém, não seria uma tarefa fácil, pelo contrário, era muito difícil e até mesmo perigosa. Omar sabia disso e começou a trabalhar dentro de suas possibilidades.

## Reformas

Após o término da cerimônia de juramento de fidelidade, Omar saiu da mesquita e encontrou alguns escravos reais com cavalos que eram para a sua montaria. Vendo aqueles animais, o califa disse: “Esses cavalos não são meus, eles pertencem aos muçulmanos. Portanto, devolvam-nos a *Baitul Maal*. Montarei o meu próprio cavalo.”

Quando ele partiu para sua casa, algumas pessoas sugeriram que, como califa, seria mais adequado que ele se mudasse para o palácio real, ao que Omar respondeu: “A família de Sulaiman mora lá. Que continuem vivendo lá. Irei para a minha antiga casa.” Ao chegar em casa, ele disse para a esposa: “Agora, você é a esposa do califa e o califa não tem bens pessoais, portanto você também não possui nada. Tudo o que você tiver, na verdade pertence ao povo, assim, dê-me todos os seus adereços de ouro e prata e as jóias e diamantes, para que eu possa devolvê-los a *Baitul Maal*.” Ele também a advertiu que, se ela não concordasse com sua proposta, a consequência seria a separação. Sua esposa, Fátima, que era filha de Abdul Malik, imediatamente fez o que ele tinha pedido e Omar devolveu todas as jóias e adereços dela a *Baitul Maal*.

Havia incontáveis escravas no palácio real e elas foram oferecidas ao novo califa. Omar, ao vê-las, perguntou-lhes os nomes e quis saber sobre suas famílias e, em seguida, ordenou que fossem libertadas e enviadas para suas respectivas casas. Os funcionários omíadas fizeram todos os preparativos para uma vida de pompa e luxo do

novo califa e vários objetos e móveis foram trazidos com esse objetivo. Porém, para espanto de todos, o homem que tinha sido tão exigente em questão de roupas, perfumes e forma de vida, não quis aceitar todas aquelas coisas e as devolveu para *Baitul Maal*. Por essas ações nos primeiros dias de seu califado, as pessoas passaram a conhecer a verdadeira natureza do novo califa.

Agora, a tarefa fundamental que se apresentava ao novo califa era tomar de volta dos membros da família real e de outras pessoas poderosas a fortuna e o patrimônio que tinham sido acumulados erradamente e à força. Contudo, também esta não seria uma tarefa fácil porque, na verdade, significava transformar em inimigas, pessoas poderosas e influentes. Mas Omar não se importou e seguiu adiante em seu propósito. Ele possuía um grande patrimônio de família que foi devolvido às pessoas a quem tinha pertencido. Alguns de seus adutores o aconselharam a não fazer aquilo pois ele deveria pensar nos filhos. Porém, ele se recusou terminantemente a aceitar a sugestão e disse: “Para cuidar de meus filhos eu tenho Allah.”

Depois de devolver seus bens pessoais aos seus legítimos donos, ele reuniu os parentes e membros de sua família e lhes disse que eles possuíam, sem qualquer justificativa, cerca de metade, ou até mesmo dois terços, de toda a fortuna e bens da *Ummah*. Diante disso, ele lhes sugeriu que entregassem todos aquele patrimônio. Porém, eles resistiram bastante e disseram que preferiam a morte a ter de entregar qualquer coisa. Em resposta, Omar os preveniu que, se não concordassem em cooperar com ele na devolução dos direitos das pessoas, ele os desonraria e os faria cair de suas altas posições.

Logo em seguida, ele foi para a mesquita e depois de reunir os muçulmanos comuns, fez um discurso onde declarou que: “Os califas omíadas concederam aos seus parentes e apaniguados um patrimônio sobre o qual eles não tinham direito nem de fazer tal concessão e muito

menos de aceitar tais bens. Portanto, eu quero devolver esse patrimônio aos seus legítimos donos e começo por minha própria família.” Dizendo isto, ele ordenou que fossem trazidas as escrituras correspondentes a esse patrimônio e, pegando uma tesoura, começou a cortá-las em pedaços. E, assim, todas as concessões de bens e patrimônio ilícitas foram canceladas em um dia.

## **Fidak**<sup>1</sup>

O jardim de Fidak pertenceu ao Profeta (s.a.w.) enquanto viveu e ele usava o rendimento gerado para a satisfação de suas próprias necessidades e as de Bani Hashim. Certa vez, Fátima (r.a.a.) pediu ao pai que lhe desse o jardim, mas o Profeta (s.a.w.) recusou. Depois de sua morte, mais uma vez Fátima reivindicou aquela propriedade, porém Abu Bakr Siddiq, o primeiro califa, não concordou por causa de uma tradição, segundo a qual nada seria herdado do Profeta porque tudo pertencia a *Ummah*. Os outros califas justos seguiram a mesma norma, mas, quando Marwan chegou ao poder, ele transformou Fidak em sua propriedade pessoal e o utilizou em seu próprio benefício. E, dessa forma, Omar bin Abdul Aziz herdou Fidak. Esta era sua principal fonte de renda porém, quando todas as concessões foram anuladas, ele também acabou por revogar a concessão de Fidak e disse:

“Como poderia Omar possuir uma propriedade que foi negada à Fátima pelo Profeta? Não tenho direito a ela e nem a reivindico para mim. Ó gentes, sejam minhas testemunhas de que estou devolvendo a Fidak a posição que ela desfrutava na época do Profeta (s.a.w.).”

---

<sup>1</sup> Quando os judeus de Khyber foram derrotados, o jardim e as terras agriculturáveis de Fidak foram ocupados pelos muçulmanos. O jardim de Fidak, uma terra de bons frutos, foi dividido em partes iguais, metade para os muçulmanos e metade para os judeus. Um pedaço dessa terra com os jardins ficou para o Profeta, como parte de seu quinhão. Foi transformado em patrimônio do estado para receber os convidados. (N.T.)

Depois de cancelar todas as concessões em seu nome e em nome de sua família, ele ordenou que os governadores de todas as províncias fizessem o mesmo e assim foi feito. As normas e métodos para provar a propriedade de tais bens foram facilitados. Os legítimos proprietários não tiveram muito trabalho e suas propriedades eram restituídas apenas com a produção de simples evidências. As propriedades daqueles que tinham morrido foram restituídas aos herdeiros legais. Não só os bens imóveis foram devolvidos, mas também os bens móveis, tanto em dinheiro como em espécie. As devoluções dos bens móveis e imóveis continuaram até a morte de Omar bin Abdul Aziz.

### **Baitul Maal**

O próximo passo de Omar foi reformar a administração do Erário – principalmente no tocante às receitas e despesas. Os califas omíadas tinham transformado *Baitul Maal* em uma espécie de conta secreta. Não havia qualquer escrúpulo no recebimento de receitas e nem nos gastos. Como o tesouro fosse abastecido por intermédio de recursos que podiam tanto serem lícitos como ilícitos, também os gastos eram feitos sem nenhum cuidado ou controle. Uma grande parte dos rendimentos era utilizada para financiar o luxo da corte omíada e Omar não tolerou esse procedimento. Sem mais demora, começou por corrigir a administração do erário. Todas as fontes ilícitas de renda foram interrompidas totalmente. Da mesma forma, os gastos indevidos e as extravagâncias foram proibidos por completo.

O Islam permite que o estado islâmico receba a *jizya* apenas dos cidadãos não-muçulmanos que residam no estado. Quando um não-muçulmano se converte, ele ingressa imediatamente nas fileiras do Islam e não lhe é mais exigido o pagamento daquele imposto. Hajjaj, porém, era tão ganancioso e adulator dos califas omíadas que, sem se preocupar com as normas islâmicas, começou a receber a *jizya*, até mesmo dos novos muçulmanos. Assim que

assumiu o califado, Omar bin Abdul Aziz acabou com este procedimento antiislâmico e baixou instruções rigorosas no sentido de que se um não-muçulmano aceitasse o Islam, ficaria isento do pagamento da *jizya*. Esta ordem criou uma atmosfera bastante favorável e uma grande quantidade de pessoas se converteu ao Islam. Conta-se que no Egito a quantidade de não-muçulmanos que aceitou o Islam foi tão grande que a receita do estado diminuiu consideravelmente. O governador do Egito ficou tão preocupado que escreveu ao califa contando que, em razão de os não-muçulmanos estarem entrando para o Islam em tão grande número, ele estava sentindo dificuldades financeiras no funcionamento da administração. Em resposta, o califa escreveu: "Muhammad (s.a.w.) foi enviado para mostrar a senda reta às pessoas e não para recolher o dinheiro delas, assim a ordem de não receber a *jizya* dos novos muçulmanos deve ser observada rigorosamente."

O califa foi tão intransigente nesta questão, que chegou a ponto de ordenar que, no caso de o não-muçulmano aceitar o Islam no momento em que tivesse acabado de recolher a *jizya*, a quantia recebida deveria ser devolvida a ele. Da mesma forma, se faltasse um dia para completar o ano quando então a *jizya* deveria ser recolhida, se o não-muçulmano se convertesse ao Islam naquele dia, também estaria isento do pagamento do imposto.

Os governantes omíadas tinham criado várias taxas e contribuições indevidas que eram cobradas tanto de muçulmanos como de não-muçulmanos. Omar acabou com todas elas.

É interessante notar que, apesar de o recolhimento da *jizya* ter diminuído em razão do elevado número de conversões, e de todas as outras fontes de recursos ilícitas terem sido abolidas, as receitas de *Baitul Maal* aumentaram em lugar de diminuir. Omar bin Abdul Aziz costumava proferir: "Que a maldição de Allah caia sobre Hajjaj, que não soube observar as práticas da religião e deste mundo."

Apesar de toda sua tirania, seus ganhos anuais foram bem menores do que os que eu consigo anualmente. Enquanto eu viver, as receitas crescerão cada vez mais.“

O cuidado na administração dos recursos de *Baitul Maal* foi levado muito a sério. A fiscalização era rigorosa e não havia a menor possibilidade de se tolerar escapadelas, por menores que fossem. Não era permitido qualquer gasto oficial extra ou indevido. Certa vez, quando Sulaiman ainda estava vivo, Abu Bakr bin Hazam solicitou um aumento nas despesas com material de escritório. No entanto, nesse meio tempo, Sulaiman morreu sem passar qualquer instrução a respeito deste pedido. Assim, o requerimento foi encaminhado para a consideração do novo califa, Omar, que, em lugar de autorizar o aumento solicitado, escreveu a Ibn-e-Hazam instruindo que a pena poderia ser mais fina e o espaço entre as linhas poderia ser menor. Ele também escreveu que não permitiria aquele aumento que representava um peso no tesouro dos muçulmanos por nada. Da mesma forma, os funcionários foram orientados a não usarem folhas grandes de papel ou escrever com letras muito redondas. O próprio Omar também não escrevia suas instruções em grandes quantidades de papel.

Uma noite, quando Omar estava trabalhando, chegou um cavaleiro para se encontrar com ele. Quando o califa começou a falar com ele, apagou o candeeiro. O homem ficou aborrecido e perguntou o motivo daquilo. O califa respondeu: “Estou conversando com você sobre questões pessoais mas este é um candeeiro oficial. Portanto, não seria justo que eu tratasse de meus negócios pessoais às custas do estado.”

Certa vez, sumiu um *ashrafi* (uma moeda de ouro) da *Baitul Maal* de Yaman e o califa soube. Então, ele escreveu ao funcionário responsável pelo Tesouro: “Embora não me incline a suspeitar de você, no entanto devo dizer que você é culpado de negligência. Portanto, de acordo com a *shariah*, é seu dever jurar para provar sua honestidade.”

## O Fim da Opressão

De um modo geral, os omíadas eram opressores e cruéis com o povo e Omar bin Abdul Aziz tentou acabar com esses funcionários e sua crueldade. Embora seu predecessor Sulaiman também tivesse tentado fazer o mesmo, muitos funcionários ainda tinham permanecido na administração e Omar fez o máximo possível para resolver essa questão. A família de Hajjaj foi mandada para o exílio no lêmén, porque os membros desta família eram arrogantes e arbitrários. Todos os funcionários que de alguma maneira tinham ligação com Hajjaj foram demitidos e muitos até privados dos direitos civis. Depois de limpar a administração dos funcionários de má fama, o califa também baixou instruções rigorosas aos outros governadores e burocratas para se manterem afastados da opressão, e ficarem atentos às necessidades da população. Certa vez, o governador do Corassã escreveu ao califa dizendo que a população do Corassã estava muito agitada e que ele só poderia controlar a situação à força da espada e da chibata. Em resposta, Omar escreveu: “Sua sugestão de que a população do Corassã só pode ser controlada pela espada e pela chibata está completamente errada. A justiça e o direito podem dar mais resultado. Portanto, tente fazer dessas coisas uma norma.”

Os burocratas obrigavam as pessoas a lhes venderem suas mercadorias a preços baixos. O califa deu instruções rigorosas contra esses atos proibindo os funcionários de comprarem qualquer coisa a preço mais baixo do que os de mercado. Para fiscalizar esses maus hábitos, ele também enviou para a Pérsia uma comissão de inquérito, onde um tipo de taxa indevida vinha sendo cobrada dos viajantes.

Em outros tempos, os omíadas costumavam usufruir vantagens indevidas, como, por exemplo, receberem subvenções pagas pelo erário as quais não tinham direito.

Omar bin Abdul Aziz acabou com essas subvenções. Ainia bin Sa`d foi queixar-se ao califa desta decisão e disse: “Ó, comandante dos crentes, nós também temos direitos sobre você.” E o califa disse: “Sim, vocês têm direitos sobre os meus bens e os de minha família apenas, e não sobre os da Fazenda Pública. Quanto aos bens do erário, vocês têm os mesmos direitos que qualquer pessoa que viva nas mais distantes fronteiras.”

Então, os omíadas enviaram Hisham como seu representante para conversar com o califa a respeito de seus ressentimentos e queixas. Hisham disse ao califa que promovesse suas novas reformas, mas que não modificasse as decisões dos antigos califas omíadas. Em sua resposta, o califa perguntou: “Se você tiver dois documentos diferentes, um de Amir Muawiya e outro de Abdul Malik, qual deles será o preferido por você?” “O do califa mais antigo”, respondeu Hisham. Então, o califa disse: “Bem, eu também fiz a mesma coisa. Primeiro, peguei o Livro de Allah e, depois, o exemplo dos seus califas. Agora, por favor, diga-me a qual deles devo preferir?” Ele também disse a Sayid bin Khalid: “Seus califas e subordinados suprimiram os direitos do povo e agora, quando esse pobre povo espera de mim justiça, como posso negar-lhes isso?” Em resumo, seus familiares e parentes próximos tentaram de todos os modos afastá-lo do caminho da justiça, porém ele não deu ouvidos a nenhum deles.

Por outro lado, em pouquíssimo tempo, ele transformou o califado em um estado de prosperidade para todos. Foi feito um levantamento dos deficientes físicos e desamparados e aprovada a concessão de um auxílio em dinheiro paga a eles regularmente. Muitas dessas pessoas preferiam receber essa ajuda em gêneros em lugar de dinheiro. Aqueles que tinham contraído dívidas e não estavam em condições de saldá-las por causa da pobreza, receberam ajuda por intermédio de uma agência do governo criada para este fim. Uma casa de caridade também foi criada e fornecia alimento grátis aos pobres e necessitados.



As crianças e bebês recebiam uma espécie de ordenado do estado. Foram baixadas instruções rigorosas aos funcionários do governo para ajudarem as pessoas generosamente. Certa vez, um funcionário disse que era difícil para ele fazer a diferença entre o rico e o pobre. O califa, então, disse: “Aquele que o procurar, ajude-o, independentemente de sua condição financeira.”

Todas essas reformas de Omar bin Abdul Aziz modificaram radicalmente a condição das pessoas. Não havia sinais de pobreza em toda a parte do estado. Em um ano, a situação econômica do povo tinha se modificado tanto que, aquele que tinha recebido ajuda no ano, tornou-se capaz de ajudar os outros no ano seguinte. Pessoas abastadas iam às agências oficiais com grandes quantias em dinheiro para serem distribuídas entre os pobres e necessitados, apesar de ter ficado difícil encontrar pobres e necessitados no país. Como resultado, os casos de roubo e furto diminuíram consideravelmente e as punições de amputação ficaram bem raras.

O califa também declarou: “A tirania e a opressão contra os seres humanos são crimes intoleráveis. Aquele que cometer tais crimes será punido com severidade.”

### **Tratamento dos Zimmis**

A pedra de toque para se testar um governante é o tratamento e a política que ele adota em relação às outras comunidades que não a sua. Omar bin Abdul Aziz foi quase perfeito nesta matéria. No tocante à segurança e proteção, ele jamais fez diferença entre muçulmanos e não-muçulmanos. Os não-muçulmanos usufruíam completa liberdade religiosa e não era permitida qualquer interferência em suas práticas religiosas. Tendo em vista que os muçulmanos pagavam o *zakat*, os não-muçulmanos tinham que pagar a *jizya*. Porém, não era permitida extorsão ou rigor na cobrança da *jizya*, pelo contrário, o recolhimento era feito com suavidade e naturalidade. A vida e o patrimônio

dos *zimmis* eram igualmente sagrados. Se um muçulmano fosse acusado de provocar qualquer prejuízo a um não-muçulmano, ele era punido de acordo com a lei, imparcialmente.

Uma vez, um muçulmano matou um não-muçulmano em Hira. Ao saber disto, o califa escreveu às autoridades locais, instruindo que o assassino fosse entregue aos herdeiros do morto, que o tratariam como bem entendessem. A ordem foi cumprida e os herdeiros mataram o assassino também. Uma outra vez, um funcionário muçulmano, Rabia Shu-uzi, pegou o cavalo de um não-muçulmano e o usou em atividades oficiais sem pagar nada por isso. O não-muçulmano foi se queixar ao califa e o funcionário foi punido com quarenta chibatadas. Abbas bin Walid tomou para si um pedaço de terra de um não-muçulmano. O legítimo proprietário queixou-se ao califa da injustiça cometida. Então, Omar mandou chamar Abbas e indagou sobre o pedaço de terra. Ele alegou que tinha sido dado a ele por seu pai, Walid, na época do seu califado. Omar rejeitou a explicação de Abbas, dizendo que o governo de Allah era superior ao de seu pai. Então, a terra foi restituída ao seu legítimo dono, um *zimmi*. Da mesma forma, algumas igrejas cristãs de Damasco, que estavam ocupadas por muçulmanos, foram devolvidas aos cristãos. Hajjaj tinha levantado uma grande quantia de *jizya* dos *zimmis* do Iraque porque uma vez eles tinham se revoltado, mas Omar cancelou aquele rendimento ilegal e tornou a fixar o percentual original da *jizya*.

Nos tribunais, se uma das partes pertencesse à dinastia real e a outra fosse um *zimmi*, não havia discriminação entre os dois lados. Certa ocasião, Hisham bin Abdul Malik entrou com um processo contra um cristão e o caso foi levado ao califa para sua decisão. Ele ordenou a Hisham que ficasse do lado do cristão, o que o desagradou e, então, começou a discutir com o cristão na corte, o que levou o califa a repreender Hisham e ameaçá-lo com punição.

## **Abolição de uma Prática Ofensiva**

Desde a época de Amir Muawiya que os califas omíadas, com a intenção de ferir os sentimentos dos hashemitas, introduziram uma prática bastante reprovável. Quando proferiam seus sermões do púlpito das mesquitas, eles usavam palavras ofensivas para se referirem a 'Ali (r.a.a.), o quarto Califa Justo. É claro que para o Islam esta prática é absolutamente fora de propósito, no entanto eles a tinham transformado em parte integrante dos sermões. Omar bin Abdul Aziz, que queria intensamente promover o renascimento do Islam na prática e na teoria, não tolerou aquele comportamento repreensível. Assim, logo após assumir o califado, ele determinou que esta prática intolerável fosse abolida em todas as mesquitas do estado. Ele excluiu dos sermões as partes ofensivas e ordenou que, em substituição àquelas palavras, deveria ser recitado um versículo do Alcorão que diz:

“Allah (vos) ordena a justiça, a misericórdia e a caridade para com os familiares e parentes e proíbe a obscenidade, o mal e a opressão, para que vos lembreis.”

Este versículo do Alcorão, mesmo decorridos quatorze séculos, ainda é recitado nos sermões.

## **Reformas Sociais**

Da mesma forma como Omar Abdul Aziz tinha reformado a estrutura do governo e da administração, ele também modificou o perfil da sociedade, através de suas reformas sociais. Conforme diz At-Tabari, Walid gostava muito de prédios e jardins e, assim, as pessoas passaram a gostar de prédios e jardins. Igualmente, no período de Sulaiman, as pessoas começaram a gostar de alimentos sofisticados e de se casarem com mulheres bonitas, uma vez que estas também eram as preferências de Sulaiman. Porém, no período de Omar bin Abdul Aziz, as pessoas se

inclinaram para as orações a Allah e a servir Suas criaturas, porque essas eram as qualidades do próprio califa. Omar, na verdade, queria reformar e purificar a sociedade por intermédio dos caminhos e meios mostrados por Allah. Ele via o Islam como um código completo de vida para os seres humanos e com este ponto de vista ele quis reformar a sociedade, o que ele fez em prazo relativamente curto.

Em todas as instruções e mensagens que despachava para os governadores e burocratas, Omar dava ênfase a um novo despertar da *shariah* e à abolição dos comportamentos antiislâmicos. Ele dizia: “*Iman* (a fé) é, na verdade, o cumprimento de *farayez* (deveres) e da *sunnah* [Tradições do Profeta (s.a.w.)]. Portanto, aquele que cumprir o *farayez* e a *sunnah*, na verdade, observa o *Iman*.”

Ele não admitia qualquer modificação ou inovação nos fundamentos da crença e da adoração, por menores que fossem, e se alguém quisesse promover mudanças encontrava forte oposição e era terminantemente proibido. Naquela época, alguns indivíduos, como Ma'bad Jehni, Gheilan Damishqi, etc, iniciaram um debate sobre Destino e Predestinação e Omar fez com que se arrependessem. Ele escreveu aos sábios e estudiosos das Tradições e da jurisprudência para que não aceitassem aquelas idéias.

Os califas omíadas que antecederam Omar tinham se tornados liberais demais em relação aos horários das orações e, geralmente realizavam o *salat* nas últimas horas. Omar, contudo, deu ordens rigorosas para que todos os governadores e funcionários tomassem cuidado com os horários das orações e que colocassem tudo de lado mas que, em hipótese alguma, transigissem com os horários da *Salat*, que deveria ser realizada no devido tempo.

O sistema de *zakat*, o imposto do pobre, também foi interrompido e as prestações de contas não eram mantidas adequadamente. Também essas contas foram organizadas pelo califa.

Várias pessoas começaram a beber vinho de novo e Omar proibiu terminantemente esta prática antiislâmica. Todas as lojas de vinho foram fechadas e os *zimmis* receberam instruções rigorosas para não mais venderem vinho aos muçulmanos. Ele também baixou instruções rigorosas aos funcionários da administração para que, se qualquer muçulmano fosse apanhado bebendo vinho, deveria ser punido, de acordo com a *shariah*.

Além dessa, outras práticas antiislâmicas foram penetrando aos poucos no cotidiano das massas muçulmanas e Omar as proibiu com rigor. Por exemplo, se alguém morresse, as mulheres da família enlutada acompanhavam a procissão fúnebre chorando e se lamentando. Como esse fosse um procedimento antiislâmico, Omar determinou que acabassem com essa prática. Ele também proibiu a música e a dança. Um outro costume que se introduziu naquela época foram os banhos públicos coletivos freqüentados por homens e mulheres. Omar proibiu a entrada de mulheres nesses banhos públicos, e ordenou que os homens tomassem seu banho com roupa de banho. Quem se recusasse a acatar suas ordens seria punido rigorosamente. As pinturas e afrescos das paredes das salas de banhos também foram proibidos, bem como os homens usarem o cabelo à moda feminina.

Dos exemplos acima, pode-se ver que Omar bin Abdul Aziz reformou a sociedade e a colocou nos trilhos da senda islâmica. Ele cuidou não só das questões religiosas mas também dos princípios morais e sociais.

### **Obras Sociais**

Um governante como Omar bin AbdulAziz não poderia ter ficado desatento em relação ao bem-estar público e, assim, foram realizadas várias obras sociais durante o seu califado. Nesse campo, ele deu uma atenção especial às terras conquistadas que tinham sido incorporadas ao estado islâmico. Foram realizadas várias

obras de utilidade pública nesses territórios. Estradas e estalagens foram construídas no Corassã, Samarcanda e em terras africanas. Em cada estalagem os viajantes recebiam alimentação e conforto livres de custos. Os viajantes doentes também recebiam medicamentos e os destituídos recebiam o necessário para prosseguirem viagem.

### **Divulgação do Islam**

Em vez de tentar expandir as fronteiras do estado, Omar bin Abdul Aziz se esforçou para divulgar o Islam por toda a parte. Ele utilizou todos os tipos de recursos físicos e morais para alcançar esse objetivo. Deu instruções a todos os oficiais militares para que não declarassem guerra aos romanos ou a qualquer outra nação sem que fosse precedido de um convite para ingressar no Islam. Os funcionários civis também foram instruídos no sentido de convidarem os *zimmis*, com amor e delicadeza, a aceitarem a verdadeira religião do Criador e os *zimmis* que aceitassem o Islam ficariam isentos do pagamento da *jizya*.

Em razão das medidas adotadas pelo califa, cerca de quatro mil não-muçulmanos do Corassã abraçaram o Islam, assim como quase todos os não-muçulmanos da África do Norte aceitaram o Islam por livre e espontânea vontade. Os chefes e senhores de terra do Sind também foram convidados a aceitar o Islam e também eles deram uma resposta positiva. Entre as pessoas do Sind que aceitaram o Islam estava Jai Singh, o filho do rajá Dahir. Conta-se que durante o governo de Omar bin AbdulAziz, os não-muçulmanos aceitaram o Islam em tão grande quantidade que as receitas do estado provenientes do recolhimento da *jizya* foram seriamente afetadas, porém o califa ficou contente ao tomar conhecimento do fato. Ele disse que estava feliz em ver que aquelas pessoas tinham se tornado muçulmanas e agora todos, inclusive o califa, teriam que trabalhar para ganhar seu sustento. Ainda assim, era preferível para Omar, pois, de que adiantava um tesouro

cheio de riquezas com as pessoas afastadas do Islam. Outros países, sabendo das boas qualidades de Omar bin Abdul Aziz e de seus sinceros esforços para divulgar o Islam, também enviaram mensagens em que solicitavam que fossem enviadas missões islâmicas para ensinar o Islam, e, desse modo, até a China e o Tibet receberam dessas missões.

### **Fim dos Distúrbios Internos**

Como vimos anteriormente, desde a época de Osman (r.a.a.), o terceiro Califa Justo, houve inúmeros distúrbios internos e batalhas entre os muçulmanos. Esses atritos e choques continuaram até o califado de Sulaiman bin Abdul Malik, mas foram completamente extintos durante o governo de Omar bin Abdul Aziz. O califa foi extremamente cuidadoso no sentido de evitar que muçulmanos fossem mortos pelas mãos de outros muçulmanos. Ele sequer tomou uma atitude mais enérgica contra os carijitas, que eram, na verdade, a grande causa da discórdia e sedição.

A fortaleza dos carijitas era Kufa e o governador, Abdul Hamid, estava lá para agir contra eles. No entanto, Omar escreveu a ele dizendo que não tomasse qualquer medida contra os carijitas, a menos que eles provocassem ou praticassem qualquer ato que perturbasse a paz e tranqüilidade da cidade. Ao mesmo tempo, Omar enviou a Bostam, o líder carijita, uma carta onde o convidava para um encontro com o objetivo de discutirem suas diferenças e chegarem a uma conclusão sobre quem estava com a razão. O califa foi ao extremo de prometer que, se no curso dos debates ficasse provado que ele (o califa) e seus seguidores não estavam no caminho certo, então estariam dispostos a corrigir os feitos errados mas que, se pelo contrário, os carijitas é que estivessem no caminho errado, então eles deveriam se arrepender.

Em resposta ao califa, Bostam enviou dois de seus homens de mais confiança para iniciarem as discussões propostas. De acordo com Ibn-e-Asir, durante os debates um

dos dois representantes de Bostam admitiu que o califa estava certo e os carijitas é que estavam no caminho errado. O outro, no entanto, retornou sem assumir qualquer compromisso mas o califa não tomou qualquer medida contra ele. De acordo com Ibn-e-Asir<sup>1</sup> e At-Tabari<sup>2</sup>, durante o califado de Omar não houve choques entre o exército e os carijitas, mas, segundo Ibn-e-Sa'd<sup>3</sup> como as discussões tivessem fracassado e os carijitas permanecessem intransigentes em seu comportamento e continuassem disseminando a discórdia, Omar permitiu que Abdul Hamid empreendesse uma ação armada contra eles, desde que respeitadas as seguintes condições: as mulheres e crianças não seriam mortas ou feridas ou feitas cativas; os feridos durante os combates não seriam perseguidos ou mortos; os espólios de guerra deveriam ser devolvidos aos carijitas; e os prisioneiros de guerra ficariam sob custódia somente enquanto não se arrependessem.

Com essas condições, Abdul Hamid partiu para agir contra os carijitas mas não foi bem sucedido. Mais tarde, foi a vez de Muslim bin Abdul Malik que conseguiu submeter os revoltosos ao controle do califado.

## **Conquistas**

Omar bin Abdul Aziz tinha seus princípios e sua própria maneira de governar. Na verdade, o que ele pretendia era construir um califado como os estados sociais islâmicos e, por isso, ele deu ênfase às reformas em lugar de promover a expansão das fronteiras do estado. Para alcançar esse objetivo a paz era necessária e é por isto que não se encontra qualquer menção a conquistas durante seu período de governo. Ele ordenou que os exércitos não fossem além das áreas que já tinham sido alcançadas e ocupadas. Conquistas para além da Espanha e do Sind

---

<sup>1</sup> Ibn-e-Asir, Vol. IV, pág. 18/19

<sup>2</sup> Tabari, pág. 1348/1349

<sup>3</sup> Tazkera Umar bin Abdul Aziz.



foram interrompidas e os exércitos de Constantinopla foram chamados de volta.

O tempo em que permaneceu no cargo foi muito curto, ou seja, de dois anos e cinco meses apenas, e todo esse período foi passado em reformas internas que, muito acertadamente, ele considerava mais necessárias do que conquistas de territórios no estrangeiro. Se ele tivesse permanecido no cargo o tempo suficiente depois de ter promovido todas as suas reformas, talvez ele tivesse se dedicado às conquistas externas. Porém, na verdade, a expansão das fronteiras do estado não era sua meta. O principal objetivo de sua vida era trazer de volta a verdadeira Ordem Islâmica.

### **O Que Ele Fez e O Que Não Fez**

Não há dúvida de que Omar bin Abdul Aziz, apesar de pertencer à dinastia omíada, achava e sentia que seus predecessores tinham levado o estado do Islam para um caminho não-islâmico. Por isso, ele quis corrigir os erros dos califas que o antecederam. Embora tenha feito muito, e até modificado o perfil do califado no curto período de menos de dois anos e meio, no entanto não foi possível para ele erradicar a verdadeira causa dos males, e que era a própria monarquia, ou a hierarquia do califado. Como se sabe, sob qualquer hipótese o Islam admite a sucessão hereditária no califado porém, Amir Muawiya, o fundador da dinastia omíada, introduziu-a e, desta forma, a principal característica do califado islâmico foi abolida. Omar bin Abdul Aziz desejava sinceramente e queria trazer de volta aquele aspecto do califado, contudo não conseguiu pelas razões a seguir expostas:

Em primeiro lugar, ele não detinha autoridade suficiente para fazer isso. Sulaiman já tinha nomeado Yazid bin Adul Malik como o sucessor de Omar e, por isto, estava além de seu poder e autoridade mudar aquela decisão às pressas ou à força. Para um homem de caráter como era

Omar bin Abdul Aziz, não seria possível modificar, pela força, uma disposição estabelecida e aceita.

Em segundo lugar, mudar o sistema político do califado, de hereditário para um sistema de livre escolha, era, na verdade, uma revolução fundamental que exigiria tempo para ser implementada. Para que se pudesse realizar essa mudança fundamental, antes de mais nada era necessário preparar o terreno em favor da idéia. Omar teria feito isto, mas faltou-lhe tempo. Ele entendia que se tocasse nessa questão da sucessão, de novo, sem preparar o terreno, certamente enfrentaria uma terrível oposição por parte dos omíadas e, ainda assim, o assunto poderia não ser decidido durante sua existência. A questão continuaria a existir e poderia assumir aspectos incontroláveis, conduzindo a um reinado de terror e derramamento de sangue entre muçulmanos. Por tudo isto, ele aguardava a melhor ocasião para iniciar esse processo, só que essa ocasião não chegou para ele.

Apesar de tudo, cabe notar que ele realizou grandes reformas a este respeito também. Os califas omíadas tinham ajudantes e carregadores quando se mudavam de um lugar para outro, mas Omar acabou com esse costume. Os omíadas também deram início à prática de abençoar e elogiar os califas depois da *Salat*, da mesma forma como era feito para o Profeta (s.a.w.). Omar também acabou com esta prática e ordenou que somente o Profeta deveria ser louvado e abençoado depois da oração. Ele também determinou que os califas não fossem saudados de uma forma especial e sim como pessoas comuns. Os oradores profissionais e os palestrantes abençoavam e louvavam os califas como faziam em relação ao Profeta (s.a.w.). Omar acabou com essa prática também e instruiu que eles deveriam suplicar pelo bem-estar dos muçulmanos em geral, em lugar de elogiar os califas. Os funcionários tinham sido instruídos a não dar preferência aos membros da família real, independentemente de qual fosse a questão. Essa instrução também se aplicava no tocante à distribuição dos

estipêndios. Eles também deveriam ser tratados como muçulmanos comuns. Essas instruções foram rigorosamente observadas. Omar bin Abdul Aziz freqüentemente dizia: “Que Allah me dê forças! Quero seguir o caminho mostrado por Omar Faruq.” Por esta razão, os historiadores são de opinião que Omar bin Abdul Aziz foi o quinto Califa Justo.

### **Excelência e Superioridade de Saber**

Omar bin Abdul Aziz também foi um grande sábio em seu tempo. Conta-se que alguns dos grandes homens de conhecimento se postavam diante dele como estudantes de colégio. Maimun bin Mehran, ele próprio um grande sábio e *tabeyi* [um seguidor dos companheiros do Profeta (s.a.w.)], escreveu que os estudiosos contemporâneos pareciam estudantes diante de Omar bin Abdul Aziz. Mais adiante, ele diz: “Nós estávamos ali para ensinar a ele mas, no final, nós é que aprendíamos com ele.”<sup>1</sup>

Ele era versado em *tafsir* (explicação do Alcorão), *ahadith* (Tradição do Profeta), *Fiqh* (jurisprudência) e em outros ramos do conhecimento religioso. Por isso, sua corte era uma reunião de sábios e intelectuais em vez dos habituais poetas e pessoas espirituosas.

Os sábios e intelectuais gozavam de honra, respeito e apreço em sua corte, e ele se aconselhava com eles em questões de estado também. Sábios como Maimun bin Mehran, Rajaa bin Hayat, Salim bin Abdullah, Muhammad bin Ka'b, Sayid bin Musab, etc, eram alguns de seus conselheiros.

O califa dava muita atenção à instrução religiosa das pessoas e baixou instruções especiais aos governadores e funcionários encarregados para divulgar a educação. Aqueles que estivessem passando conhecimento aos outros

---

<sup>1</sup> Ibn-e-Sa'd 5, página 271

não tinham que se preocupar como o seu sustento. De um modo geral, as aulas eram dadas nas mesquitas e os estudantes tinham direito a um ordenado e bolsas de estudos. Na época de Marwan bin Hakam, foi traduzido para o árabe um livro sobre Ciência Médica, de autoria de um médico grego. Este livro foi publicado e circulava por toda a parte durante o califado de Omar.

## **Caráter e Comportamento Pessoais**

Embora as ações de Omar bin Abdul Aziz como califa iluminem vivamente sua natureza e caráter pessoal, no entanto alguns aspectos de sua vida pessoal merecem uma explicação melhor.

O ponto básico a ser salientado é que ele era um homem temente a Deus. De fato, todas as boas qualidades que se expressavam por intermédio de seus atos eram o reflexo de seu amor e temor a Allah, que existiam no fundo de seu coração. Além do temor e amor a Allah, ele também trazia um grande amor e respeito em seu coração pelo Profeta (s.a.w.). Foram esses sentimentos sinceros que criaram nele um forte desejo e inclinação para praticar a justiça e servir aos servos de Allah e a *Ummah* do Profeta (s.a.w.).

Por várias vezes as pessoas o viram chorando e quando indagado, dizia que a razão de suas lágrimas era o peso das responsabilidades que ele carregava sobre os ombros. Como Omar Faruq, o segundo Califa Justo, ele também dizia que se uma criança das margens do Eufrates morresse sem alimento, Allah o responsabilizaria por aquela morte. Ele sempre dizia: “Serei a pessoa mais miserável e minha condição será a mais lamentável diante de Allah e de Seu Profeta (s.a.w.) se eu não conseguir cumprir com minhas responsabilidades. Estou em grande perigo e minha situação é muito perigosa.”

Para o seu sustento, ele recebia de *Baitul Maal* uma quantia de apenas quatrocentos dinares, anualmente. No entanto, segundo alguns historiadores, ele não retirava um único centavo do erário muçulmano. Antes de se tornar califa, ele vivia uma vida luxuosa e sem preocupações, porém, depois de aceitar as responsabilidades do califado, adotou o caminho de Abu Zar Ghifari (r.a.a.) e começou a levar uma vida muito simples. Seu padrão de vida era mais baixo do que o mais pobre dos homens no estado islâmico. Ele vendeu todos os seus escravos e escravas e pertences pessoais e recolheu tudo a *Baitul Maal*. Aqueles que não o conheciam pessoalmente, quando se deparavam com ele achavam que se tratava de um homem comum. Um dia, quando se dirigia para a mesquita para a oração da manhã, ainda estava escuro e um homem que estava dormindo no chão da mesquita foi chutado pelo seu pé e acordou. Com raiva ele gritou: “Você é cego?” “Não meu irmão, não sou cego”, respondeu o califa calmamente. Porém, os guardas que estavam na mesquita quiseram prender o homem por ter insultado o califa. Omar, no entanto, não permitiu, dizendo: “Por que vocês querem prendê-lo? Ele só fez uma pergunta sobre os meus olhos e eu já respondi a ele. Portanto, não há razão para que seja preso.”

O califa praticamente tinha abolido as diferenças entre senhores e escravos, entre governantes e governados e deu grandes exemplos de verdadeira igualdade. Ele proibiu que as pessoas, inclusive seus servos, ficassem de pé quando o vissem, como sinal de respeito. À noite, se ele precisasse de alguma coisa, ele mesmo ia buscar porém jamais incomodava seus empregados.

Havia uma casa de hóspedes junto a *Baitul Maal*, destinada aos pobres e viajantes. Um de seus servos, sem que ele soubesse, continuou a esquentar a água para o califa na cozinha da casa-de-hóspede, por cerca de um mês. Quando ele tomou conhecimento do fato, imediatamente mandou comprar lenha para abastecer a cozinha.

Certa ocasião, chegou a *Baitul Maal* uma grande quantidade de maçãs e o califa mandou distribuí-las entre as pessoas comuns. Nesse meio tempo, apareceu o filho dele e, pegando uma das maçãs, quis comê-la. Porém Omar, ao ver isto, arrancou a fruta das mãos do filho, que saiu correndo aos prantos. Fátima, a mãe do menino e esposa de Omar, tentou confortar a criança, fazendo com que viesse do mercado uma outra maçã. Quando o califa voltou para casa, ao entrar, sentindo o cheiro da maçã, perguntou a todos sobre aquele cheiro. Sua esposa lhe contou o que tinha acontecido e ele disse: “Por Allah, fiquei profundamente chocado de arrancar a maçã da boca do meu filho, mas fui obrigado a agir assim porque não gostaria de perecer diante de Allah, por causa de maçãs que pertencem aos muçulmanos.”

Um dia, Omar, conversando com sua esposa, Fátima, disse que gostava muito do mel libanês. Ao ouvir isto, ela escreveu a Madikarab, governador do Líbano, contando o fato e pedindo a ele que enviasse um pouco de mel para o califa. Quando Fátima ofereceu o mel ao marido, ele perguntou se ela tinha escrito a Madikarab e Fátima respondeu afirmativamente. Porém, o califa ficou muito aborrecido ao ouvir a resposta da esposa e se recusou a tocar no mel. Mandou que ele fosse vendido e a quantia apurada recolhida a *Baitul Maal*. Ele também escreveu uma carta a Madikarab onde o censurou por ter enviado o mel a pedido de Fátima e também o advertiu que se repetisse aquilo no futuro, então perderia seu cargo e ele, o califa, nunca mais olharia para sua cara.

Omar era tão rigoroso nestas questões que, uma vez, trouxeram para ele uma certa quantidade de almíscar e ele fechou as narinas para que o aroma não penetrasse nele. As pessoas que estavam presentes naquele momento, perguntaram-lhe: “Por que você se recusa a usufruir a fragrância do almíscar?” E ele respondeu: “Porque esta é a única utilidade do almíscar. Portanto, como posso usufruir dele?”

Depois que se tornou califa, Omar nunca mais aceitou qualquer espécie de presente de quem quer que fosse. A esse respeito, algumas pessoas lhe lembraram que até o Profeta (s.a.w.) costumava aceitar presentes das pessoas e, assim, que mal poderia haver se o califa também recebesse presentes? Omar respondeu: “Sim, o Profeta (s.a.w.) recebia presentes das pessoas, mas hoje, para as pessoas que estão no poder, o presente pode se transformar em suborno.”

Uma vez, por ocasião do Eid, o califa ficou sem dinheiro para arrumar roupas até para os filhos. Sua esposa sugeriu que ele pegasse algum dinheiro em *Baitul Maa'* como adiantamento a ser deduzido da pensão recebida como califa, e respondeu: “Você pode me garantir que estarei vivo depois de hoje para devolver a quantia que pegarei como adiantamento?” Ao ouvir isto, sua esposa ficou quieta.

Antes de assumir o califado, quando Omar bin Abdul Aziz levava uma vida principesca, sem preocupação com gastos, uma roupa que custasse cerca de quatrocentos dirhams era considerada inferior por ele. Era um tempo em que ele mudava de roupa várias vezes ao dia. Contudo, assim que se tornou califa, seu modo de vida se modificou completamente e começou a viver como um homem pobre. Ele só tinha uma muda de roupa para vestir que ele lavava e tornava a vestir. E, mesmo assim, essa muda de roupa era cheia de remendos. Certa vez, quando ele estava doente, seu cunhado, Muslima bin Abdul Malik, veio visitá-lo e o encontrou vestindo uma camisa muito suja e então pediu à irmã Fátima que trocasse a camisa dele. Porém, ela ficou calada. No entanto, quando Muslima insistiu para que trocasse a roupa, ela disse: “Por Allah, ele não tem outra camisa para trocar.”

Os membros de sua família também estavam limitados a vestir roupas bem ordinárias e grosserias.

## Doença Fatal

No mês de Rajab, de 101 H (719 d.C.), quando as reformas de Omar bin Abdul Aziz ainda estavam em andamento, ele se sentiu doente e veio a falecer em decorrência dessa doença. Alguns historiadores afirmam que ele teria sido envenenado por pessoas com interesses pessoais contrariados. Como ele estivesse golpeando severamente esses interesses, assim como o tirânico sistema monárquico, teria sido preparada uma conspiração para matá-lo. Com esse objetivo, os conspiradores conseguiram envenená-lo por intermédio de um de seus servos, que teria recebido mil *ashrafi* (moeda de ouro) como pagamento. Omar, no entanto, soube da conspiração durante sua doença e conseguiu pegar o servo que tinha lhe dado o veneno, no entanto não se vingou dele. Pelo contrário, mandou libertá-lo mas as moedas de ouro que ele tinha recebido dos conspiradores foram tiradas e depositadas em *Baitul Maal* pelo califa.

Quando já tinha perdido todas as esperanças em recuperar-se da doença, ele mandou chamar Yazid bin Abdul Malik, que tinha sido indicado seu sucessor por Sulaiman. Quando Yazid chegou, Omar pediu-lhe que escrevesse seu testamento e aconselhou-o a ser um homem piedoso e temente a Deus e sempre se preocupar com o povo. Ele ainda disse a Yazid que, um dia, também ele morreria e assim que se lembrasse sempre da morte e tentasse evitar a prática do mal.

## Sobre os Descendentes

Como vimos antes, ele tinha se desfeito de todo o seu patrimônio e pertences de sua casa e remetido a *Baitul Maal*, e por isso, quando se encontrava em seu leito de morte, não houve qualquer providência no sentido de garantir o sustento de sua família depois que se fosse. Sob tais circunstâncias, seu cunhado (irmão de sua esposa),



Muslema bin Abdul Malik, disse: “Ó, *Amirul Mu`minin*, você sempre manteve a boca de seus filhos seca e agora que está de partida, deixando-os sem meios de sustento, indique-me, ou a qualquer outro membro da dinastia, para cuidar deles.”

Ao ouvir a sugestão de Muslema, o califa moribundo disse: “Por Allah, jamais privei meus filhos de seus direitos, apenas me recusei a dar-lhes alguma coisa a que não tivessem direito. Agora, você me sugere que eu faça um testamento no tocante à manutenção deles e que indique alguém para cuidar deles. Digo que o melhor padrinho e guardião que podem ter é Allah. Por certo que Ele proverá os meios para que se sustentem e sobrevivam. Porém, se seguirem o caminho errado, então não quero ajudá-los a seguir no caminho errado.” Em seguida, dirigindo-se aos filhos, disse: “Ó, meus filhos amados, estou partindo de mãos vazias porém, graças a Allah, não há ninguém, árabe ou não-árabe, que possa reivindicar qualquer coisa de vocês. O pai de vocês teve que adotar uma de duas alternativas, ou fazer com que vocês ficassem ricos e ele ir para o inferno ou deixá-los pobres e ele ir para o Paraíso. Meus filhos, o pai de vocês preferiu a última alternativa. Que Allah os proteja e lhes dê saúde!”<sup>1</sup>

## **A Morte**

Depois de proferir essas declarações, Omar bin Abdul Aziz (*ramatullah Alaih*), o califa piedoso, justo e temente a Deus da dinastia omíada, expirou.

*Inna Lillah-e-Wa-Inna Ilaih-e-Raje-un*

Corria o mês de Rajab, de 101 H, correspondente a 719 d.C. Ele estava com trinta e nove ou quarenta anos e governou o califado islâmico por dois anos e cinco meses. Ele foi enterrado em Dir Sam'aan.

---

<sup>1</sup> Sirat Umar bin Abdul Aziz, pág 280

Omar bin Abdul Aziz passou para a História como Omar II. Ele teve quatro esposas e quinze ou dezesseis filhos desses casamentos.

## CAPÍTULO IX

### YAZID BIN ABDUL MALIK

#### (YAZID II)

(DE 101 A 105 h – 719 A 723 d.C.)

Na conformidade do que tinha sido deliberado por Sulaiman, após a morte de Omar bin Abdul Aziz, Yazid bin Abdul Malik o sucedeu e foi chamado de Yazid, o segundo. Ele ascendeu ao trono no mês de Rajab, de 101 H (719 d.C.). Ele era filho de Abdul Malik e de Aateka, filha de Amir Muawiya.

#### **A Revolta de Muhleb**

Na época de Sulaiman, havia um indivíduo de nome Yazid bin Muhleb, que tinha ficado muito poderoso no Corassã e começara a se apropriar indevidamente de enormes quantias de dinheiro de *Baitul Maal*. Omar bin Abdul Aziz, ao tomar conhecimento dessas apropriações indevidas, mandou prendê-lo mas, nesse meio tempo, caiu doente e morreu e Muhleb conseguiu fugir da prisão. Vários membros de sua família ocupavam cargos importantes no Iraque e ele decidiu partir para lá, onde, com a ajuda de seus homens, capturou Basra. Desta forma, todo o Iraque saiu de seu controle. Ele também indicou seus próprios funcionários em Fars. Quando Yazid II soube do levante de Muhleb, enviou seu irmão, Muslema bin Abdul Malik, para acabar com a revolta. O irmão de Muhleb enfrentou e derrotou Abbas bin Abdul Malik porém Muslema bin Abdul Malik, no final, conseguiu impor uma derrota fulminante a Muhleb e seu irmão. Muhleb e vários de seus parentes foram mortos durante os combates. Um de seus irmãos, Mufazzal, fugiu em direção ao Sind, no entanto, também ele foi capturado e morto juntamente com todos os seus homens. Somente as mulheres e crianças foram poupadas e

enviadas a Muslema. E, assim, toda a família de Muhleb foi destruída.

## **No Turquestão**

Muslema bin Abdul Malik foi nomeado por Yazid II governador geral do Iraque, que, por sua vez, indicou seu genro, Sayid bin Abdul Aziz, como governador do Corassã. Naqueles dias, a população do Turquestão tinha se tornado incontrolável e Sayid era um homem fraco demais para manter a região sob controle. Os turcos, insuflados por Khaqan, o governante do Turquestão, atacaram Qasr-e-Baheli, uma localidade habitada majoritariamente por muçulmanos. Musib bin Bashir Rijahi foi convocado para libertar os muçulmanos de Qasr-e-Baheli e os turcos acabaram sendo derrotados.

Também aconteceram vários confrontos em Sogdiana e em outras áreas do Turquestão e, por fim, todos acabaram se submetendo ao controle do califado. Marwan bin Muhammad conquistou Inconium em 101 H (723 d.C.). Abbas bin Walid também conquistou algumas localidades em Roma.

Os carijitas, mais uma vez, se rebelaram em 105 H, mas Sufyan bin Amr Aqili os aniquilou.

## **Morte de Yazid II**

Yazid II morreu em 105 H, com a idade de quarenta anos. Seu califado teve a duração de quatro anos e alguns dias. Embora ele tenha morrido de uma ulceração nos pulmões, no entanto, há uma outra explicação para a sua morte. Conta-se que ele era tão profundamente apaixonado por uma de suas escravas, Hubaba, que quando ela morreu ele não resistiu ao choque, e morreu também.

O califado de Yazid também foi muito curto, no entanto, foi quase o dobro do califado de Omar bin Abdul

Aziz. Apesar disso, não encontramos nesse período qualquer conquista ou acontecimento importante que mereça ser citado. Por natureza, ele era um homem bonachão que amava uma vida luxuosa.

Quando ainda vivo, Yazid II nomeou o irmão, Hisham, como seu sucessor, e ele não encontrou qualquer resistência ao seu nome.

## **CAPÍTULO X**

### **HISHAM BIN ABDUL MALIK**

**(105 a 125 H – 723 a 744 d.C.)**

Por ocasião da morte de Yazid II, seu irmão e sucessor, Hisham, não estava presente na capital, pois encontrava-se em Rasafa e, por isso, o selo e o cetro do califado foram mandados para ele naquela cidade. Ele voltou para Damasco, no mês de Ramadã de 105 H e logo ascendeu ao trono.

Hisham era praticamente o retrato vivo de Abdul Malik em coragem e habilidade de estadista e, em conseqüência, quando assumiu o poder a dinastia omíada foi inundada de um novo fervor e intensa atividade. Hisham governou o estado islâmico por cerca de vinte anos e foi o último grande governante de sua dinastia.

#### **Levantes, Batalhas e Conquistas**

Durante o califado de Hisham, aconteceram vários levantes e batalhas no Corassã, Turquestão, Armênia, Azerbaijão e África do Norte. Todos esses distúrbios foram reprimidos com êxito e, no final, aquelas áreas voltaram para o controle do califado.

Naquela época, o Corassã estava sob administração do Iraque e o governador geral controlava tudo por intermédio do governador. Em 109 H, Amir Ashras bin Abdullah Salmi foi indicado governador do Corassã e fez grandes esforços para divulgar o Islam no Turquestão, sendo muito bem sucedido.

Em 111 H, Ashra foi substituído por Junaid bin Abdur Rahman. Ele também teve muitos enfrentamentos com os

turcos. Na última batalha, os turcos foram derrotados e um primo do Khaqan foi capturado e feito prisioneiro de guerra.

Em 116 H, Asim bin Abdullah Hilali foi indicado para o lugar de Juanid porém, assim que ele alcançou Khursan, um líder muçulmano, Haris bin Shuraih, se rebelou e começou a chamar as pessoas para o seu lado em nome do Alcorão e da *Sunnah*. Asim enfrentou e derrotou Haris, que conseguiu fugir sem ser capturado.

O Corassã sempre esteve sob o controle administrativo do Iraque mas, por algum tempo, ficou separado e foi no momento em que Haris tinha se rebelado. Asim sugeriu a Hisham que colocasse o Corassã sob o controle do Iraque de novo. Hisham concordou e indicou Asad como governador, que logo começou a agir contra Haris, que tinha ocupado algumas localidades daquela região. Com grande dificuldade, Asad, em 118 H, conseguiu derrotar Haris, que tornou a fugir e acabou se juntando ao Khaqan. Asad, mais uma vez, teve que agir contra ele, tendo em vista que ele vinha criando problemas para os muçulmanos do Turquestão. Em 119 H, Asad ocupou alguns fortes no Turquestão e Khaqan se apresentou para enfrentá-lo, mas foi derrotado por Asad. Antes de derrotar o Khaqan, Asad foi para Bucara onde, depois de alguns dias, o Khaqan voltou a atacar mas foi derrotado mais uma vez.

O Khaqan mantinha relações de amizade com um conhecido líder turco, de nome Korsole. Um dia, quando jogava pólo com ele, o Khaqan perdeu uma de suas mãos. Ele ficou tão furioso que ameaçou Korsole de vingança. Por causa desta ameaça, Korsole tornou-se inimigo do Khaqan e o matou. Este fato provocou uma guerra civil entre os turcos, fazendo surgir uma situação favorável para os muçulmanos.

Enquanto isso, em 120 H, Asad morria e Nasar bin Syyar Kinnani foi nomeado governador do Corassã, em seu lugar. Ele era um grande estadista, valente e ousado, e tinha uma grande capacidade administrativa. Renovou e melhorou

todos os departamentos da administração pública e também criou um departamento novo para investigação dos casos de arbitrariedade. Como vimos antes, Omar bin Abdul Aziz tinha baixado ordens expressas de que não seria permitida a cobrança da *jizya* dos novos muçulmanos mas, depois de sua morte, seu sucessor começou de novo a cobrar aquele imposto dos novos muçulmanos. Isto trouxe grandes perturbações ao Turquestão, porque os turcos que tinham aceitado o Islam não estavam dispostos a recolher a *jizya*. Muito justamente eles reivindicavam todos os direitos e privilégios usufruídos pelos outros muçulmanos. A reivindicação dos turcos encontrou eco entre os muçulmanos de um modo geral e, por isso, houve grandes distúrbios por causa dessa questão. Nasar, sendo um muçulmano piedoso e justo, ficou do lado dos novos muçulmanos e acabou com a cobrança da *jizya*.

Com essas obras construtivas, Nasar também quis agir contra os inimigos que estavam criando problema na região. Ele atacou a Transoxânia de diferentes lados. Depois da morte do Khaqan, Korsole passou a liderar os turcos. Por acaso, ele foi preso durante os combates por um soldado muçulmano, Asim bin Amr, e trazido para Nasar. Korsole era um bravo e intrépido guerreiro, porém um terrível inimigo dos muçulmanos e, por isso, Nasar ordenou que ele fosse morto.

Em 127 H, Haris bin Shuraih, que tinha se juntado a Korsole depois de Khaqan, não teve outra alternativa se não render-se a Nasar. Os turcos que, com as mortes de Khaqan e Korsole estavam sem um líder, encontravam-se bastante dispersos e espalhados. Na verdade, eles estavam cansados de batalhas e desordens. Eles queriam paz e por isso apresentaram a Nasar uma proposta de paz com a condição de que não seria cobrada a *jizya* dos turcos que aceitassem o Islam e que aqueles que retornassem à religião de seus antepassados não seriam punidos, de acordo com a lei islâmica. Além disso, havia algumas outras condições que foram aceitas por Nasar e, como resultado, a paz com os turcos foi estabelecida.



## **Armênia e Azerbaijão**

No período de Hisham, abriu-se uma outra frente de guerra contra os muçulmanos na região que compreendia a Armênia e o Azerbaijão. Lá, os turcos não-muçulmanos, principalmente os khazars e os armênios, sob a liderança do filho do Khaqan, tinham formado uma poderosa frente unida contra os muçulmanos.

Esta frente tinha sido criada em 106 H, mas a série de batalhas só começou em 111 H. Ao ver os turcos tão ativos contra os muçulmanos, Jarrah bin Abdullah, o governador da Armênia, atacou os khazars e capturou algumas de suas fortalezas. Então, os khazars, contando com a ajuda de outras tribos turcas, atacaram os muçulmanos em 112 H e os derrotaram. Jarrah foi morto durante os combates, o que deixou os khazars mais estimulados ainda. Eles avançaram até Musal e toda a região do Curdistão ficou exposta ao perigo. Como a situação se agravasse cada vez mais, Hisham enviou Sayid Harshi, que combateu os turcos e os derrotou em várias batalhas.

Em 113 H, Sayid foi chamado de volta por Hisham e Muslima bin Abdul Malik foi enviado para substituí-lo. Muslima também derrotou os turcos em várias batalhas e, em uma delas, o filho do Khaqan foi morto, o que deixou os turcos bastante enfurecidos. Os khazars formaram uma nova frente com todas as tribos turcas e vieram em grande número para aniquilar os muçulmanos. Muslima, que naquele momento encontrava-se em Balanjar, sentiu-se incapaz de enfrentar aquela torrente de turcos e achou melhor bater em retirada. Hisham ficou descontente ao ver a fraqueza de Muslima e indicou Marwan bin Muhammad para enfrentar os turcos, e para ajudar, despachou uma força auxiliar constante de cento e vinte mil homens. Marwan obteve grande sucesso e, saindo do Daguestão, avançou em direção a Balanjar, a capital dos khazars. Em 121 H,

Marwan capturou quase todos os fortes desde a Armênia até o Tabaristão e, assim, toda aquela região foi dominada.

## **Conquistas na Ásia Menor**

A Ásia Menor também tinha se tornado uma frente de guerra permanente contra os muçulmanos. Nesta frente, os muçulmanos, quase que a cada ano, combatiam os romanos e Muslima bin Abdul Malik, que era um especialista nesta frente e tinha lutado em várias batalhas durante o período de Walid e de Sulaiman, apresentou-se de novo e impôs várias derrotas aos romanos. Em 108 H, Muslima ocupou Cesaréa, enquanto, antes dele, em 105 H, Marwan já tinha capturado Iconium e Kamacha. Em 130 H, mais uma vez Muslima bin Hisham capturou uma cidade chamada Mathmora.

## **Sind**

Enquanto isso, as campanhas no Sind, que estavam praticamente paralisadas, foram reiniciadas durante o califado de Hisham. Em 107 H, Junaid bin Abdur Rahman foi nomeado governador do Sind e, logo após assumir o cargo, ele recomeçou a movimentação pela margem do rio Indus, nas regiões que estavam sob controle de Jai Singh, o filho do rajá Dahir. Na época de Omar bin Abdul Aziz, Jai Singh tinha abraçado o Islam e, por isso, foi na condição de muçulmano que ele enviou uma delegação a Junaid, com o objetivo de evitar uma invasão. Além de sua condição de muçulmano, ele também alegou que o califa tinha concedido a ele um certificado que lhe dava o direito de governar aquela região e que, por esse motivo, ele não deveria ser perturbado. Junaid garantiu que não o perturbaria de forma alguma e que não precisava se preocupar. Mas Jai Singh não ficou satisfeito com esta garantia, renegou o Islam e se apresentou para combater os muçulmanos com uma grande força naval. No entanto, o barco em que se encontrava foi cercado no rio e ele foi preso pelo exército muçulmano. Tendo em vista que ele tinha renegado o Islam, Jai Singh recebeu a pena de morte, conforme previsto na lei islâmica.

Junaid, que era um governante competente e um soldado valente e corajoso, trabalhou arduamente para consolidar o governo muçulmano no Sind. Após se livrar de Jai Singh, ele também conquistou toda a área da Caxemira, atual Paquistão. Além disso, ele também mandou exércitos para conquistar Marwar, Mandal, Bahruch, Ujjain, Malwa, etc, na Índia. Todas essas campanhas foram bem sucedidas. As regiões de Gujarat e Bheelman, na Índia, também foram conquistadas por Junaid e ele permaneceu como governador do Sind até o ano de 111 H., quando, então, foi nomeado governador do Corassã. No período de 107 H a 111 H, ele alcançou grandes vitórias e conquistas.

Tamimdari tornou-se governador do Sind, em substituição a Junaid. Mas ele era um indivíduo sem qualquer valor e tudo o que tinha sido alcançado por Junaid foi desfeito por este sujeito imprestável. Durante seu período, o governo muçulmano no Sind praticamente deixou de existir e a população muçulmana teve que abandonar a região. Tamim encontrou o mesmo destino e, ao retornar para o Iraque, morreu no meio do caminho.

Hakam bin Awan foi nomeado para governar o Sind em substituição a Tamim, e a lei e a ordem foram restabelecidas e a autoridade muçulmana tornou a prevalecer. Para fazer isso, Hakam contou com o auxílio de Amr, filho de Muhammad bin Qasim, que foi prestativo e o ajudou bastante. Durante o governo de Hakam foram construídas duas cidades, Mansure e Mahfuza, que foram povoadas principalmente por muçulmanos. Mais tarde, Mansure progrediu tanto que se tornou a capital da província.

Depois de Hakam, o filho de Muhammad bin Qasim foi indicado governador do Sind. Ele transformou Mansure em sua capital. Embora algumas campanhas ainda continuassem na região, não houve mais qualquer acontecimento relevante durante o seu período.

## **Invasões da França**

Durante o reinado de Hisham, uma de suas campanhas militares mais importantes foi a invasão da França. Na verdade, logo após a conquista da Espanha, os muçulmanos estavam determinados a invadir e conquistar a França. Dessa forma, a primeira invasão ocorreu no período de Walid, quando o exército muçulmano cruzou a cadeia de montanhas dos Pirineus e avançou até Lion, mas foi detido ali. Um outro ataque ocorreu no período de Omar bin Abdul Aziz, no ano de 101 H. Esta invasão foi liderada por Amir Samha bin Malik, o governador da Andaluzia. Desta vez, o exército muçulmano, depois de cruzar os Pirineus, cercou a Normandia, o primeiro estado que encontrou no sul da França, e, em conseqüência, a população aceitou o domínio dos muçulmanos. Depois disto, Amir Samha continuou em frente mas foi morto durante os combates e os planos de invasão da França foram abandonados.

A terceira invasão ocorreu no ano de 107 H, sob a liderança de Amir Anbasa bin Sahim, cujo exército alcançou Carcassone e cercou a cidade. A população do estado se rendeu aos muçulmanos e aceitou pagar a *jizya*. Metade das áreas de Carcassone também se rendeu e garantiu lealdade aos muçulmanos. O Amir continuou avançando mas foi gravemente ferido e morreu em conseqüência dos ferimentos. Embora ele tivesse nomeado Urwah bin Abdullah para o seu lugar, nada mais aconteceu.

## **A Quarta Invasão da França**

Em 113 H, Amir Abdur Rahman bin Abdullah foi nomeado governador da Andaluzia, em substituição a Muhammad bin Abdullah Ashjai. Ele era um homem ambicioso, um estadista sensato e bom administrador. Antes de mais nada, ele consertou os defeitos encontrados na administração e estabeleceu um governo sólido. Em seguida, passou a cuidar da campanha na França. Como

tivesse tido uma amarga experiência na época de Amir Samha, desta vez ele tratou de planejar a invasão da França nos mínimos detalhes. Ele ordenou que todos os seus chefes subordinados levassem seus soldados e estacionassem nos limites das fronteiras entre Espanha e França. Ele também convocou os muçulmanos em geral para que viessem e aderissem ao *jihad*. Esta convocação obteve resposta imediata.

Depois de todos esses preparativos, no ano de 114 H, mais uma vez as forças muçulmanas cruzaram os Pirineus e entraram nas planícies francesas. Ali, o duque da Aquitânia, com todos os outros governantes do sul da França, vieram para oferecer resistência aos muçulmanos. Eles combateram com força e coragem mas foram derrotados. Os soldados muçulmanos avançaram e ocuparam o porto de Bordeaux, onde se apropriaram de grandes quantidades de material bélico que tinha sido estocado pelo duque.

Depois de ocuparem Bordeaux, os muçulmanos marcharam em direção ao norte da França. Mais uma vez, o duque se esforçou para enfrentá-los mas não obteve qualquer resultado. Os muçulmanos capturaram a famosa igreja de Santo Hilário e desfraldaram sua bandeira nos muros da cidade. Dali, seguiram em direção a Tours.

O duque da Aquitânia não tinha mais condições de, sozinho, resistir àquela torrente de soldados muçulmanos e, sem outra alternativa, pediu ajuda ao seu oponente, Charles Motel. Os outros líderes franceses também fizeram o mesmo e solicitaram a Charles Motel que viesse enfrentar os muçulmanos. Charles Motel, por sua vez, achando que a marcha do exército muçulmano em direção ao norte também representava um grande perigo para ele, resolveu oferecer resistência aos muçulmanos. Desta vez, porém, os muçulmanos tiveram que enfrentar não só as forças de Charles Motel, ou os exércitos franceses, mas também os exércitos da Alemanha, de Portugal e de outros países europeus que formaram uma frente para resistir aos

muçulmanos. Havia uma grande diferença numérica entre os exércitos. Os europeus estavam bem equipados e eram muito mais numerosos, enquanto os muçulmanos eram em menor número e não estavam tão bem equipados que pudessem fazer face ao inimigo.

Os dois exércitos se enfrentaram no campo de Tours e, apesar da superioridade em todos os aspectos, os europeus não ousaram atacar os muçulmanos primeiro. Os dois contingentes permaneceram parados por cerca de uma semana e, por fim, Abdur Rahman deu início à luta. No primeiro dia, os combates foram violentos mas sem resultado para qualquer dos dois lados. No segundo dia, enquanto a luta continuava, o duque de Aquitânia atacou de repente com um exército descansado e os muçulmanos foram apanhados de surpresa. A fim de encorajar seus soldados, o próprio Abdur Rahman decidiu penetrar nas linhas do inimigo e continuou lutando sem temer nada e ninguém. Porém, infelizmente, ele foi morto, espalhando abatimento e desânimo entre os muçulmanos. Não obstante, os combates continuaram até à noite quando foi interrompido até o dia seguinte. Porém, os muçulmanos estavam prostrados e abatidos e deixaram o campo de batalha durante a noite. Embora praticamente eles tivessem se retirado, Charles Motel tinha tanto medo dos muçulmanos que não ousou persegui-los.

Os historiadores europeus dão a esta batalha uma importância muito grande e a consideram uma grande realização dos europeus. Para eles, Charles Motel é um grande herói. Foi por causa dessa vitória que ele recebeu o título de Motel (martelo). De acordo com esses historiadores, Charles Motel salvou a Europa do Islam pois, se esta invasão tivesse obtido resultado, a história européia teria sido bastante diferente e o Alcorão estaria sendo recitado na Europa em lugar da Bíblia.

## **A Última Invasão**

Ao receber a notícia do martírio de Amir Abdur Rahman e da retirada do exército muçulmano, Abdullah bin Hijab Sololi, governador da África, enviou Amir Abdul Malik como governante da Andaluzia que, chegando primeiro, invadiu Biscaia, uma importante localidade ao norte da Espanha. Em seguida, ele quis se vingar da derrota dos muçulmanos e, sem qualquer preocupação com as condições desfavoráveis do tempo, marchou em direção à França, exatamente no período das chuvas, e os muçulmanos pagaram caro por essa pressa. Além de não conseguirem qualquer resultado, tiveram grandes perdas por causa do clima adverso e dos bandos de assaltantes cristãos que freqüentemente promoviam ataques-surpresa em seus acampamentos. E, assim, mais uma vez, os muçulmanos não foram bem sucedidos e tiveram que voltar. Esta foi a quinta e última invasão dos muçulmanos na França.

## **Os Berberes**

Durante o período de Hisham, os berberes, os novos muçulmanos do norte da África, também se revoltaram mais de uma vez. Suas revoltas eram em decorrência de políticas erradas adotadas pelas autoridades locais. O governo central, no entanto, reprimiu esses levantes e controlou a situação. Com esse objetivo, Damasco enviou um exército que, cruzando o grande deserto do Saara, ao norte do Marrocos, entrou pela primeira vez em regiões que, naquele tempo, eram chamadas de Sudão mas que, atualmente, são chamadas de Senegal e Mali.

O Islam chegou até às partes do extremo norte do Marrocos, que era conhecido pelo nome de *Sos Aqsa*. A população dessas áreas aceitou o Islam alegremente.

## Zaid bin 'Ali

Depois do martírio de Imam Husain (r.a.a.), seu filho, Imam Zainul Abedin (cujo nome era 'Ali Ibn-e-Husain) não quis se envolver em política. Ele observava um silêncio rigoroso em relação aos assuntos do califado. Seu filho, porém, Zaid bin 'Ali, não permaneceu calado. Certa vez, quando ele esteve em Damasco para tratar de uma controvérsia, Hisham o irritou fazendo algumas observações pessoais sobre ele. Como resultado, eles tiveram uma discussão acalorada, com a troca de palavras ofensivas. Não obstante, Hisham mandou Zaid para Kufa para resolver a controvérsia, mas, em segredo, ele orientou o governador do Iraque a observá-lo com rigor. Quando soube disto, Zaid ficou bastante irritado. Nesse meio tempo, a população de Kufa, que já tinha abandonado Husain (r.a.a.) no passado, mais uma vez tentou convencer Zaid de que eles estavam prontos a apoiá-lo e que fariam qualquer coisa por ele. Embora no primeiro momento Zaid não tivesse acreditado neles, porém, como insistissem e assegurassem total apoio a ele, Zaid deixou-se levar pela adulação deles. Segundo alguns registros, cerca de quinze mil pessoas prestaram juramento de lealdade a ele. Além desses, várias outras cidades do Iraque e do Corassã vieram em seguida. Confiando neles, Zaid se rebelou contra o governo omíada. Yusuf bin Omar, o governador de Kufa, apareceu para reprimi-los e, sem surpresa, os traiçoeiros de Kufa abandonaram Zaid logo após a primeira escaramuça. Zaid continuou lutando com apenas um punhado de companheiros ao seu lado e é claro que ele não estava à altura de enfrentar o exército do poder dominante. De repente, uma flecha lançada pelo inimigo o feriu na testa e ele morreu em decorrência do ferimento. Seu corpo foi enterrado em Kufa mas Yusuf, o governador, o retirou da sepultura e pendurou para que todos vissem. Seu martírio criou uma nova facção entre os xiitas, que é conhecida por Zaidita. Ela ainda existe e acredita no imamato de Zaid (em lugar do Imam Baqir) depois de Imam Zainul Abedin.



## O Chamado Abássida

O chamado dos abássidas começou na época de Omar bin Abdul Aziz porém espalhou-se e ganhou terreno no período de Hisham.

Os principais pretendentes ao califado eram os *Ahl-e-Bait*, ou os membros da família do Profeta, mas durante o reinado de Sulaiman bin Abdul Malik, esta posição foi transferida dos alauítas para os abássidas. Depois do martírio de Imam Husain (r.a.a.), seu filho, Imam Zainul Abedin, ficou tão desalentado que abandonou qualquer reivindicação política. Os defensores de 'Ali (r.a.a.) entraram em contato com Muhammad bin Hanafia, um filho de 'Ali, que aceitou o imamato, ou liderança. Depois de Muhammad bin Hanafia, seu filho, Abu Hashim Abdullah, assumiu a liderança. No ano 100 H, ele tinha estado na Síria para se encontrar com Sulaiman, que o recebeu com grande respeito e hospitalidade. Contudo, de acordo com alguns historiadores, Sulaiman providenciou que lhe dessem veneno quando ele estava retornando. Vendo a morte se aproximar, Abu Hashim quis confiar a responsabilidade do imamato a alguém de sua família, porém, naquele momento, não havia ninguém por lá. No entanto, em Hamima, uma localidade próxima dali, encontraram Muhammad bin Ali Abbas, um hashemita, e o imamato foi transferido para ele. Ele era neto de Abbas (r.a.a.), um tio do Profeta (s.a.w.) e, dessa forma, a liderança dos hashemitas passou dos alauítas para os abássidas.

Ao alcançar a responsabilidade do imamato, Muhammad bin Ali bin Abbas providenciou para que a mensagem do califado se espalhasse por toda a parte de uma forma ordenada e o movimento começou a ganhar terreno. Os mensageiros dos abássidas foram longe, estiveram em cidades e vilas, tentaram levantar as pessoas contra o governo omíada e conseguir o apoio para os hashemitas. E, assim, o movimento se disseminou por todo o Iraque e Corassã. Quando Hisham veio a saber da

existência deles, que já não era mais segredo para ninguém, ele indicou Amir Nasar bin Syyar, o governador do Corassã, para aniquilar com o movimento mas, nesse meio tempo, Hisham veio a falecer. Hisham morreu no mês de Jamadi-us-Sani, do ano 125 H., com a idade de cinqüenta e cinco anos. Ele governou o califado islâmico por dezenove anos e nove meses.

### **Suas Realizações e Personalidade**

Hisham era um homem de conhecimento e foi um grande estadista. De acordo com os historiadores, no tocante ao conhecimento, diplomacia e a figura de estadista, ele foi considerado um Amir Muawiya e na política e na coragem ele foi um sucessor de Abdul Malik.

Ele promoveu várias reformas na administração e organizou a gerência dos escritórios oficiais, a administração da justiça e as receitas e despesas do estado. Ele não permitiu que *Baitul Maal* recebesse qualquer quantia de dinheiro enquanto não fosse suficientemente comprovada a procedência lícita desses recursos.

Hisham não fez distinção entre muçulmanos e não-muçulmanos no que se refere à justiça e igualdade. Para ele, todos eram iguais perante a lei.

Além de cuidar e reformar a parte administrativa do estado, ele também cuidou da reforma do departamento militar. Hisham construiu vários fortes e a defesa das regiões de fronteira foi consolidada. O poder defensivo era tão forte que os romanos não mais ousaram levantar os olhos para o estado islâmico. Os turcos e os tártaros do leste e os berberes do ocidente se rebelaram violentamente contra o califado, mas todos foram reprimidos e as fortalezas dos rebeldes foram destruídas. Os carijitas também tentaram disseminar a discórdia, porém em vão. Todos foram aniquilados.

Com o intuito de melhorar a economia, várias medidas eficazes foram adotadas, as terras incultas foram transformadas em áreas agriculturáveis. Também foi dispensada uma atenção maior para o desenvolvimento industrial do estado e a indústria da seda cresceu enormemente.

Hisham era uma pessoa religiosa e não permitiu qualquer inovação na religião. Certa vez, um homem de nome Ma'ad bin Dirham, levantou a questão do *Khalq-e-Quran* (Alcorão como criação) e quando Hisham soube disto sentenciou Ma 'ad com a pena de morte.

Hisham era um homem de temperamento grave e sério e não gostava de luxos e esportes. E aqueles que participassem dessas coisas ele os tomava para executar tarefas. Por esta razão que alguns historiadores são de opinião de que ele era um indivíduo mesquinho. Mas, na verdade, ele não era. Apenas não gostava de extravagância. Ele amava profundamente o conhecimento e queria que ele prosperasse. Ele fez com que Imam Zahri preparasse uma coleção de quatrocentas Tradições do Profeta (s.a.w.). Ele também mandou traduzir um livro do persa para o árabe. Tratava-se de um livro com inestimável conhecimento e informações históricas a respeito da Pérsia.

Uma de suas qualidades era a de não se importar com observações ofensivas feitas contra ele. Uma vez, um homem veio ter com ele e começou a criticá-lo de modo ofensivo. Ao ouvir aquelas observações, Hisham apenas disse: "Não se deve fazer observações tão duras a seu líder." Em outra ocasião, ele proferiu algumas palavras ríspidas a um homem porém quando o homem observou que ele, sendo um califa, não deveria proferir palavras daquele tipo, Hisham pediu desculpas.

Com todas essas qualidades, pode-se corretamente dizer que ele foi um dos últimos e maiores califas da dinastia omíada.

## **CAPÍTULO XI**

### **DEPOIS DE HISHAM**

**(De 125 a 132 H – 743 a 749 d.C.)**

Depois de Hisham bin Abdul Malik, mais quatro califas da dinastia omíada ascenderam ao trono. Foram os seguintes: 1) Walid II; 2) Yazid III; 3) Ibrahim bin Walid; e 4) Marwan II. Cada um governou apenas por um curto período e nenhum deles desempenhou um papel de importância. Não obstante, a seguir, breves relatos a respeito dos seus reinados.

#### **Walid II (125 a 125 H – 743 a 744 d.C.)**

Yazid II, filho de Abdul Malik, já tinha indicado seu filho, Walid, como sucessor de Hisham e, assim, ele ascendeu ao trono, depois da morte de Hisham, no mês de Rabi-us-Sani, do ano 125 H., Na verdade, ele não era merecedor e nem tinha condições de assumir as gigantescas responsabilidades do califado. Não tendo familiaridade com as questões de estado, ele não se interessou pela política e preferia se ocupar com o luxo da vida na corte. Quando ainda estava vivo, Hisham tentou enquadrá-lo, mas sem sucesso. A conselho de Imam Zahri e de outros, ele quis cancelar a indicação do nome de Walid como seu sucessor mas, antes que conseguisse levar adiante a decisão ele morreu. Portanto, a indicação permaneceu e Walid tornou-se califa depois de Hisham. Quando assumiu o poder, Walid quis vingar-se de todos aqueles que tinham sido favoráveis à revogação de seu nome para o cargo de califa. Nem mesmo a família de Hisham foi poupada, o que deixou furiosos os membros da dinastia assim como seus adeptos e seguidores. Assim, desde o início de seu califado, Walid tinha mais inimigos do que adeptos.

## **Distúrbios e Revoltas**

Passados alguns dias após a ascensão de Walid ao trono, Yahia bin Zaid, neto de Imam Zainul Abedin, revoltou-se no Corassã contra o regime de Walid. Contudo, Nasar bin Syyar prendeu Yahia e, seguindo instruções de Walid, o mandou para a Síria. Porém, em lugar de ir para a Síria, Yahia fugiu para Nishapur, onde encontrou a resistência de Amr bin Zarara, o governador. No entanto, Zarara foi derrotado e morto por Yahia. Mais uma vez, Nasar bin Syyar foi atrás dele e o matou durante os combates.

Enquanto isso, os abássidas continuavam disseminando suas idéias. Embora Imam Muhammad bin 'Ali Abbasi tivesse morrido, seu filho, Ibrahim, passou a liderar o movimento.

Antes do advento do Islam, havia na península arábica duas tribos árabes que eram inimigas e que sempre se hostilizavam mutuamente, a muzri e yamni, ou adhani e a qahtani, respectivamente. Quando eles aceitaram o Islam, a inimizade e o preconceito foram suprimidos, ou pelo menos ficaram adormecidos, mas após algumas décadas, quando o espírito islâmico tinha enfraquecido, as inimizadas tribais afloraram mais uma vez. Amir Muawiya tinha conseguido, com muita negociação e diplomacia, sufocar as hostilidades entre eles. No entanto, depois dele, não foi mais possível conter aqueles sentimentos e no período dos últimos califas da dinastia omíada, eles próprios tinham interesse em explorar as inimizadas tribais em proveito próprio.

Os yamnis ou qahtanis representavam uma fonte de grande poder para os omíadas, porém Walid os havia desagradado e, por conseqüência, os transformara em seus inimigos. Ele mandou punir vários dos principais líderes da tribo yamni, inclusive Khalid bin Abdullah Qasri, que era o grande líder deles.

Em razão dessas medidas imprudentes e impensadas, Walid perdeu o apoio de todos os círculos de influência do califado, até mesmo o de sua própria família. As pessoas começaram a rejeitar seu califado e passaram a aceitar o califado de Yazid bin Abdul Malik, prestando o juramento de lealdade a ele. Walid tentou combater Yazid mas foi derrotado e morto. Ao morrer, ele estava com quarenta e dois anos e permaneceu no poder por um ano e dois meses, apenas.

Walid era um homem de natureza estranha. Por um lado, ele era muito suntuoso, imprudente e vil. Ele passava a maior parte do seu tempo entre bebidas e farras. Mas, por outro lado, ele não se descuidava da *salat* (orações) e das virtudes. Ele gostava de boa poesia e ele próprio era um poeta. Ele amava a música e era amigo dos cavalos.

Conta-se que, quando o povo entrou em seu palácio para matá-lo, Walid, ao ver aquelas pessoas, abriu o Alcorão e, enquanto começava a recitar os versículos alcorânicos, disse: “Quero morrer como Osman (r.a.a.), que foi martirizado enquanto recitava o Alcorão.” E seus assassinos fizeram com ele o mesmo que havia sido feito a Osman.

### **Yazid III (126 H – 744 d.C.)**

Com a morte de Walid II, ascendeu ao trono Yazid bin Walid bin Abdul Malik, no mês de Rajab de 126 H (744 d.C.) e ficou conhecido como Yazid III. No entanto, ele ficou melhor conhecido como “Yazid al-Naqis”, ou “Yazid, o deficiente”. Ele recebeu este título em razão de ter diminuído os salários do pessoal do exército. Como homem, ele era devotado e adorava Allah. Assim que se tornou califa, ele declarou:

“Ó gentes, jamais fecharei minhas portas aos pobres e necessitados. As populações distantes e as que vivem perto serão tratadas igualmente no que se refere a direitos e privilégios. As receitas de cada província serão usadas

primeiro em benefício e bem-estar das pessoas das respectivas províncias. Não serão remetidos fundos de uma área para outra, sem que as necessidades e exigências da população local tenham sido atendidas em primeiro lugar. Se eu fizer o que estou dizendo, então vocês devem me obedecer e cooperar comigo. Porém, se, pelo contrário, eu não cumprir com aquilo que estou dizendo, então vocês terão liberdade para me destituir do cargo. Sejam testemunhas de que eu me arrependo dos pecados e escolham para o meu lugar alguém que na opinião de vocês seja virtuoso e prometa o que eu prometi. Se uma pessoa assim for escolhida, então serei o primeiro a depositar o juramento de lealdade em suas mãos. Ninguém que esteja envolvido em pecados deve ser obedecido.”

### **Oposição a Yazid III**

Ainda que Yazid III fosse um homem de boa índole, ele sofreu a oposição de vários segmentos e as causas fundamentais para essa oposição foram o ódio e a inimizade tribais. Os yamnis tinham sido os principais responsáveis pelo assassinato de Walid e por isso, depois da morte dele, a chama do ódio dos muzris contra os yamnis inflamou-se com mais intensidade. Os muzris, assim como os omíadas, se revoltaram contra Yazid, tendo como consequência grandes distúrbios em diferentes partes da Síria. As populações de Hemash, Palestina e Jordânia, recusaram-se a aceitar Yazid como califa. Da mesma forma, surgiram revoltas em Musal, Azerbaijão, Egito, Iêmen, Armênia e em outras localidades do estado islâmico. Embora todas essas revoltas tivessem sido reprimidas, o fogo do ódio e da inimizade tribal não foi reprimido e acabou por prevalecer e destruir o califado omíada.

### **A Morte de Yazid III**

O califado de Yazid III teve a duração de apenas seis meses. Ele ascendeu ao trono no mês de Rajab e morreu no mês de Zil-Hijja, de 126 H, com a idade de sessenta e três

anos. Durante seu governo, não houve acontecimentos dignos de menção, a não ser algumas revoltas.

### **Ibrahim bin Walid bin Abdul Malik (126 a 127 H – 744 a 745 d.C.)**

Yazid III nomeou seu irmão Ibrahim bin Walid bin Abdul Malik como seu sucessor. Depois de sua morte, Ibrahim ascendeu ao trono no mês de Zil-Hijja, de 126 H. Mas não conseguiu governar o país por mais de três ou quatro meses. Ele se tornou califa, porém só no nome porque o seu califado não teve o apoio das pessoas.

O califado de Ibrahim chegou ao fim através das articulações de um outro príncipe omíada, Marwan bin Muhammad. Desde a ascensão de Yazid III, Marwan tinha se mostrado seu opositor e, por isso, não desculpou o sucessor escolhido por ele, Ibrahim. Ibrahim não tinha poder e vontade e tão pouco discernimento político, daí ter sido dominado por Marwan bin Muhammad e ter abandonado o califado depois de três ou quatro meses.

### **Marwan II bin Muhammad bin Marwan I (127 a 132 H – 745 a 749 d.C.)**

Marwan bin Muhammad, que tinha destituído Ibrahim, pretendia fazer califa um dos dois filhos de Walid – Hakam ou Osman, porém eles tinham sido mortos pelos próprios omíadas. Portanto, no mês de Safar, de 127 H, quando Ibrahim foi deposto, o próprio Marwan tornou-se califa e tomou o título de Marwan II. Embora fosse um indivíduo valente, determinado e sensato, e tivesse uma certa experiência em política, no entanto ele passou para a história como *Al Himar* (o asno).

Na época em que Marwan assumiu o cargo de califa, os negócios de estado e a situação política tinham piorado a ponto de ficar além de sua capacidade de controlar. Na Síria, vários grupos políticos estavam se articulando e se



hostilizavam uns contra os outros e, além do mais, a hostilidade entre os muzris e yamnis tinha chegado a um ponto crítico. As duas tribos inimigas tinham criado uma tal situação que toda a Arábia tinha se dividido em duas facções rivais. Em suma, os árabes estavam em guerra entre si, um governo fraco e uma administração impotente, e o movimento abássida ganhando terreno cada vez mais e o califado omíada incapaz de manter o controle.

O próprio Marwan era a favor dos muzris, ou nazaris, e contra os yamnis. Seus governadores e funcionários também o seguiam. Mas, na Síria, os yamnis eram a maioria e por isto os sírios foram os primeiros a se revoltarem contra Marwan. No entanto, a revolta foi reprimida e vários revoltosos foram feitos prisioneiros de guerra. Com relação a eles, Marwan cometeu um grave erro, que foi o de admitir todos os prisioneiros em seu exército. Na primeira oportunidade ele foi abandonado. Os desertores se passaram para o lado do filho do falecido califa Hisham, Sulaiman, e os yamnis se juntaram a eles. Assim, os descontentes conseguiram recrutar um exército de setenta mil soldados contra Marwan. O exército de Sulaiman partiu para a Síria e, em uma localidade chamada Khassar, eles enfrentaram as forças de Marwan que foram fragorosamente derrotadas por Sulaiman.

Nasar bin Sayyar, governador do Corassã, era um adepto dos muzris e inimigo implacável dos yamnis. Amir Jadi bin Ali Kirmani, chefe da tribo Rabia, aconselhou Nasar a mudar sua política. Porém, Nasar, em lugar de seguir a sugestão, ficou contra Jadi, e, por conseqüência, contra a tribo Rabia também, que, por sua vez, ficou contra o reinado de Marwan. Nasar prendeu Ali Kirmani mas seus seguidores conseguiram tirá-lo da prisão. Segundo Ibn-e-Asir, a questão, naquela época, teve uma solução momentânea, mas, de acordo com Dinori, não foi isso que aconteceu. Embora Nasar tivesse pedido desculpas a Kirmani, ele não as aceitou e a inimizade entre os dois atingiu limites insuportáveis. Abu Muslim viu, naquela situação, uma

oportunidade favorável para ele e decidiu se juntar a Kirmani e aos yamnis. Nessa conjuntura, Nasar escreveu a Kirmani lembrando a ele que Abu Muslim era um grande inimigo dos árabes. Nasar também sugeriu que era a hora de todos se juntarem para enfrentar o inimigo comum. Kirmani concordou e, deixando Abu Muslim, foi encontrar-se com Nasar, acompanhado de uns poucos amigos fiéis. Porém, Nasar quebrou o compromisso e providenciou que matassem Kirmani no meio do caminho. O filho de Kirmani, Ali, ficou enfurecido e se juntou a Abu Muslim, para acabar com o governo omíada.

## Os Carijitas

Embora os carijitas tivessem surgido pela primeira vez durante o califado de 'Ali (r.a.a.), o quarto califa, no entanto a época de maior atividade deles foi durante o período omíada, porque foi nesta época que a influência dos carijitas na vida política e social da *Ummah* foi maior do que em qualquer outro período.

De acordo com Sharistani, as pessoas que tinham deixado de apoiar 'Ali por ocasião da batalha de Siffin, receberam a denominação de “carijitas”, cujo significado é “aqueles que saíram ou deixaram”. Entre eles, estavam os que tinham aceitado o Islam de modo inesperado durante o califado de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) e que tinham lutado bravamente durante os califados dos dois primeiros califas. Eles faziam as orações, observavam o jejum, recitavam o Alcorão mas eram de temperamento apaixonado e não tinham uma compreensão racional do Islam e eram bastante rústicos também. Quando 'Ali (r.a.a.) não quis aceitar a proposta do *Tahkim* oferecida pelo partido de Muawiya, os carijitas o obrigaram a aceitá-la. Porém, quando, mais uma vez, 'Ali (r.a.a.) foi obrigado a aceitar a proposta, os carijitas ficaram contra ele e deixaram seu partido.

A partir daquele dia, eles nunca mais se submeteram a qualquer disciplina ou regra e assumiram a forma de uma

seita separada. Embora não tivessem abandonado o Islam, tornaram-se um perigo constante para a *Millat* islâmica. Eles reivindicavam a posição de únicos muçulmanos e consideravam todos os não-carijitas descrentes. Até mesmo Osman, ‘Ali, Talha, Zubair, Ummul Mu’minin Aysha, Muawiya, Amr bin Aas e Abu Musa Ash’ari, não eram considerados muçulmanos pelos carijitas. De acordo com esta seita extraviada todos esses personagens tinham se tornado “descrentes”. O sangue dos muçulmanos, inclusive de mulheres e crianças, não era sagrado para eles e matar um muçulmano era considerado um ato “virtuoso”.

Mais tarde, a seita dos carijitas subdividiu-se em vinte subsistas, seis das quais foram as mais ativas. São elas:

- 1) Azarqia; 2) Najdat; 3) Safria; 4) Ajardah; 5) Abazia; e
- 6) Sa’alba

Quando Abdullah bin Zubair (r.a.a.) decretou seu califado e lutou contra Yazid, os carijitas ficaram do seu lado e combateram seu exército. No entanto, quando eles perguntaram a Abdullah bin Zubair sua opinião sobre Osman e ‘Ali (r.a.a.), os dois Califas Justos, e ele declarou que os apoiava, os carijitas ficaram furiosos e, além de abandonarem seu lado, também o combateram. Em resumo, os carijitas tinham se tornado uma preocupação constante.

Quando Marwan II chegou ao poder, os carijitas, vendo o caos e a desordem, quiseram, mais uma vez, pescar em águas turvas. Zahak bin Qais Shiban, um líder carijita, atacou Kufa e derrotou o governador. De lá, ele seguiu para Nasibin, onde cercou Abdullah bin Marwan. Marwan II, ao tomar conhecimento dessa movimentação, partiu para Nasibin. Mas, enquanto isso, o exército de Abdullah bin Marwan conseguiu derrotar e matar Zahak. Apesar disto, os carijitas não aceitaram essa derrota e continuaram a combater cada um dos chefes das várias localidades do Iraque. O último desses chefes foi Shiban bin

Abdul Aziz, que foi derrotado. Depois disto, Shiban fugiu para o Sistan.

Nesse mesmo período, em Mina, por ocasião do Hajj, um outro líder carijita, Abu Hamza bin Aqaba, se revoltou. Ele fez um grande estrago no Hijaz, principalmente em Meca e Medina, porém, no final, foi derrotado e morto. Após esse episódio, os carijitas não criaram mais problemas para Marwan II.

### **Abdullah bin Muawiya**

Abdullah bin Muawiya era hashemita e neto de um irmão de 'Ali, Jafar-e-Tayyar (r.a.a.). Conforme vimos antes, os hashemitas, ou Bani Hashim, sendo parentes próximos do Profeta (s.a.w.), se consideravam seus legítimos sucessores e reivindicavam o direito ao califado. Porém, no final do período omíada, os hashemitas também estavam divididos em duas facções. Uma delas apoiava os descendentes de 'Ali (r.a.a.) e se denominavam *shi-aan-e-'Ali*, ou Partido de 'Ali, e a outra apoiava os descendentes de Abbas (r.a.a.), o tio do Profeta (s.a.w.). Eles se denominavam *abbasis*, ou abássidas.

Os *shi-aan-e-'Ali* dos xiitas, vendo a situação caótica do estado islâmico e o poder omíada em perigo, fizeram com que Abdullah bin Muawiya bin Abdullah bin Ja'far se revoltasse contra o governo omíada. As tribos yamnis e rabia também estavam contra Marwan e decidiram se juntar a Abdullah. Abdullah bin Amr, o governador de Kufa, que também tinha se rebelado contra Marwan, chegou para ajudar o líder hashemita. Porém, um pouco antes de a batalha começar, um líder sírio, partidário de Marwan, conseguiu afastar os yamnis e os rabia dos combates. Foi um grande choque para Abdullah bin Muawiya e seu exército, que passou a contar apenas com os soldados de Kufa. Eles ficaram desencorajados e, no final, renderam-se. Contudo, a vida de Abdullah bin Muawiya foi poupada. Ele partiu de Kufa para a Pérsia, onde ocupou Hamadan, Ray,

Isfahan, e outras cidades e ficou por lá durante alguns anos. Depois, ele foi morto por Abu Muslim Khurasani.

## Os Xiitas

Como vimos nas páginas anteriores, os hashemitas eram ferrenhos opositores dos omíadas, que, por sua vez, sempre combateram os hashemitas. Amir Muawiya se opôs a 'Ali (r.a.a.) e, por sua livre e espontânea vontade, nomeou seu filho Yazid como seu sucessor. Yazid foi o responsável pelo martírio de Imam Husain nos campos de Kerbala, trazendo um grande prejuízo para o mundo islâmico. Além de tudo, os hashemitas se achavam com mais direito ao califado do que qualquer outro, uma vez que eles pertenciam à família do Profeta (s.a.w.).

Após algum tempo, como vimos, os hashemitas também se subdividiram em dois grupos. Um, que era a favor do califado exercido pelos abássidas, que eram descendentes de um tio do Profeta, Abbas (r.a.a.), e o outro grupo, que era denominado de alauítas. Este grupo era defensor dos descendentes de 'Ali. Foram eles que mais tarde formaram uma seita separada do resto dos muçulmanos e que ficou conhecida como seita xiita e seus integrantes como xiitas.

Das subdivisões que surgiram mais tarde, a maior e mais conhecida é denominada de *asna-e-ashari*, ou os seguidores dos doze Imames. Os doze imames são os seguintes:

- 1) 'Ali (r.a.a.)
- 2) Imam Hasan (r.a.a.)
- 3) Imam Husain (r.a.a.)
- 4) Imam 'Ali Zainul Abedin (r.a.a.)
- 5) Imam Muhammad Baqir
- 6) Imam Ja'far Sadiq
- 7) Imam Musa Kazim

- 8) Imam Ali Raza
- 9) Imam Muhammad Jaw-wad Razi
- 10) Imam Ali Hadi
- 11) Imam Hasan Askari
- 12) Imam Muhammad Mahdi.

O período de Imam Ja'far Sadiq representou o fim da dinastia omíada e o início da dinastia abássida. Ele foi um grande *Alim* (sábio) em sua época. Foi depois dele que o *Fiqh Shia* (Jurisprudência Xiita) passou a ser conhecido como *Fiqh-e-Jaferi*. Até o início de seu imamato, não havia diferença entre os muçulmanos em geral e os xiitas. No entanto, mais tarde, os xiitas se organizaram em uma facção separada.

Muhammad Mahdi, o último dos doze imames, era filho de Hasan Askari e nasceu no ano de 255 H. Segundo consta, ele teria desaparecido da caverna de Samarra, quando ainda era uma criança de quatro anos apenas. Os xiitas o têm como vivo e se recordam dele por intermédio dos títulos *Imam-e-Saman*, *Mahdi-e-Dauran*, etc. e acreditam que o Mahdi retornará a este mundo antes que ele se acabe.

Além da *asna-e-ashari*, existe uma outra subdivisão conhecida como *Sabeyi*, e eles acreditam em sete imames. Existe ainda uma outra subdivisão, chamada *Zaidita* e, que de certa forma, se aproxima bastante dos sunitas. Eles são seguidores de Zaid bin 'Ali e não renegam o califado de Abu Bakr e Omar Faruq (r.a.a.).

## **O Movimento Abássida e Abu Muslim Khurasani**

Conforme vimos antes, os árabes estavam sempre se confrontando. Hashemitas e omíadas se hostilizavam, as tribos muzris e yamnis eram inimigas, e, como se não bastasse, os carijitas estavam sempre criando problemas. Havia também a inimizade entre os omíadas e os persas e as causas dessa inimizade e ódio estavam nos próprios

governantes omíadas, que não suportavam os persas e estavam sempre menosprezando-os. Os persas, como reação, também começaram a hostilizar os árabes e conspiravam para destituí-los do poder assim que surgisse uma oportunidade.

Diante dessas circunstâncias, o movimento abássida crescia em força e influência a cada dia. Os hashemitas estavam divididos em dois grupos, os abássidas e os alauítas, porém, estavam unidos contra o inimigo comum, os omíadas. Os alauítas, que sempre tinham sido tratados de forma impiedosa pelos omíadas, achavam conveniente a união com os abássidas para destituir os omíadas. E, dessa forma, o movimento abássida ia assumindo proporções fantásticas. No entanto, Abu Muslim Khurasani foi o responsável pela maior explosão para o movimento abássida. Ele era um muçulmano recém-convertido, de origem persa, nascido em Isfahan. De acordo com alguns relatos, ele era um escravo e foi educado em Kufa, onde veio a conhecer o movimento abássida e recebeu treinamento sob a supervisão dos aliados do movimento. Segundo alguns historiadores, Abu Muslim Khurasani teria sido treinado por Eisa bin Musa Siraj, um aliado abássida, que o teria apresentado ao movimento. No entanto, de acordo com outros historiadores, Abu Muslim era o escravo de dois irmãos, Eisa bin Idris e Mo'qal bin Idris, que foram presos por participarem do movimento. Depois disso, Abu Muslim foi levado ao Imam Muhammad bin 'Ali, que o admitiu no movimento. Como o Imam o achasse muito inteligente e eficiente, desde cedo transformou-o em seu maior confidente.

Por causa de sua eficácia, inteligência e serviços prestados, o imam seguinte, Ibrahim, em 127 H, nomeou-o para o Corassã. Rapidamente, Abu Muslim tornou-se líder do movimento naquela região e logo o movimento se disseminou por todo o Corassã. Foi Abu Muslim quem tornou o movimento no Corassã tão poderoso que não demorou muito ele foi capaz de colidir com o poder omíada

sem qualquer hesitação. Sendo um *ajami* (não-árabe), Abu Muslim odiava os árabes profundamente e a principal causa desse ódio era o tratamento que os omíadas dispensavam aos não-árabes.

Já vimos nas páginas anteriores que uma aliança temporária entre muzris e yamnis esteve prestes a acontecer mas não se materializou por causa do assassinato traiçoeiro de Ali Kirmani, o chefe da tribo Rabia. Nasar foi o responsável por essa morte e, por causa disso, o filho dele tornou-se um terrível inimigo não só de Nasar mas de todos os muzris e omíadas também, daí ele ter-se aliado a Abu Muslim e ao movimento abássida. Na verdade, os últimos dias dos omíadas estavam chegando e seu destino estava prestes a se cumprir. Nasar pediu a Marwan uma força auxiliar para enfrentar o cada vez mais forte Abu Muslim. No entanto, Marwan não pôde atender ao pedido, uma vez que ele estava às voltas com os carijitas.

### **Prisão e Assassinato de Imam Ibrahim**

Enquanto isso, um mensageiro de Abu Muslim, que estava levando uma mensagem a Imam Ibrahim, foi preso pela polícia e trazido para o Califa Marwan II, que pagou ao mensageiro dez mil dirhams e permitiu que ele levasse a mensagem a Ibrahim, desde que trouxesse a resposta direto a ele, Marwan. O mensageiro fez o que lhe tinha sido pedido. Imam Ibrahim, em sua resposta, pedia a Abu Muslim que agisse contra Nasar e os árabes o mais cedo possível. De acordo com Yaqubi <sup>1</sup>e Masudi <sup>2</sup>, ele também orientava para que não deixasse viva, em todo o Corassã, uma única pessoa de origem não-árabe.

Ao se apossar da mensagem, Marwan ordenou a prisão de Ibrahim, que, naquele momento, encontrava-se em Hamima. Ele mostrou a carta que tinha sido escrita por ele

---

<sup>1</sup> Yaqubi, Vol. 2, pág. 403.

<sup>2</sup> Masudi, Vol 3, pág. 69.



que, ao que parece, não teve como negar a autoria e, por isso, ele foi preso.<sup>3</sup>

Segundo alguns historiadores, Ibrahim foi morto logo após ter sido preso, mas, de acordo com outros, ele foi morto depois de já estar preso há algum tempo. No entanto, não há dúvida de que ele foi assassinado.

### **Imam Abul Abbas**

Logo após a prisão e morte de Ibrahim, seus dois irmãos, Abu Ja'far Abdullah bin 'Ali e Abul Abbas Abdullah bin 'Ali saíram de Hamima para Kufa, onde Abu Muslim também chegava, vindo do Corassã. Abul Abbas foi feito sucessor de Ibrahim e Abu Muslim prestou o juramento de fidelidade ao novo Imam.

Abu Muslim voltou para o Corassã e marcou uma data quando todos os abássidas do Corassã deveriam se levantar contra o governo omíada. Como um sinal de luto pelo falecido Imam Ibrahim, foi fixada a roupa preta como a marca dos abássidas. Na data marcada para o levante, pessoas de todas as partes do Corassã se reuniram em torno da bandeira de Abu Muslim. Eles eram mais de cem mil e todos traziam paus nas mãos. Nasar, que era o governador omíada do Corassã, ficou bastante nervoso ao prever a tempestade que se avizinhava. Ele pensou que se as tribos Yamni e Rabia também se unissem a Abu Muslim, então não haveria poder na terra capaz de detê-los e, por isso, escreveu uma carta e um poema em que ele convocava a todos para salvar os árabes dos habitantes do Corassã. Além disto, um líder árabe de nome Yahya bin Nayim bin Habira Shibani também tentava, uma vez mais, formar uma aliança contra os abássidas. Esses esforços não foram inúteis pois uma trégua de um ano foi posta em prática entre os muzris, yamnis e rabias, a fim de enfrentar o

---

<sup>3</sup> Ibn Asir, Vol 5, pág.136.

inimigo comum, Abu Muslim. Contudo, no campo de batalha, um aliado abássida, Sulaiman bin Kasir, instigou um filho de Kirmani, 'Ali, contra Nasar, que acabou perdendo esse aliado. Assim, a aliança árabe foi quebrada de novo.

Dessa forma, os muzris, de um lado, e os yamnis e os rabia, de outro, quiseram entrar em contato com Abu Muslim, separadamente, para estabelecer a paz. Abu Muslim, na verdade, considerava os muzris como o inimigo principal e, por isso, recusou-se a receber a missão deles e aceitou a paz oferecida pelos rabia e os yamnis. Abu Muslim ficou satisfeito e declarou que os árabes nunca mais se uniriam contra ele.

### **A Queda do Corassã**

Em primeiro lugar, Abu Muslim invadiu Merv e a ocupou. Nasar não conseguiu enfrentá-lo e escapou, no entanto seus companheiros e adeptos foram mortos por Abu Muslim. Até os filhos de Kirmani, 'Ali e Osman, não foram poupados. Embora estivessem entre os que apoiavam Abu Muslim contra Nazar e os muzris, os dois não foram poupados. Após capturar Merv, ele ordenou que os dois fossem mortos. Isto mostra que Abu Muslim era inimigo não só dos muzris mas, também, dos yamnis e rabias.

Depois de Merv, Abu Muslim conquistou todo o Corassã rapidamente. Portanto, a pedra fundamental do poder abássida foi lançada em Merv. Quando toda a Transoxânia ficou sob domínio de Abu Muslim, ele voltou-se para outras regiões e capturou o Iraque-e-Ajam, ou Pérsia, e em seguida, o Iraque

### **Criado o Califado Abássida**

Depois do assassinato de Imam Ibrahim, seus dois irmãos, Abul Abbas Abdullah bin 'Ali e Abu Ja'far Abdullah bin 'Ali, chegaram a Kufa e ficaram com o aliado abássida, Abu Salma Khalal. O califado abássida foi estabelecido

quando Kufa foi ocupada pelo exército de Abu Muslim. Isto se deu no mês de Rabi-ul Awwal, de 132 H (749 d. C.), quando Abul Abbas Abdullah bin 'Ali foi escolhido califa e recebeu o juramento de fidelidade. Ele proferiu seu primeiro sermão, como califa, na mesquita Jam-e, de Kufa. Ele foi o primeiro califa abássida.

### **Derrota e Morte de Marwan**

Naquele momento, Marwan encontrava-se às margens do rio Zhoo com um exército de cento e vinte mil soldados. Depois de se tornar califa, Abul Abbas enviou seu tio Abdullah bin 'Ali para combater Marwan e, no mês de Jamadi-us-Sani de 132 H, os dois exércitos se enfrentaram às margens do rio e houve combates violentos. Embora Marwan tivesse lutado com bravura, acabou sendo derrotado e fugiu para Musal. Abdullah o seguiu e ele foi para a Síria. De lá, como não conseguisse refúgio, ele partiu para o Egito. Enquanto isso, Abdullah bin 'Ali ocupava a Palestina. Finalmente, em Damasco, Muawiya bin Walid tentou resistir mas não conseguiu e Abdullah bin 'Ali capturou a capital omíada também. Depois de Damasco, ele avançou em direção ao Egito, para onde Marwan tinha corrido em busca de refúgio. Mas, depois de algum tempo, Abdullah retornou e enviou seu irmão Saleh e Abu On para seguirem Marwan.

Até então, Marwan já tinha atravessado as fronteiras do Egito e estacionara numa localidade de nome Busir. Lá, ele foi cercado por Saleh e Abu On. Marwan foi deixado com um pequeno grupo mas, mesmo assim, enfrentou os dois, sendo derrotado e morto.

Contudo, segundo Dinori, ele não teria morrido durante os combates. Depois da derrota, ele teria cruzado o Nilo e se dirigido para o lado ocidental. Nesse meio tempo, um dos homens de Abu On teria conseguido botar as mãos nele e matá-lo. Este fato ocorreu no mês de Zil Hijja, de 132 H (749 d.C.).

Com a derrota e morte de Marwan II, o poder e o califado dos omíadas pereceu para sempre.

Quando morreu, Marwan II estava com a idade de sessenta e dois anos e governou por cinco anos e dez meses. Durante o seu califado não houve eventos digno de nota, exceto a queda dos omíadas.

### **Mensagem dos Omíadas**

Depois de Marwan ter sido morto e o poder dos omíadas ter sido abolido, os abássidas permitiram que um reinado de terror contra os omíadas se abatesse sobre Damasco e nenhum omíada foi deixado com vida. Noventa homens da dinastia foram capturados vivos e também apanharam impiedosamente com paus e pedras e quando já estavam meio mortos, foram espalhados tapetes sobre seus corpos e os conquistadores se sentaram em cima para se alimentarem. Enquanto eles comiam sobre os tapetes, podia ouvir-se a agonia da morte daquelas miseráveis pessoas.

Nem mesmo os califas omíadas que já tinham morrido há bastante tempo foram poupados. Seus corpos foram desenterrados das sepulturas e foram jogados de um lado para o outro. O corpo de Hisham bin Abdul Malik foi encontrado intacto e primeiro foi pendurado e depois queimado. Apenas as crianças pequenas, as mulheres e os homens que puderam fugir para a Espanha conseguiram se salvar. Entre os afortunados que conseguiram fugir e chegar à Espanha, estava Abdur Rahman Ad-dahil, que viria estabelecer um governo omíada na Andaluzia.

## CAPÍTULO XII

### CAUSAS DA QUEDA DA DINASTIA OMÍADA

Os omíadas governaram o mundo islâmico por certa de um século (noventa e dois anos). Durante esse período, o poder permaneceu na família de Amir Muawiya por cerca de vinte e quatro anos, e na família de Marwan por cerca de sessenta e oito anos. Aparentemente, o governo da dinastia omíada foi muito forte e poderoso, mas, na verdade, as causas de sua decadência já estavam presentes em seu poder, desde quando assumiram o califado. A seguir, examinaremos algumas das principais causas que levaram à queda do poderio omíada:

- 1) A causa básica foi a mudança do sistema de sucessão do califado islâmico para uma monarquia hierarquizada. Desta forma, todos os males do imperialismo foram se infiltrando sorrateiramente e o poder omíada tornou-se praticamente um poder imperialista. Embora os governantes ainda fossem chamados de “califa” e de *Amirul Mu`minin*, na verdade eram imperadores de fato. Eles tinham a noção errada de que se transformando em imperadores, seriam capazes de prolongar seu poder e autoridade, mas esqueceram-se de que o Islam tinha vindo exatamente para abolir o imperialismo. Desta forma, sem o saberem, eles tinham convidado o inimigo que chegou aos poucos e, finalmente, mostrou ao que tinha vindo.
- 2) Amir Muawiya, fundador da dinastia governante, era um político muito hábil e um bom administrador mas, não obstante isso, não era dotado das qualidades superiores dos quatro primeiros califas, daí ter uma inclinação para mudar o caráter do califado islâmico e transformá-lo segundo sua própria vontade. Quando

ele quis indicar seu filho Yazid como seu sucessor, alguns companheiros do Profeta (s.a.w.) se opuseram e disseram que aquele era o método do romano César e do persa Chosroes e não do Profeta (s.a.w.), e que ele não deveria fazer aquilo. Porém, Amir Muawiya não deu ouvidos ao conselho dos companheiros. No entanto, ele próprio sendo um companheiro do Profeta (s.a.w.), manteve-se dentro dos limites da *shariah*, o que não aconteceu com seus sucessores, que não tiveram essa preocupação, principalmente Yazid, seu filho e sucessor imediato, que governou completamente apartado dos princípios islâmicos. Ele foi o responsável pela tragédia de Kerbala e pelo trágico martírio de Imam Husain, juntamente com seus setenta e dois companheiros. Yazid era cruel e esperto mas não conseguiu prever os fortes impactos da tragédia de Kerbala. Na verdade, foi esta tragédia que plantou a semente da aniquilação dos omíadas.

- 3) Foi durante o período dos omíadas que a Caaba, em Meca, e a mesquita do Profeta, em Medina, foram desrespeitadas mais de uma vez. Os *minjeniques* (aríetes) atiraram pedras sobre a Caaba e cavalos foram mantidos dentro da mesquita do Profeta, em Medina. Os governantes omíadas cometeram esses atos por conta própria e não perceberam como os muçulmanos ficaram profundamente ofendidos e quais poderiam ser as conseqüências. Não há como negar o fato de que, por causa de tais violências, os omíadas perderam a simpatia dos muçulmanos em geral.
- 4) Alguns dos governadores e funcionários omíadas, como Ubaidullah bin Ziyad, Hajjaj bin Yusuf, e outros, foram tão tirânicos e impiedosos a ponto de considerarem a vida humana menos valiosa do que a dos animais. Eles não hesitavam em tirar vidas por motivos fúteis e muitas pessoas perderam a vida por nada. Esses governadores e autoridades tiranos foram amaldiçoados pelo público em geral, porém

amados e respeitados pelos governantes. Os califas consideravam os governadores implacáveis como pilares de seu poder mas, na verdade, o que eles fizeram foi cavar a sepultura para o governo omíada pela espada da tirania e opressão.

- 5) Em um século inteiro de governo omíada, só encontramos uma única pessoa – Omar bin Abdul Aziz – que se manteve dentro dos verdadeiros princípios do califado islâmico, como os quatro Califas Justos. Mas, por quanto tempo? Ele viveu como califa não mais do que dois anos e três meses. As pessoas interessadas em afastá-lo lhe deram veneno para beber e quando morreu todas as grandes reformas que ele tinha feito durante seu curto período de dois anos foram abolidas. Ainda que este ato nefasto pudesse ser considerado pelos omíadas um bom serviço para a dinastia, no entanto, foi a partir daí que o último prego foi colocado no caixão do governo omíada.
- 6) Em lugar de estabelecer a unidade e a fraternidade islâmica entre os diferentes segmentos muçulmanos, os governantes omíadas criaram, ou ajudaram a criar, a desunião, a desorganização e a insatisfação entre eles. Os omíadas se consideravam superiores a todos os outros e usufruíam privilégios e favores do estado, enquanto os outros, principalmente os hashemitas, eram menosprezados e desacreditados. Como reação à vitimização dos descendentes de 'Ali (r.a.a.), surgiu uma nova facção, sob o nome de *shi-a-ane-'Ali*, o partido de 'Ali, que acabou por dividir a *Ummah* para sempre em duas facções conflitantes, os xiitas e os sunitas. O ódio tribal e a hostilidade entre os árabes, que tinham sido erradicados com o advento do Islam, surgiram mais uma vez. A inimizade entre muzris e yamnīs espalhou-se e esta inimizade foi explorada pelos califas em benefício próprio. Havia diferenças e preconceitos entre árabes e não-árabes (*ajamis*) que também eram uma criação dos governantes omíadas, que odiavam e sabotavam os não-árabes. Os não-

árabes tinham se convertido ao Islam em grande número, porém os governantes, mesmo assim, extorquiam a *jizya* deles, embora isto fosse contrário aos princípios islâmicos. Omar bin Abdul Aziz aboliu esta prática não-islâmica durante seu reinado, porém, depois dele, ela foi retomada mais uma vez. Dessa forma, a divulgação do Islam ficou prejudicada e os novos muçulmanos ficaram bastante descontentes também. Os *mawalis*, ou escravos recém-convertidos, também eram maltratados social e politicamente. Eles eram considerados como cachorros, pobres e desamparados, representando a mais baixa camada social. Por causa desses métodos antiislâmicos os sábios e intelectuais da época também passaram a se opor ao regime omíada e participaram de movimentos de oposição aos omíadas.

- 7) Por fim, a prática suicida adotada pelos califas omíadas da indicação de sucessores e, na maior parte dos casos, mais de um sucessor. O primeiro a inaugurar esse procedimento não-islâmico foi Amir Muawiya, que nomeou seu filho Yazid como seu sucessor e, como vimos, foi uma prática destrutiva de graves conseqüências para a *Ummah*. Mais tarde, todos os califas seguiram a prática. Marwan foi mais longe, quando introduziu a prática de nomear mais de um sucessor, abrindo caminho para as intrigas palacianas. Por diversas vezes, nobres e adeptos dos sucessores nomeados participavam de conspirações dando início a guerras civis. Desta forma, depois da morte de um califa quase sempre seu sucessor tinha que cruzar um rio de sangue para ascender ao trono. Essas freqüentes guerras civis acabaram por enfraquecer inexoravelmente a dinastia.



## CAPÍTULO XIII

### UMA REVISÃO DO PERÍODO OMÍADA

Apesar de tudo o que foi comentado nas páginas anteriores, não seria justo manter a visão de que o governo omíada tenha sido só de erros e faltas e que fosse destituído de qualidades e realizações dignas de louvor. As faltas e os erros encontrados nos governantes omíadas foram, na verdade, os males do imperialismo que predominavam naquela época em todo o mundo. Como os governantes omíadas fossem muçulmanos, esperava-se deles que suas ações fossem pautadas de acordo com os princípios islâmicos. Sob certo aspecto, suas vidas e atos pessoais foram assim, mas, nas questões de estado e na vida política eles se desviaram da doutrina e dos cânones do Islam. Este foi o maior defeito deles. No entanto, por outro lado, eles eram bons muçulmanos como qualquer outro, pois abrigavam em seus corações o respeito pela religião e observavam sua santidade, mas nas atividades políticas eram como os outros reis e governantes de seu tempo. Para sermos mais precisos, pode-se dizer que eles transformaram o estado islâmico em um estado secular, o que não se justifica do ponto de vista islâmico, mas eles fizeram o que predominava no mundo naquela época.

Os muçulmanos, seguindo as instruções e orientação do Islam, estabeleceram o sistema de Califado que, em sua forma exemplar, foi vivido e experimentado durante o período do Califado Justo. Porém, depois dos quatro Califas Justos, este sistema deixou de existir não porque fosse impraticável ou imperfeito e sim porque, naquela época, as pessoas ainda não tinham condições de compreender e digerir a forma democrática de vida. Por esta razão, Amir Muawiya foi bem sucedido em substituir o sistema democrático islâmico de califado pelo sistema monárquico. Contudo, havia um grupo de sábios e estudiosos que não

concordava com este afastamento dos princípios islâmicos e que protestou e se opôs com unhas e dentes, e muitos deles chegaram a ponto de sacrificar suas vidas. A lista dessas pessoas é muito extensa e Imam Husain é o primeiro e mais ilustre de todos.

Os sábios e estudiosos jamais aceitaram as decisões desencaminhadoras tomadas pelas pessoas no poder. Quando, por exemplo, Abdul Malik quis declarar seus dois filhos como seus legítimos sucessores, Syid bin Musaiyeb, um famoso sábio da época se opôs e, por este motivo, sofreu uma severa punição que incluiu chibatadas. Da mesma forma, quando Hajjaj cobrou a *jizya* dos novos muçulmanos de Basra e Kufa, o Ulama foi um ferrenho opositor. Quando Abdur Rahman bin Ash'as se revoltou contra os planos opressivos de Hajjaj e desfraldou as bandeiras do Alcorão e da *Sunnah*, centenas de Ulamas ficaram do seu lado e lhe deram suporte prático. Da mesma forma, quando Zaid bin 'Ali se colocou contra o governo opressivo de Hisham e quis destituí-lo, o grande Imam Abu Hanifa (r.a.a.), deu seu apoio a ele.

Dos exemplos acima, e de vários outros que a história registra, fica claro que, embora os governantes se desviassem do sistema islâmico na condução política do califado, os Ulamas e sábios foram rigorosos no acatamento dos princípios islâmicos e jamais deixaram de se opor aos governantes sempre que a situação assim o exigisse.

### **Administração do Estado**

As fronteiras do califado islâmico durante o período omíada, estendeu-se por toda a parte. Até então, nenhum outro estado de tão grande extensão tinha sido estabelecido, nem mesmo os impérios romano e persa, quando estavam no auge de seu poder e força.

Como no período dos Califas Justos, durante a dinastia omíada o califado também foi dividido em várias

províncias., A sede central do governo estava em Damasco, na Síria. O centro indicava o governador para cada província, que era chamado de “*Aamil*”. Porém, os *aamils* da província oriental de Kufa e da província ocidental do Egito detinham mais poder e autoridade e, por isso, sua posição não era só a de governador e sim de governador-geral. As províncias da Pérsia, Afeganistão, Turquestão e Sind estavam submetidas à província maior de Kufa e o governador-geral de Kufa administrava aquelas províncias por intermédio de governadores indicados por ele. Da mesma forma, as províncias ocidentais, inclusive a África do Norte e Andaluzia, eram administradas pelo governador-geral do Egito, através dos governadores indicados por ele. Durante algum tempo, as províncias ocidentais ficaram submetidas à administração do *Wali* do noroeste da África, cujo quartel-general ficava em Cairuã.

Todos os departamentos administrativos criados pelos Califas Justos foram mantidos sem alteração mas foram realizados alguns melhoramentos e criados novos departamentos ou postos. Eram quatro, os principais departamentos, a seguir discriminados:

- 1) *Qaza* – era o departamento relacionado com as questões da Justiça. O chefe era um *Qazi* (juiz).
- 2) *Kitabat* – a divulgação das ordens e comandos dos califas e a redação de correspondência estavam subordinadas a esse departamento. Os selos oficiais também estavam sob sua custódia. O chefe do departamento era chamado de “*katib*”. Ele, na verdade, exercia a função de Secretário Chefe e seu departamento era uma espécie das atuais Secretarias.
- 3) *Hajib* – foi um novo posto criado por Amir Muawiya. Enquanto o *katib* era responsável pela correspondência entre o califa e os funcionários, o *hajib* era a pessoa encarregada de promover os contatos pessoais entre o califa e as pessoas interessadas. Ninguém se aproximava ou se

encontrava com o califa sem a permissão do *hajib*. Esta providência real separou o povo do califa e as pessoas não tinham mais contato com ele, como era comum na época dos Califas Justos.

- 4) *Barid* – era o departamento de Correio. Embora tivesse sido criado por Omar (r.a.a.), o segundo Califa Justo, naquela época ele se destinava principalmente a atender o exército. Quando Amir Muawiya tornou-se califa ele reformulou o departamento e ampliou suas funções para atendimento do público em geral. O chefe do departamento era chamado de *Sahibul-Barid*, ou Ministro das Comunicações.

## **Poder Militar**

Os muçulmanos tinham se transformado em um dos maiores poderes militares do mundo. Os exércitos muçulmanos já não mais se ressentiam da falta de soldados, e nos combates eles chegavam aos milhares, de acordo com as necessidades. Estava longe o tempo em que os muçulmanos não tinham armas ou equipamentos suficientes para suas campanhas, mas esta situação modificou-se completamente durante o califado omíada. Os exércitos passaram a ser bem equipados, disciplinados e não havia escassez de nada que estivesse disponível naquela época em termos de armas e material bélico modernos.

A Marinha Islâmica foi criada durante o califado de Osman (r.a.a.), o terceiro Califa Justo, graças à iniciativa de Amir Muawiya. No período dos omíadas, ela cresceu bastante e se desenvolveu, com a criação de *darus-sana-ah*, ou estaleiros, na Síria, Egito e Tunísia, onde foram construídos navios de guerra em grande escala. Foi por essa época que os muçulmanos se transformaram no maior poder naval da região do Mediterrâneo. As ilhas de Chipre, Rodes e outras, foram conquistadas com o auxílio dessas forças navais e Sicília, Sidônia, Grécia, etc., foram invadidas também. Durante o reinado de Sulaiman, quando os muçulmanos atacaram Constantinopla, eles possuíam mil e

oitocentos navios de guerra com eles. Antes disso, não havia registro de uma invasão com navios de guerra em tão grande número.

## **Civilização**

O período omíada foi o período da prosperidade econômica. A agricultura, as indústrias, as artes e os artistas progrediram bastante e trouxeram prosperidade às pessoas, com conseqüências positivas para a civilização. O progresso civilizatório se manifestava em cada aspecto da vida. Se as edificações forem consideradas como manifestações da prosperidade e riqueza de uma nação, então os prédios construídos durante o período omíada refletem vivamente o progresso e prosperidade daquela época.

Damasco, o centro do poder omíada, era uma das mais antigas cidades do mundo. Estava situada na Síria que, por si só, era famosa por suas belezas naturais bem como por sua civilização. Portanto, Damasco, que já era o centro das belezas naturais e da cultura e civilização humanas, progrediu muito mais durante o reinado omíada. Ela se transformou em uma das quatro mais belas cidades do mundo islâmico. Os palácios e os altos prédios trouxeram esplendor à cidade. O sistema de suprimento de água da cidade era único. A água era fornecida a todas as casas através de canais. Havia também fontes em cada casa grande. Além das residências palacianas, foram construídas várias mesquitas, que eram utilizadas para orações, mas, em cada uma delas, havia também uma *madrassa* (escola) para divulgar a educação para crianças e adultos. Na construção dos prédios, foram contratados arquitetos romanos, sírios, persas e indianos, que trabalhavam em conjunto e que acabaram criando um novo estilo de arquitetura.

Amir Muawiya tinha uma preocupação constante de que os muçulmanos não fossem considerados pelos outros como um povo “inculto” ou “incivilizado” e, por isso,

esforçou-se ao máximo para desenvolver a civilização e a cultura no estado islâmico. Uma das formas romanas de civilização adotada por Amir, foi a arquitetura. A construção de prédios palacianos foi iniciada nos primeiros dias do califado omíada. Na construção dos prédios foram usadas pedras em lugar de terra, e, mais tarde, mármore e mosaicos também foram utilizados.

Em relação a isto, o reinado de Walid é considerado o período de ouro da dinastia omíada. Foi durante seu período que vários prédios magníficos e grandiosos foram construídos. Conta-se que na época dele, quando as pessoas se encontravam nas ruas ou em ocasiões formais, falavam basicamente de prédios e construções. Em Damasco, os membros da família real, aristocratas e os ricos construíram várias edificações. A mesquita do Profeta, em Medina, foi levada ao esplendor, assim como a mesquita Jam-e, de Damasco se tornou uma das maiores mesquitas do mundo muçulmano. Na construção desta mesquita, foi utilizado mármore e para iluminar o seu interior foram providenciadas seiscentas lanternas, que desciam do teto com a ajuda de correntes confeccionadas em ouro e prata. Omar bin Abdul Aziz, levando em conta o mau uso do ouro e da prata, quis remover as correntes e depositá-las em *Baitul Maal* (Tesouro). Porém, nesse meio tempo, um enviado do imperador romano chegou a Damasco e, ao ver a mesquita, observou:

“Nós tínhamos a impressão de que a grandeza dos muçulmanos seria apenas por pouco tempo mas, ao ver este prédio, chego à conclusão de que esta é uma nação que sobreviverá.”

Ao tomar conhecimento da observação do enviado romano, Omar bin Abdul Aziz mudou de idéia e não pensou mais em remover as correntes.

Grandes mesquitas também foram construídas em outras cidades. A mesquita Jam-e, de Basra, e sua *Darul*

*Imarah* (Palácio do Governo) gozavam de grande fama por causa de sua grandiosidade e beleza.

Pela primeira vez foram erigidos pilares de mármore na mesquita Jam-e, de Basra. A mesquita também recebeu um minarete que, provavelmente, foi o primeiro a ser construído em uma mesquita. A mesquita Jam-e de Kufa foi planejada e preparada por arquitetos persas. A mesquita era tão extensa e espaçosa que sessenta mil homens podiam, de uma vez, fazer suas orações. A mesquita Jam-e, de Fostat, no Egito, também foi ampliada e recebeu quatro minaretes.

Uma das obras-primas da arquitetura omíada foi a "Cúpula do Rochedo", construída durante o reinado de Abdul Malik, em Jerusalém, no lugar onde o Profeta (s.a.w.) ascendeu aos céus na noite do *Mi'raj* (ascensão). Esta cúpula existe ainda hoje. Embora as cidades de Kufa, Basra e Fostat já fossem habitadas durante o Califado Justo, elas progrediram bastante durante o período omíada e se transformaram em grandes cidades do então mundo islâmico. Kufa se estendia por uma área verde de dezesseis milhas quadradas e havia uma rede de canais em torno da cidade. Segundo uma classificação da época, havia oitenta mil casas em Kufa.

Além dessas cidades, havia também Isfahan, Ray, Shiraz e Nishapur, na Pérsia, Ramla, na Palestina, Alexandria, no Egito, Cairuã, no norte da África, e Mansrua e Mahfuza, no Sind, que eram consideradas grandes cidades do mundo islâmico. Todas elas eram centros de arte e literatura, cultura e civilização, comércio e indústria.

## **Vida Cultural e Social**

A sociedade muçulmana já não era mais uma sociedade rural. Com o florescimento das indústrias, tais como estaleiros, armamentos, tecelagem, cerâmica, etc., e com o surgimento das cidades e vilas, essa sociedade se

transformou em uma sociedade eminentemente urbana. Essa mudança trouxe prosperidade à comunidade e as pessoas passaram a usufruir uma vida com mais conforto e luxos. Os dias de simplicidade predominantes na época do Profeta (s.a.w.) e dos quatro primeiros califas tinham passado e agora as pessoas eram mais cerimoniosas e formais. Aysha Siddiqa (r.aa.), que tinha testemunhado o início do Islam e vivido durante anos sob o período omíada, certa vez revelou que ela possuía um manto suntuoso para cobrir seu corpo. Em Medina, por ocasião dos casamentos, as mulheres muitas vezes pegavam emprestado o manto para cobrir a noiva. “Mas isto foi na época em que a vida era simples”, disse ela. “Agora, minha escrava também não gostaria de cobrir seu corpo com aquele manto.”

No período omíada, vestir-se bem estava na ordem do dia e até mesmo os grandes ulamas e sábios que gostavam da simplicidade usavam vestimentas finas. Imam Zainul Abedin, Imam Ja'far Sadiq, Imam Hasan Bosri, Imam Abu Hanifa e Imam Malik, todos eram famosos pelas roupas finas e bem talhadas que usavam. Certa vez, quando um homem questionou Imam Malik sobre o por que de ele usar roupas tão finas, ele respondeu: “Esta é a moda dos ulamas atualmente.”

Durante o califado omíada um grande número de pessoas de fora da Arábia aceitou o Islam,mas não conseguiu se desfazer dos antigos costumes, hábitos e modos de vida. Muitos deles nem mesmo sabiam quais de seus hábitos eram intoleráveis do ponto de vista islâmico. Daí, ser um dever do governo ensinar àquelas pessoas o que era certo e o que era errado. Era necessário uma educação maciça da doutrina e dos princípios islâmicos. No entanto, a administração não deu muita atenção a essa necessidade e, com exceção de Omar bin Abdul Aziz, jamais nenhum outro califa omíada cuidou desse aspecto, antes pelo contrário, foi adotada uma política de indiferença em relação a esta questão. Apenas alguns ulamas, por iniciativa própria, realizavam essa tarefa como podiam, dentro de



suas capacidades, sem qualquer auxílio governamental. Mas este não era um caso de esforço individual, exigia esforços em massa constantes, na ausência dos quais muitos dos novos muçulmanos, apesar de sinceros muçulmanos, não foram instruídos a abandonar os antigos males de suas sociedades e religião. Como resultado, muitas inovações foram sendo introduzidas no corpo da sociedade muçulmana e esta é uma das razões para encontrarmos tantas práticas não-islâmicas incorporadas à sociedade e cultura predominantes no período omíada.

Sob a influência de romanos e persas, hábitos e costumes até então desconhecidos foram apresentados à corte omíada, grandes haréns tornaram-se realidade, juntamente com a presença de eunucos, ou escravos castrados, e escravas. Governadores, aristocratas e os ricos também passaram a incorporar os hábitos dos califas, e, como conseqüência da criação dos *seraglios*, ou haréns, vieram o vinho, a música e a dança e, pela primeira vez na história do Islam, essas coisas foram identificadas como elementos de cultura. As paredes dos palácios eram adornadas com pinturas e cenas do cotidiano da corte. Embora esses males ficassem restritos à classe alta e as pessoas comuns não se entregassem a elas, seus efeitos sobre a sociedade não puderam ser evitados. Pelo menos, pode-se admitir que, por causa desses males, as artes e a cultura experimentaram algumas dificuldades com o crescimento das verdadeiras linhas islâmicas. Alguns dos califas apoiavam e protegiam a música e ela tornou-se habitual. Conta-se que o homem que primeiro introduziu a música no mundo islâmico foi um eunuco, cujo nome era Taoos. Depois disso, a corte transformou-se em um centro para os músicos, que, de um modo geral, eram não-árabes. Instrumentos musicais também foram trazidos pelos não-árabes. No começo, o objetivo da dança e da música era apenas para recreação e entretenimento, mas, aos poucos, tornou-se fonte de perversão sexual e de atos imorais. No entanto, apesar de tudo isso, ainda não havia bordéis na sociedade muçulmana.

A hipocrisia disseminou-se de tal forma a ponto de Imam Hasan Bosri (r.a.), por diversas vezes, comentar:

“O brilhantismo de Basra se dá por causa dos hipócritas. Se eles abandonarem esta cidade, então virá o tédio para as pessoas que vivem aqui.”

É claro que o Imam dizia isto ironicamente, mas é evidente que, sob o disfarce da cultura, tais vícios foram sendo introduzidos sorrateiramente na sociedade muçulmana. Portanto, podemos perceber que a causa principal da queda da *Ummah* muçulmana foi, em primeiro lugar, a monarquia e, depois, a chamada cultura que não tinha qualquer relação com o Islam.

As mulheres muçulmanas observavam o *pardah*, mas elas também saíam de casa sem cobrir o rosto, para realizar tarefas urgentes, para participarem de reuniões sociais e, muitas vezes, para pequenos passeios. No entanto, nas reuniões sociais ou literárias, elas tinham aposentos providenciados especialmente para elas.

Havia senhoras de grande saber, habilidades e qualidades superiores na sociedade muçulmana. *Ummul Mu`minin* Aysha Siddiqa (r.a.a.) foi uma delas. Ela nasceu ainda nos primórdios do Islam e, sendo a esposa do Profeta (s.a.w.), era uma mulher de grandes conhecimentos. Ela foi testemunha viva dos califados dos quatro Califas Justos, assim como do reinado de Amir Muawiya. Ela morreu em 57 H, com a idade de sessenta e seis anos.

Além disso, havia também algumas mulheres piedosas, como Rabia Bosria, Sakina, a filha de Imam Husain (r.a.a.), e outras.

Havia também senhoras, como Aysha bint-e-Talha, Aateka bint-e-Muawiya, Umme-Nabyin bint-e-Abdul Aziz e outras que tinham um gosto refinado pela literatura e poesia

e conquistaram grande fama por seu conhecimento e amor à arte e poesia durante o califado omíada.

### **Saber, Arte e Literatura**

O Islam tornou obrigatório para todo muçulmano – homem e mulher, igualmente – o aprendizado e a aquisição de conhecimento, por isso os muçulmanos, desde os primeiros dias do Islam, dedicaram-se à busca do saber. Como resultado, o conhecimento, a arte e literatura floresceram grandemente, não só durante o período dos Califas Justos mas, também, durante o califado omíada e posteriormente. Embora os governantes omíadas não dessem muita atenção à divulgação do conhecimento como deveriam, no entanto, por causa do incentivo e persuasão do Alcorão e da *Sunnah*, os muçulmanos desejavam ardentemente alcançar o conhecimento e os ulama os ajudavam muito a esse respeito. As principais fontes de saber no início do califado omíada eram os companheiros do Profeta (s.a.w.) que ainda estavam vivos e, depois deles, a responsabilidade de divulgar o saber na *Ummah* foi assumida pelos seguidores, ou discípulos, dos companheiros do Profeta, que eram chamados de *Tabeyin*. Pode-se avaliar a extensão do movimento e das atividades educacionais pelo número daqueles companheiros do Profeta (s.a.w.) que transmitiram o conhecimento das Tradições do Profeta, que era de cerca de dez mil. Por sua vez, cada companheiro tinha centenas de discípulos, como Abu Hurairah, por exemplo, que tinha oitocentos alunos. Segundo o famoso livro de biografia *Tabaqat-e-Ibn e-Sa'd*, o número de *tabeyin*, em algumas cidades apenas, era de mil cento e noventa e dois, dos quais quatrocentos e oitenta e quatro estavam em Medina, cento e trinta e dois em Meca, quatrocentas e treze em Kufa, e cento e sessenta e quatro em Basra.

No tocante à expansão do saber, o período omíada é dividido em dois grupos. No primeiro estavam os companheiros do Profeta (s.a.w.), que realizaram o dever de

divulgar o conhecimento e, no segundo grupo, os *tabeyin*, ou os discípulos dos companheiros.

1) Quando o governo omíada começou, vários companheiros do Profeta (s.a.w.) ainda estavam vivos e todos eles divulgaram o conhecimento na *Ummah*, porém os que se comprometeram integralmente com a tarefa foram Abdullah bin Omar, Abdullah bin Abbas, *Ummul Mu`minin* Aysha Siddiqa, Zaid bin Sabit, Anas bin Malik, Abu Hurairah, Imran bin Hasin, Abdullah bin Amr bin Aas, Abu Sayid Khadri, Abu Musa Ash'ari, Jabir bin Abdullah, Sa'ad bin Abi Waqas. Eles trouxeram para a *Ummah* principalmente o conhecimento do *tafsir*, das Tradições, do *Qira'at*, da história, etc.

2) A lista do segundo grupo é muito longa, no entanto, alguns deles que alcançaram reputação foram:

Imam Zinul Abedin, Sayid bin Musayyeb, Urwah bin Zubair, Hasan Bosri, Mujahid bin Jabir, Sha'bi, Imam Zuhri, Qatada, Mak-bul, Yazid bin Habib, Imam Baqir, Imam Ja'far Sadiq, Qazi Shuraih, Muhammad bin 'Ali, Abdul Aziz bin Marwan, Abu Bakr bin Abdur Rahman, Alqama bin Qais, Salman bin Yaser, Akrama, Nafay, Ata bin Rabah, Umme-Darda (viúva de Abu Darda), Muhammad bin Sirin, Rabi-atur Rayi, Abu Ishaq, Ubaidullah bin Abdullah, Ibrahim Nakhayi, Abu Muslim Khawalavi, Masruq, Ubaid bin Umair, Abu Umar Nakhayi, Abdur Rahman bin Ghanam, Ubaidah bin Umar, Kasira bin Marah, Aslam Abu Zaid, Abu Idris Khawalvi, Abu Maryam Asadi, Abu Salma bin Abdur Rahman, Qasim bin Muhammad bin Abu Bakr, Abu Muslim Kufi, e outros.

Quanto aos ramos do conhecimento que os muçulmanos daquela época deram preferência foram: *tafsir* (comentário e explicação do Alcorão), *Qira'at* (a arte da recitação do Alcorão), *ahadith* (as Tradições e Sunnah do Profeta), *Fiqh* (Jurisprudência) e *Tasawwuf* (sufismo).

Embora o Alcorão seja auto-explicativo, o Profeta (s.a.w.) teve o cuidado de esclarecer seus versículos de forma a, no futuro, não haver dificuldade de compreensão do Livro Sagrado. No entanto, depois da morte dele (s.a.w.), o *tafsir* cresceu como um ramo do conhecimento, com base nas explicações e comentários feitos pelo Profeta. Muitos *tafsirs* foram preparados e escritos durante o califado omíada, o que ajudou a tornar mais explícitos os versículos alcorânicos. Alguns dos grandes *Mufassirs* (que prepararam ou escreveram *tafsirs*) foram Abdullah bin Abbas, Akrama, Qatadah bin Da'aama, Mujahid bin Jabir, Sayid bin Jaber, Hasan Bosri, Imam Baqir e Abu Hamza (um discípulo de 'Ali, o quarto Califa).

O *qira'at*, ou recitação do Alcorão, também se transformou em arte. Existem palavras na língua árabe que são pronunciadas de formas diferentes entre as diversas tribos da Arábia, sem provocar diferença em seu significado. Essas palavras, quando usadas no Alcorão, também eram pronunciadas, como de costume, de diferentes maneiras. Assim, embora não alterassem o sentido do texto, foram inventadas sete formas de recitação pelos sete *Qaris* da tribo omíada. Eram: o *qira'at* de 1) Abu Abdur Rahman Nafay, de Medina (morto em 169 H); 2) Abu Ma'bad Abdullah, de Meca (morto em 120 H); 3) Abu Amr bin Al-ala, de Basra (morto em 154 H); 4) Abu Imran Abdullah, de Damasco (morto em 118 H); 5) Abu Bakr Asim, de Kufa (morto em 127 H); 6) Abu Ammarah Hamza, de Kufa (morto em 157 H); e 7) Abul Hasan Ali, de Kufa (morto em 189 H).

Os *ahadith*, ou Tradições do Profeta (s.a.w.), estimularam a maior parte dos outros ramos. Durante o período omíada, surgiu, entre as pessoas, um grande apreço pelos *ahadith*. Os muçulmanos tratavam dos atos e ditos do Profeta (s.a.w.) com grande respeito e amor. Eles percorriam grandes distâncias para conhecerem ou investigarem alguma coisa referente aos ditos ou atos do Profeta. Houve também um grande cuidado em relação à coleção de *ahadith*. Não se aceitavam tradições ou declarações como

*ahadith* ou *sunnah* do Profeta (s.a.w.) se houvesse um mínimo de dúvida, por menor que fosse, quanto à confiabilidade do narrador. O próprio narrador não falava a ninguém sobre um *hadith* enquanto ele não averiguasse e confirmasse ser verdadeiro. E aquele que soubesse de um *hadith* também se esforçava para confirmar sua veracidade, após o que era incluído como tradição na coleção de *ahadith*.

Coletar e divulgar as Tradições do Profeta (s.a.w.) era uma obrigação religiosa e os companheiros dele (s.a.w.) e seus discípulos se esforçaram ao máximo para cumprir a tarefa. Havia alguns *Muhaddesin* (coletores e estudiosos das Tradições do Profeta) que não apenas coletavam mas, também, as compilavam sob a forma de livro, como, por exemplo, Khalid bin Ma'dan e Ata bin Rabah, que tinham uma coleção de Tradições, cada um. O neto de Abdullah bin Masudi também tinha a sua coleção de Tradições e, da mesma forma, Samra bin Jandab tinha uma e Wahb bin Manba também possuía algumas coleções sob a forma de livretos. Imam Zuhri, a pedido do califa Hisham bin Abdul Malik, tinha compilado um livro com quatrocentas tradições. Omar bin Abdul Aziz teve uma grande iniciativa em relação à coleção e compilação das tradições do Profeta. Sob os auspícios dele, os *Muhaddesin* (estudiosos das Tradições do Profeta) colecionaram inúmeros *ahadith* e suas cópias foram despachadas para as mais distantes localidades do mundo islâmico.

De um modo geral, naquele tempo um sábio era especialista em mais de um ramo do saber. Por exemplo, um especialista em *tafsir* também podia ser em *ahadith* e *fiqh*. No entanto, aqueles que tendiam mais para o *fiqh* (jurisprudência) do que para os *ahadith*, eram conhecidos como *Faqih*, ou jurista. Entre esses estudiosos, estavam Ubaidullah bin Abdullah bin Masud, Urwah bin Zubair bin Awam, Wasim bin Muhammad bin Abi Bakr, Sayid bin Musieb, Sulaiman bin Yaser, Abu Bakr bin Abdur Rahman e Khareja bin Zaid. Eles tinham uma inclinação maior para a

jurisprudência do que para as Tradições e ficaram conhecidos como *Fuqaha-e-Sabaa*, ou os sete juristas. Eles foram os sábios que compilaram a legislação islâmica, com base no Alcorão e na *Sunnah*, e essas leis foram publicadas durante o período omíada por causa deles. Além desses, também havia Rabia bin Farokh Rayi, Ibrahim Nakhayi, Imam Shabi, Imam Ja'far Sadiq, Abdur Rahman bin Abi Salma e Qazi Shuraib, que foram grandes juristas nessa época e prestaram grandes serviços à jurisprudência islâmica.

Ainda naquele tempo, o *tasawwuf* (sufismo) também atingiu uma posição de ramo do conhecimento. Segundo alguns pesquisadores, o sufismo teria começado com o Profeta (s.a.w.) vivo, quando os *ashab-e-Suffa* adotaram um estilo de vida de “Confiança em Allah” no tocante às necessidades da vida material. ‘Ali (r.a.a.) também adotou este tipo de vida e por isso Suffa o considerava seu líder nesta vida. Durante o período omíada houve algumas pessoas que adotaram como forma de vida o sufismo. Hasan Bosri e Rabia Bosri são os sufis mais conhecidos daquele período.

Todos esses ramos do saber cresceram e se expandiram graças ao trabalho dos ulamas e de alguns setores da sociedade. Com algumas pouquíssimas exceções (como Omar bin Abdul Aziz), eram ensinamentos que não contavam com o apoio da classe dominante. Foi unicamente mérito dos ulamas fazer com que a população permanecesse mais próxima dos ensinamentos islâmicos. Diferentemente dos governantes, os ulamas não faziam distinção entre os novos e antigos muçulmanos, todos eram tratados igualmente. Por isto é que entre os ulamas são encontrados sábios e seus discípulos e apoiadores, pessoas das mais diferentes classes e localidades e o número de não-árabes muito maior do que de árabes. Não havia diferença de cor e raça entre os ulamas e sábios. A esse respeito, também pode-se dizer que entre os ulamas não-árabes daquela época muitos eram escravos ou *mawalis*

(escravos libertos). Daí, que se pode afirmar que foi o Islam quem ofereceu até aos escravos as oportunidades de adquirirem o saber e alcançarem uma alta posição na sociedade humana.

A poesia foi um ramo da arte que recebeu apoio oficial durante o califado omíada. Os três grandes poetas da língua árabe da corte daquela época eram Akhtal, Farzuq e Jurair, sendo de se ressaltar que Akhtal era cristão. Como os governantes omíadas apoiavam a poesia segundo suas próprias inclinações, não era uma poesia de orientação sadia. Na verdade, era um tipo de poesia que tinha prevalecido antes do advento do Islam e que tinha sido suprimida na época do Profeta (s.a.w.) e dos Califas Justos, e que ressurgira no período omíada. Como antes, tornara-se moda, mais uma vez, os poetas se embriagarem.

Na ausência de outros meios de publicidade e propaganda, cada grupo queria ter alguns poetas ao seu lado e, por isto, eles também se dividiam em vários grupos e partidos. Por exemplo, além dos três poetas da corte acima mencionados, os omíadas também tinham Miskin Darmi e Abdullah bin Khareja, mais conhecido como "As-ha". Da mesma forma, No'man bin Bashir Ansari, Yazid bin Rabia, Aiman bin Kharim, e outros, eram os poetas dos alauítas. Havia também os poetas dos carijitas, os poetas adeptos da família Zubair, etc. Também havia os poetas sem qualquer ligação política.

A *Khitabat*, ou oratória, também foi uma arte que se desenvolveu bastante durante o período omíada. Embora não fosse uma coisa nova entre os árabes, pois desde antes do Islam a língua árabe já se manifestava por intermédio de grandes oradores, foi depois do surgimento do Islam que ela foi muito estimulada e durante o califado omíada a oratória alcançou a categoria de uma grande arte.

A arte da escrita também evoluiu muito. A língua oficial dos omíadas era o árabe e, por isso, era necessário



que os não-árabes a aprendessem. A arte da escrita era chamada de *Kitabat* e o escriba de *Katib*. Os *katibs* eram empregados não só dos califas e do governo mas, também, dos aristocratas e de homens de posição. Assim, havia uma grande necessidade de escribas e eles conseguiam melhores oportunidades de emprego e bons salários. Muitos *katibs* atingiram a perfeição nessa arte, dentre os quais Salem e Abdul Hamid são bem conhecidos.

A língua árabe também conheceu um grande avanço durante o período omíada. Vários estudiosos se interessaram pelo aperfeiçoamento da língua. Era a língua dos árabes e para eles não havia necessidade de gramática e redação. Porém, quando o árabe tornou-se a língua oficial do estado, os não-árabes tiveram que aprendê-la e era muito difícil para eles aprender uma língua sem a sistematização da gramática. Foi, então, que o regime decidiu dar mais atenção à compilação da gramática árabe. Sabe-se que no período de 'Ali (r.a.a.), o quarto califa, um de seus discípulos, Abdul Aswad, redigiu as instruções do califa sobre sintaxe árabe. O próprio 'Ali (r.a.a.) também se interessou em copiar sua gramática, pois ele tinha codificado algumas regras gramaticais. Porém, depois dele, esse trabalho foi interrompido e durante o califado omíada houve a percepção da necessidade de se dar continuidade àquele trabalho. Qatadah e Abu Omar bin Al-ala foram incumbidos da tarefa, trabalharam arduamente durante anos e conseguiram reunir uma porção de informações lingüísticas. No entanto, não foi compilado qualquer livro mas o material reunido pelos omíadas foi de grande utilidade durante o período abássida, quando foi realizado um trabalho sério sobre a língua. Não obstante, são dessa época dois livros sobre sintaxe, de Eisa bin Amr Saqafi.

História foi um assunto que recebeu a atenção de Amir Muawiya. Ele tinha ouvido falar dos acontecimentos do passado, através de relatos de historiadores e patrocinou um historiador iemenita, Ubaid bin Sharba, que escreveu dois livros de história, *Kitabul Amsal* e *Kitabul Maluk was*

*Akhbarul Mazi-in*, que tratavam da história de Ajam. No mesmo período, um outro historiador, Awana bin Hakam Kalaibi, escreveu um livro, *Kitabul-Tarikh*, e uma biografia de Amir Muawiya, e Wahb bin Manba também escreveu a história dos reis do Iêmen. Há o registro de livros escritos por um sábio xiita, Abu Mahnaf, sobre história. At-Tabari usou como fonte de referência alguns eventos narrados por ele.

A genealogia era um ramo antigo do conhecimento árabe. Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), o primeiro califa, foi um grande estudioso das genealogias. Omar (r.a.a.) também deu muito atenção a esse ramo do saber e pagava salário para que especialistas preparassem a genealogia dos árabes. Durante o período omíada, a genealogia também progrediu bastante. Ibn-e-Asirin, Sayid bin Musi-eb e Muhammad bin Sayeb foram orientados para trabalharem nesse campo.

Omar bin Abdul Aziz conseguiu que fosse traduzido do grego para o árabe, “*Qarabadin*”, um livro de ciência médica. O autor do livro era Ahram e foi traduzido por um médico judeu, Masar Joya.

Khalid bin Yazid bin Muawiya foi um grande amante do saber. Ele aprendeu dos gregos ciência médica, química e filosofia, e escreveu alguns livros sobre química.

Alguns livros também foram traduzidos durante o reinado de Hisham. Seu *katib*, Salem, traduziu as cartas escritas por Aristóteles para Alexandre, o Grande.

Não existia instituição educacional conforme a conhecemos hoje, no entanto havia as *Maktabas*, que eram destinadas ao ensino fundamental e as *Halaqa-i dars* (círculos de ensino) para os estudantes mais velhos, que se assemelhavam às modernas faculdades de nossos dias. As crianças, após obterem a educação primária nas *maktabas*, eram admitidas na *Halaqa* de cada *Alim*, que, por sua vez,

tinha sua própria *Halaqa*, ou círculo de ensino, onde eram ensinados o Alcorão, os *ahadith*, o *fiqh*, a língua árabe, a poesia, a literatura, escrita, história e outras matérias. Os estudantes tinham permissão de formularem questões, que eram respondidas pelos professores.

Havia *maktabs* até mesmo nas localidades menores, mas as *Halaqa-i-dars* somente nas cidades grandes e vilas. Dentre as *halaqa-i-dars*, a de Abdullah bin Abbas foi a maior. Aysa (r.a.a.) também tinha a sua *halaqa-i-dars*, onde ela se sentava por detrás do *purdah* para ensinar aos estudantes.

De um modo geral, tem-se que os muçulmanos começaram a ensinar e a aprender a partir do período abássida, porém, como se pode ver pelo que foi exposto acima, esta visão não é correta. Os muçulmanos, na verdade, começaram a buscar o conhecimento ainda durante a existência do Profeta (s.a.w.) e continuaram no período dos Califas Justos e durante o período omíada também. No período abássida foram adotadas medidas que beneficiaram a educação, mas a busca pelo conhecimento em si, foi antes dos abássidas.

## Os Zimmis

Os não-muçulmanos, ou zimmis, residentes no estado islâmico, nunca foram maltratados por qualquer regime. Eles foram tratados com tolerância pelos Califas Justos e no período omíada, apesar de todos os seus defeitos e faltas, os governantes jamais maltrataram os *zimmis* ou as minorias. Em relação a essa questão, eles sempre observaram os princípios islâmicos. Amir Muawiya nomeou vários cristãos para postos-chave, inclusive para o exército. O coletor de impostos em Hemasa era um cristão. O médico do Califa também era um não-muçulmano.

Ninguém estava autorizado a interferir nas questões internas ou religiosas dos não-muçulmanos. Esta política foi seguida à risca durante todo o califado omíada. Havia

também os judeus residentes no estado islâmico e eles também nunca foram maltratados. A única coisa que os não-muçulmanos eram obrigados a fazer era pagar a *jizya* e nada mais. No entanto, os *ajamis* (não-árabes) que eram ou escravos ou libertos não recebiam um bom tratamento, apesar do fato de eles terem aceitado o Islam. Esta também é uma mancha negra no regime omíada.

## OS OMÍADAS

### ÁRVORE GENEALÓGICA

Umaiyya bin Abd-e-Shams

Abul Aas bin Umaiyya	Harab bin Umaiyya Harab
Hakam bin Aas	Abu Sufyan bin
Marwan bin Hakam 4	Muawiya I bin Abu Sufyan 1

Muhammad Bin Marwan	Abdul Aziz bin Marwan	Abdul Malik bin Marwan 5	Yazid bin Muwaiya 2	Ibn
Marwan II bin Muhammad	Omar bin Abdul Aziz 8		Muawiya II bin Yazid 3	
Hisham (10) bin Abdul Malik	Yazid II (9) bin Abdul Malik	Sulaiman (7) bin Abdul Malik	(6) Walid bin Abdul Malik	
			Yazid III (12)	

Walid II (ii) bin Yazid II<sup>N.A.</sup>

<sup>N.A.</sup> Os números de (1) a (12) indicam a ordem de sucessão ao Califado.